D. JAYME

D. JAYME

POEMA

POR

THOMAZ RIBEIRO

Da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

COM

UMA CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

PELO SENHOR

A. F. de Castilho

PORTO

EM CASA DE VIUVA MORÉ—EDITORA

1868

AO SEU PARTICULAR ILLUSTRE

E

ANTIGO AMIGO

JOÃO DA COSTA BRANDÃO E ALBUQUERQUE

Offerece

A 3.ª EDIÇÃO DO SEU

D. JAYME

Thomaz Ribeiro.

«Quand la limite de la souffrance est
«débordée, la vertu la plus imperturba-
«ble se déconcerte.

. . . .

«Les grandes douleurs, contiennent
«de l'accablement. . . . .
«L'homme, chez lequel elles entrent,
«sent quelque chose se retirer de lui.»

V. Hugo—*Misérables*.

PROLOGO

DA SEGUNDA EDIÇÃO

—

CARTAS

Aos meus amigos
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos,
e J. F. de Castilho Barreto e Noronha.

I

O sr. Antonio Feliciano de Castilho, que sempre hei-de considerar meu mestre e meu amigo, escreveu não sei quando, um bello artigo sobre a conveniencia do tratamento de *vós,* que já foi nosso, e que ainda hoje é dos velhos da minha provincia.

Deixando pois por agora as senhorias, e as excellencias, permitti que nas poucas observações que tenho a fazer ás vossas excellentes criticas ácerca do *D. Jayme* vos trate segundo os conselhos do meu presado mestre.

Não é usual vir o autor de uma obra deffendel-a na imprensa; mas ha exemplos; e se os não houvesse dava-o eu. Desagradaria a muita gente, é provavel; já estou nessa posse, e nella já agora terei de manter-me no trajecto longo ou curto, feliz ou infeliz, da minha vida.

Presando cordealmente os meus amigos, e respeitando os meus adversarios, apreciarei sempre os conselhos de todos, sem nunca despresar os da minha íntima consciencia.

Dois motivos me obrigam a dirigir-vos estas cartas: o primeiro, é render á critica esclarecida e sincera a homenagem a que tem jus; o segundo, é agradecer-lhe publicamente a urbanidade com que me tratou.

Já vêdes que não é exclusivamente a vós que este preito é devido, mas á grande maioria da imprensa portugueza e brasileira, que nas apreciações, mais ou menos severas, com que honrou o meu poema, soube empregar a delicadeza e cortezia que lhe são proprias, e que nunca devem proscrever-se da boa camaradagem litteraria.

A este canto de Portugal onde vivo, chega apenas o esmorecidissimo eco das pugnas politicas e litterarias que vão por esse mundo; e a não ser a *Revolução de Setembro*, e o *Constitucional* do Rio de Janeiro, que me trouxeram as vossas excellentes cartas; a não serem as noticias que

um ou outro amigo officiosamente me transmitte, eu não saberia ainda do alvoroço que o meu livro tem causado em Portugal e no Brasil.

Hoje, que as vossas eruditas analises são findas; hoje que supponho já cançados d'acutilar, os braços dos mais freneticos inimigos do meu poema, volto a encontrar-me com *D. Jayme,* que mais não tornei a ver desde que em Lisboa, no mez de Agosto de 1862, o mandei correr mundo.

Saiu acompanhado por um excellente Mentor: o primeiro poeta portuguez teve a bondade de lhe offerecer o seu braço, e de o querer apresentar na alta sociedade litteraria; ia acoitado a tão boa sombra, que podiam dormir os meus cuidados. Pois apesar do nobre protector, e até por causa de tão distincta protecção, tem-lhe corrido vária a fortuna: aqui, foi recebido entre applausos, festejado, querido, amado, e victoriado; álem, vestiram-no de Sileno, vendaram-lhe os olhos, apuparam-no, investiram-no... enlamearam-no; ali, tocaram a rebate, proclamaram a sedição, apontaram-no ás turbas, e cobriram-no de improperios. Nobres e excellentes almas! só empenhadas na moralidade publica, e na honra nacional!

E, podeis crel-o? nem o homem a quem Portugal deve tanto, poude cariar o respeito que lhe é devido! os golpes e os arremessos procuraram-no tambem! havia só uma differença: o sr. Cas-

tilho ia sereno e sobranceiro dentro da impenetravel coiraça da sua gloria; e o *D. Jayme* não tinha escudo, nem loriga. Mas nada d'isto, acreditae, me dóe, nem maravilha; a nossa mocidade, ainda a mais esclarecida (como a que assim cruamente recebeu o meu trabalho tão despretencioso e tão modesto) é em grande parte fogosa e impaciente; quando ella trabalhar, não já para matar a reputação d'um homem que estuda, mas para adquirir a sua, ha-de fazer-me justiça; á sua consciencia d'então entrego eu já o meu pleito.

Por agora, hão-de permittir que eu me julgue muito honrado com o accordão preferido pelo supremo tribunal de justiça litteraria no processo de critica ao *D. Jayme,* de que vós fostes juizes; digo *por agora,* por que estas sentenças sei eu que não passam em julgado, nem ha prescripções para a instauração de novos processos.

Até hoje, não são mortaes os ferimentos do *D. Jayme;* se o fossem, era na verdade o meu livro uma vergonha nacional; fôra-lhe bem-vinda a morte. Um livro e uma reputação valem pouco, ao pé da honra e da gloria da minha patria.

Digo-vos isto, meus amigos, com toda a serenidade e despreoccupação do meu animo.

Visto porém que o *D. Jayme* tem de sobreviver á lucta, hão-de condecoral-o as cicatrizes. Um livro, deve ser como um soldado: ou morre na refrega, ou se retempéra nas fragoas da peleja.

O meu poema valeria bem pouco para mim, se ao apresentar-se no mundo, apenas obtivesse as honras de uma continencia, ou de uma parada; a critica, atirando-lhe a luva, deu-lhe as do combate; por isso eu lhe agradeço do fundo d'alma, ainda á que o tratou mais sem piedade.

Sabeis o que acontecia se o *D. Jayme* não resistisse á critica? sabeis o que d'ahi resultava para a minha carreira litteraria? Em vez de *continuar, recomeçava.* Para muitos, seria a morte; para mim... era pouco mais que a troca d'um verbo. Passados annos, vinha de novo offerecer o meu trabalho á sociedade, e se ella m'o reprovasse ainda, voltava a trabalhar de novo; não já no intuito, aliás louvavel, de ser util á *coisa publica,* mas pelo prazer, e pela necessidade de trabalhar, que é a sina da humanidade, e a esmola que Deus nos deu em compensação da graça que perdemos.

Se eu conhecesse a minha ultima hora, mandava queimar os meus papeis, e morria em paz e certo em minha consciencia de haver tentado pagar á minha terra o tributo de amor e dedicação que lhe devia. Muitos ha que podem mais, e creio que não fazem tanto.

A prova mais evidente que vos posso dar do meu respeito á critica, (não esqueçais que sempre que fallo da critica, me refiro áquella que respeita, embora agrida, o homem que trabalha;

que é justamente a que se respeita a si) a prova mais evidente, ainda mais do que estas cartas, é a minha demora em fazer a segunda edição. Em poucos mezes vendeu-se em Portugal e no Brasil a primeira edição do poema que era de mais de dois mil exemplares.

Desde de 10 de Setembro que sou instado para fazer segunda edição, e tenho resistido até hoje ás instancias dos amigos, e ás dos meus proprios interesses. Sabeis de certo a razão: o consumo do livro, não é prova incontestavel do seu merito; a curiosidade veio de certo ao mercado. Um livro não se julga quando se compra, mas só depois que se lê; e é preciso esperar ainda que se acalmem os sentimentos de odio, ou de enthusiasmo, se tem, como teve o *D. Jayme,* a fortuna de os excitar.

Ja vêdes com que philosophica serenidade eu me aproximei ao cadinho da opinião publica em que o *D. Jayme* devia desapparecer ou depurar-se, e tenho esperado o resultado d'esta operação; a depurar-se daria á luz a segunda edição; se não... para *vergonha nacional* bastava a primeira.

Com algumas correcções que a boa critica me tem ensinado a fazer, vai o *D. Jayme* sair novamente á luz. Boas razões abonam agora a minha deliberação: álem da opinião do meu presado mestre, o mais autorisado juiz para julgar poemas que hoje tem Portugal, são findas, com o

mais favoravel e honroso parecer, as vossas eruditissimas apreciações, nas quaes, segundo creio, se entrou a amizade, não entrou o favor.

É-me favoravel a maioria da imprensa das duas nações em que se falla a nossa lingua.

Tenho recebido d'um e d'outro paiz, permitti-me dizel-o, que não é para me engrandecer, mas para me justificar, muitas e honrosissimas cartas dos mais eminentes e conspicuos juizes em materias litterarias, a maior parte dos quaes, nem pesssoal, nem tradicionalmente me conheciam; e foi-me dirigida uma felicitação sobscripta por doze nomes dos mais illustres do Imperio Brasileiro, que, mais honrosa, nem mais espontanea, não me parece que a possa haver. Perdoae, meus amigos, se para esta visita de agradecimento, que hoje vos faço, pendurei ao peito as minhas condecorações litterarias! Acho-me tão honrado com ellas... e depois, esta visita é solemne, pelo alto espirito dos visitados, e pelo profundo respeito e reconhecimento que lhes tributa o visitante.

Sinto vivos desejos de vos transcrever aqui alguns trechos dos meus papeis (estive para dizer: dos meus pergaminhos) ou pelo menos os nomes illustres que os firmaram; mas, acima dos motivos que me são pessoaes, ha uma razão poderosissima que me obriga a occultal-os; ponderae-a vós: o sr. Castilho, só porque teve a desgraçada

franqueza de declarar que o meu poema lhe agradava, viu-se menos bem acolhido por alguem que não perdoa que se elogie o *D. Jayme;* quero poupar a essa, felizmente pequena parte da imprensa do nosso paiz, o ensejo da reincidencia; occulto por isso os nomes d'esses cavalheiros, que tiveram o mesmo mau gosto que teve o sr. Castilho. Deixo a todos elles consignado aqui o protesto do meu reconhecimento, e poupo-os ao desaire de verem posta em duvida a sinceridade das suas manifestações.

II

Vou dizer-vos, pois vem a ponto, quaes sejam os meus principios ácerca d'umas certas questões especiaes de politica, de direito, e talvez de moral.

Emquanto a politica, tenho para mim que as grandes nações são as maiores inimigas das liberdades: das suas, como das alheias:

Das suas, porque não tendo olhos nem braços bastantes para vigiar e encaminhar os movimentos e as tendencias das muitas e distantissimas forças livres, deixam-nas cair em desvios desgraçados, e recorrem para logo ao governo da repressão, e da compressão.

Das alheias, porque sabem como a arvore da liberdade se alarga em copa e em raiz, e pressentem como lhes ha-de minar o seu campo, e lançar-lhe lá dentro a milagrosa semente.

As instituições da mais ampla liberdade, são possiveis nos pequenos povos; apanagio dos grandes, são os governos *fortes*.

Eis o motivo porque, em these, eu detesto as grandes nacionalidades.

As grandes nações tendem sempre, até por força da sua organisação, não só a influir, mas a pesar directa ou indirectamente, nas relações externas dos pequenos povos, e nos seus negocios domesticos. Quando para os seus caprichos é mister que as pequenas nacionalidades não tenham direitos, nem brios, não os têem, por que o grande povo lh'o manda intimar pela boca dos seus canhões!

Não exemplificarei, para não reabrir feridas de cicatrizes mal curadas.

Ahi tendes o motivo por que, na qualidade de portuguez, como filho de uma nação pequena, odeio as grandes nacionalidades.

Já vêdes que a questão, posta na these, ou na hypothese, me offerece o mesmo resultado.

Não deveis esquecer que, mais do que o politico, o homem das considerações e das conveniencias, é um poeta, que vos está fallando no gozo de todas as suas ligitimas liberdades.

Isto, como vêdes, é o resumido extracto do meu raciocinio; mas como o poeta não deixa de fóra o coração, ainda nas mais graves questões, quero que nesta o oiçais, fallando-vos pela boca de Chateaubriand no *Genio do Christianismo:* (1)

«O instincto exclusivo do homem, o mais bel-«lo, o mais moral dos instinctos, é o *amor da* «*patria*...... A providencia, digamol-o assim, col-«lou os pés de cada homem ao seu torrão natal, «com um iman invencivel.................... .....

«É muito de notar-se que quanto mais ingrato «é o solo d'um paiz, mais o clima é rude, ou, «que diz o mesmo, quantas mais perseguições «se sofrem num paiz, mais encantos elle tem pa-«ra nós. Estranha e sublime cousa, que a des-«graça nos prenda, e que o homem, apenas es-«bulhado d'uma choça, seja o que mais anhela «o tecto paternal!.................................

«Um selvagem quer mais á sua cabana, que um «principe ao seu palacio; e o montanhez acha «mais encantos na sua montanha, que o habitan-«te do descampado ao seu sulco. Perguntae a um «pastor escossez se quer trocar a sua sorte pela «do mais opulento potentado da terra. Longe da «sua tribu querida vai com elle a saudade d'ella; «por toda a parte se lhe afiguram os seus reba-

(1) Traducção do sr. Camillo Castello Branco.

«nhos, as suas torrentes, as suas nuvens. Os seus «anhelos unicos, é comer o pão de cevada, be- «ber o leite da cabra, e entoar nos seus valles as «baladas já sabidas de seus avós. Se não volver «á terra natal, morrerá. *É planta montanhosa; «importa que a sua raiz lavre no penhasco; se a «não castigam ventos e chuveiros, não prospéra: a «terra, o abrigo, e o sol dos plainos, fal-a mor- «rer*..

«Refere-se que um grumete inglez, tanto se «afeiçoára ao navio em que nascêra, que não po- «dia sofrer o separarem-no um instante. Quando «o queriam castigar, ameaçavam-no de o manda- «rem a terra; e eil-o ía em altos gritos escon- «der-se no porão.....................................

«O coração gosta naturalmente de reconcen- «trar-se; menos se mostra no exterior, menos «superficie offerece aos ferimentos: d'ahi vem «que os homens muito sensiveis, como são em «geral os desgraçados, se aprazem em habitar «pequenas vivendas...............................

«Quando as raias da republica romana eram o «monte Aventino, seus filhos pereciam com pra- «zer por ella; deixaram de amal-a quando os seus «limites tocaram os Alpes e o Taurus.»

Ahi tendes por que nós os portuguezes queremos tanto á nossa patria; ahi tendes o motivo por que nossos paes deram tudo pela engrandecer; ahi tendes por que nós temos a obrigação

de a guardar e fortalecer! Deus queira que os nossos filhos não tenham necessidade de a defender, e os nossos netos... quem sabe! de a vingar!

Álem das razões que vos dei do meu odio ás grandes nações já constituidas, ou consolidadas, tenho-as especiaes contra as novas annexações; razões que me são graves como filho de uma nação pequena, mas que o não seriam menos se pertencesse ao maior imperio do mundo.

Tenho para mim que os pequenos povos annexados, longe de multiplicarem as forças dos annexantes, lhes tomam uma parte d'ellas, que fica não só improductiva, mas destruidora, por ser empregada na pressão, no esmagamento da parte annexada.

As forças do algoz e da victima, são duas parcellas a diminuir na somma total dos productos da humanidade.

Que lucros aufere a Russia da annexação da Polonia? A Austria, da Hungria? A Inglaterra, da Irlanda?... E comtudo a Inglaterra é para mim um paiz excepcional, por que são excepcionaes, por que são unicos os habitos e os juizos d'aquelle povo.

Tão longe vão as minhas aprehensões a respeito d'aquelle paiz, que, a suppor possivel qualquer cataclismo social, se me afigura a Inglaterra sobre-nadando as aguas do diluvio; nova arca de

Noé; ninho em que ha-de salvar-se o ovo para a novissima humanidade.

Que ventnras deu mesmo á Hespanha a annexação de Portugal, desde a morte do Cardeal Rei, até á acclamação do Duque de Bragança?

Os cuidados, tão necessarios ao bom andamento dos negocios do estado, foram votados todos ao aniquilamento d'esta nacionalidade latente. A mão do carrasco sempre no pulso do condemnado; o espelho aos labios; e a cada tremor epileptico, o ferro a traspassar-lhe as entranhas, o veneno a derramar-se-lhe entre os labios!

Ahi tendes o que para Portugal foi a Hespanha no curto instante de 60 annos! Assassino frio, paciente, attento, infatigavel, indistraível! até que, numa convulsão mais violenta, Portugal se levantou hirto e alto, e o algoz foi victima.

Perguntae á Hespanha e á humanidade, pelo accrescimo de proventos moraes ou materiaes d'aquelles 60 annos.

Sabeis quem relativamente perdeu menos? fomos nós, que robustecemos no meio das amarguras o amor que se deve á patria, e tomámos bem o peso ao jugo estrangeiro, para sabermos quanto custa, e como dóe.

Alguem ha-de julgar que estou condemnando a unificação da Italia; vou ser explicito:

Como liberal convicto que me préso de ser, applaudo o principio que presidiu á revolução ita-

liana. Era a manumissão d'aquelles servos da gleba, que serviam acorrentados e mudos, álem dos seus mais proximos tyranos, o altivo imperio da Austria. Era uma causa sagrada.

Confesso porém que não posso applaudir o modo por que a annexação se consummou: primeiro, porque só em caso extremo quero a interferencia de estranhos nas dissenções domesticas; em segundo logar, porque não creio no suffragio, quando o povo inerme e livre não é a unica sentinella da urna.

Hoje ha para mim uma prova mais forte que todas as anteriores da sinceridade e espontaneidade da união de Napoles a Turin: é o ultimo lamentavel acontecimento da Italia.

O primeiro soldado italiano, cheio de impaciencia pela realisação do seu grande sonho de gloria e de venturas para a sua patria, insurgiu-se contra a nobre paciencia do seu Rei; desenrolou a bandeira revolucionaria, e, sendo o primeiro amigo da Italia, deu aos inimigos da joven nacionalidade, se os tinha, o mais propicio ensejo de a esmagarem no berço.

Pois ao escutarem a voz d'El-Rei, que proclamava «ordem», as duas Sicilias viram passar Garibaldi; cortejaram-no sem o victoriar; e assistiram á catastrofe de Aspromonte, com as lagrimas nos olhos, com a dor no coração, mas com os braços inermes cruzados sobre o peito.

Este facto é d'uma eloquencia cruel para os que desejam a efemeridade da Italia.

Eu não a desejo; receio-a ainda.

O que porém não é possivel, é deduzir-se da annexação italiana argumento para a união iberica.

Aquelles povos viviam separados, mas podiam ser, e parece que eram, amigos; e as duas nações d'esta peninsula foram sempre excellentes visinhos, mas pessimos casados; é ler a historia que são os autos do divorcio.

A Napoles era precisa a união, para se livrar dos tractos que lhe inflingia o seu tyrano domestico, e a toda a peninsula, para sacudir o jugo que lhe impunha outro tyrano estrangeiro; nós, é preciso confessal-o bem alto, vivemos sob um regimen largamente liberal, que não tem inveja aos mais liberaes do mundo.

Vinha muito a ponto dizer aqui todas as desvantagens moraes e materiaes que d'esta união podiam provir-nos, mas não quero demorar-me com essa demonstração, porque isto entre nós não se discute.

Pareceu-me porém conveniente dizer estas verdades aos nossos bons visinhos, para que elles se não illudam a respeito da verdadeira opinião d'este paiz.

E quando elles nos annunciam, com a maior amabilidade possivel, que sabem o caminho do

Porto, e não sei d'onde mais! Que modestia! Podem dizer tambem que sabem o d'Aljubarrota e da Batalha, onde devem fazer uma romaria annual, para que Deus os livre de más tentações.

Termino esta carta, transcrevendo um artigo da *Revolução de Setembro,* com data de 10 de Outubro de 1862:

«O casamento do rei de Portugal com uma prin-«ceza da casa de Saboya deu á imprensa legiti-«mista occasião para censuras e reparos, vendo «nelle indicios de se realisar o iberismo, fazen-«do de D. Luiz na peninsula iberica o que Victor «Manuel tem sido e está sendo na peninsula ita-«lica.

«Como arma partidaria, o assumpto é bem es-«colhido, nem elle está fóra da apreciação da im-«prensa e dos estadistas; como negocio partida-«rio, parece-nos que os proprios censores não o «acreditam, e que se riem das suas supposições «aventurosas.

«O iberismo para Portugal é tão util e vanta-«joso sendo chefe do estado D. Luiz, como sen-«do D. Isabel. A pessoa do monarcha, a dynastia, «é um accidente nos governos representativos; «as maiorias são as que preponderam nos con-«selhos da nação. Esse accidente, que é ás vezes «muito num momento dado, que é importante «para as familias reinantes, é insignificante na vi-

«da dos povos e na immensidade do tempo. Que «a Hespanha conquistasse Portugal, ou que Por-«tugal conquistasse a Hespanha, a situação ficava «sempre a mesma.

«Não sabemos o que está na mente dos poten-«tados que exercem hoje influencia na sorte do «mundo; mas podemos asseverar aos que receiam «o iberismo que nós, sem termos os seus receios, «nutrimos os mesmos sentimentos de nacionali-«dade e independencia, e somos tão adversos á «absorpção sendo nós os absorventes como sen-«do os absorvidos.

«Não deixa comtudo de ser glorioso para nós «a supposição, mesmo infundada, de ser preferi-«da a dynastia de Portugal. Honram a nação as «virtudes dos seus principes, e val ella tanto co-«mo elles valem, porque se acredita

«Que é certo que c'o rei se muda o povo.»

«Tem a dynastia hespanhola adversarios que a «queiram destruir propondo a união iberica sob «o sceptro de Portugal? Por maior que seja a «honra para a dynastia de Bragança, oppomo-nos «a ella. E como a dynastia hespanhola tem inte-«resse em se sustentar, esta rivalidade, esta com-«petencia, este receio ainda talvez se converta «em beneficio dos povos, que é o unico resulta-«do que nós vemos como realisavel.

«São coisas d'este mundo. Ha um anno todo o «Portugal receiou uma invasão para realisar o «iberismo, e fervia todo em trabalhos para resus-«citar a padeira de Aljubarrota, e os manes dos «heroes de 1640. Hoje querem fingir que nós nos «preparamos para ser invasores, e os que nos «distribuem tão brilhante papel estão embuçados «a rir-se da seriedade que elles mostram, quan-«do querem simular que acreditam.

«Enlaçando a casa de Bragança com a de Sa-«boya, não queremos que poder nenhum estran-«geiro influa nas nossas coisas. Queremos tanto «á rainha por ser filha do rei da poderosa Italia, «como se fosse filha do rei do pequeno Piemonte. «São as virtudes de familia, as da pessoa, e não «a sua fortuna, que presamos e queremos. E se «d'este enlace nos póde vir um voto favoravel no «conselho das grandes nações, se a algumas que «nos pódem querer mal pudermos oppôr outra «que nos queira bem, tem isso tambem seu va-«lor, mas essa estima concilia-se sem fazer do «casamento um acto de partido, porque as na-«ções conduzem-se por interesses diversos dos «que criam os enlaces matrimoniaes.»

Perfilho esta doutrina que é a do meu paiz. A «snr.ª de Solms e mr. de la Varenne, desperdi-çaram um preciosissimo tempo.

III

Os principios geraes de politica, exarados na minha carta antecedente, justificam a idéa anti-iberica do meu poema.

Resta-me justificar a acção que para elle teci, e os caracteres que desenhei.

Conversemos um pouco sobre direito e moral.

Ambos vós, como bons advogados e doutores da lei, abristes o codigo penal d'hoje, e o livro 5.º das ordenações Filippinas para conhecerdes dos crimes do meu *D. Jayme,* e para lhe acudirdes com as circunstancias attenuantes. Agradeço-vos por mim e por elle. Mas visto que estamos no tribunal da justiça, depois das allegações dos advogados, o juiz pergunta ao reu se tem mais que dizer em sua defeza. Tende a paciencia de o ouvir.

Primeiro que tudo sou christão, sou bacharel formado em direito, e dizem que sou poeta.

Como christão, creio em Deus, nas tradições, nos preceitos e na poesia do novo e do velho testamento; venero os canones da egreja, e respeito a intenção de todos os moralistas e santos padres.

Como jurisconsulto, creio na justiça, de que

sou sacerdote humilissimo, reverenceio as leis civís, e sujeito-me ás penaes.

Como poeta, despréso ou deploro todos os absurdos dogmatisados nos livros de moral e nos codigos; e desertei do foro. Reclamo todas as franquias que me são concedidas na carta constitucional outorgada por Horacio, e não concedo a ninguem o direito de m'as contestar ou cercear.

Ahi tendes a profissão da minha fé.

Agora vamos á nossa conversação:

Escrevi no livro da consciencia, para norma das minhas acções, os principios da moral e do justo que me pareceram estremes de fezes, e, sendo amigo de Platão, fui mais amigo da verdade.

Deixae que vos diga aqui alguns dos preceitos que me inspiraram os dois congenitos principios: o justo e o bom;—mas só os que vierem a ponto para a minha justificação.

Tomei como fundamento para os meus raciocinios, deducções e doutrina, não a Deus, como quer a filosofia theologica, permitti-me a expressão, por que a sua essencia sublime, tão longe do nosso limitado alcance, apenas se nos denuncía por algumas raras manifestações das suas infinitas virtudes; não a natureza material, como quizera a filosofia atheista, por que tal principio fôra mudo, cego, inerte, e infecundo; não a natureza do homem isolada, o *eu* absoluto, obje-

ctivo ou subjectivo, por que fôra aproveitar uma areia no deserto, uma gota d'agua no mar, um murmurio no espaço, um atomo no infinito. Consultei a natureza humana em si, e nas suas relações necessarias com o ser creador e com os entes creados: foi esta a baze das minhas cogitações, e é agora o principio da minha justificação.

Lede esses fragmentos avulsos, extractados do codigo intimo das minhas doutrinas:

....

O homem é creatura de Deus; nem tão perfeita, como julgam os mil Narcizos que de dia a dia se estão admirando e namorando, nem tão imperfeita como Hobbes teimava em proclamar.

O homem até os 20 annos é um composto de innocencias e vagas aspirações; depois é um aggregado de vicios e virtudes.

As virtudes, são-lhe sentimentos naturaes; os vicios, qualidades adventicias.

....

O homem considerado na sociedade, chama-se *cidadão.*

Neste estado, não se inquire de *sentimentos,* mas d'*acções.*

As *virtudes sociaes,* são *actos conformes á lei;* os *vicios,* chamam-se: *crimes.*

A fortuna, é quasi sempre filha de circunstancias accidentaes.

D'um heroe a um bandido, ha quasi só a distincção da fortuna.

....

A *moral,* legisla para o *homem;* o *direito,* para o *cidadão.*

O homem e o cidadão, não são entidades distinctas, mas têem distinctas regalias, e distinctos deveres.

A consciencia e o forum, são tribunaes differentes, e para differentes juizes; contrarios, nunca.

No foro interno pergunta-se ao *homem* o que pensa, o que sente, o que deseja, e o que intenta.

O *cidadão,* numa sociedade bem organisada, deve considerar-se o operario intelligente, a quem se impõe uma tarefa; no fim do dia tem de se lhe perguntar quanto a sociedade lhe deve, ou quanto elle deve á sociedade.

No estado actual da nossa preconizada civilisação, o cidadão é pouco mais que uma machina de motu-contínuo; com a differença de que, se a machina de trabalho se deteriora, concerta-se; mas o cidadão, inutilisa-se.. ....

....

Tudo o que no homem é natural, deve ser legitimo.

Condemnar o homem por um sentimento, e o cidadão por um acto natural, é condemnar a Deus.

. . . .

As tres grandes virtudes naturaes, são: a fé, a esperança, e a caridade; ou: a crença, a aspiração, e o amor.

A santa previsão social, criou tambem quatro excellentes virtudes: prudencia, justiça, fortaleza e temperança.

Não se vê ali o infinito espirito de Deus, mas acha-se o dedo do homem grande.

As tres primeiras virtudes, as *theologaes*, as filhas queridas de Deus, foram por elle implantadas na alma e no coração do homem; e, se nas suas tendencias, e para as suas manifestações não têem uma área infinita, tem-na, pelo menos, indefinida.

O pequeno verme que se chama legislador, moral, civil, politico, ou canonico, qual o quizerem, quiz amesquinhar até o que Deus fez, e decretou absurdos e sacrilegos attentados.

Cortando as azas á fé, e prohibindo-lhe a livre direcção de seus voos, criou atheus, hereges, e scismaticos; amesquinhando a esperança, ganhou scepticos e suicidas; rebaixando a caridade, que é o amor, educou egoistas e carrascos.

. . . .

A sociedade, é a balança em que se mantêem em equilibrio os fortes e os fracos.

O direito é o fiel da balança.

As leis, são os pesos e os contrapesos; reme-

dios para o doente, amparos para o fraco, respeitos para o forte, obolos para o necessitado.

Só tem direitos o ente que tem necessidades, seja racional ou irracional.

A excepção em favor dos primeiros, que se não aventa ao certo quaes são, é um miseravel egoismo do homem.

O selvagem, defendendo a sua vida contra as féras, usa do mesmo direito que a leôa defendendo seus filhos contra o homem.

A sociedade não tem direitos proprios; é apenas depositaria d'aquelles que os associados lhe conferem como um sagrado monte-pio em proveito da communidade, e de cuja administração tem de dar contas como gerente.

Os direitos absolutos, são iguaes em todos os homens; os hypotheticos, não.

Quanto mais fraco e necessitado é o homem, mais direitos e mais sagrados lhe competem.

A creança tem mais direitos que o adulto; o selvagem tem mais e melhores que o cidadão.

....

Assim como a febre é simptoma de doença nas faculdades fisicas, o crime é simptoma de doença nas faculdades moraes.

O codigo penal deve transformar-se em farmacopeia, e a enxovia em hospital.

A cadeia de hoje, é a Universidade do crime, em vez de ser a da virtude.

A lei criminal, em vez de ser o compendio de hygiene moral, é ainda, sob melhores fórmas, a consagração da antiga *vindicta social.*

....

Quando a sociedade se põe fóra da justiça em nome da conveniencia, ou da lei, o perseguido tem o direito e o dever, de sair da lei, em nome da justiça, reivindicando do cofre social todos os seus direitos de selvagem.

....

Aqui me tendes revolucionario, e utopista.

Apresento-me qual sou.

Os trechos avulsos e troncados que transcrevo da minha consciencia, ahi vão sem nexo e sem demonstração; fôra longo, e é por ora desnecessario.

As nossas leis na sua maxima parte julgo-as insufficientes e absurdas; o codigo penal sobre tudo, parece-me o primeiro criminoso do estado.

A nossa organisação politica, que passa por uma das melhores da Europa, assenta exclusivamente sobre formulas; formulas que nem ao menos se cumprem.

Dizem que é transitorio este estado; Deus lhe encurte a jornada.

Poderão dizer que tenho uma depravada moral, e que professo funestos principios de politica e de direito; digam o que quizerem.

Cheguei á edade em que se podem e devem ter convicções, e estou emancipado.

IV

Victor Hugo, nos *Miseraveis*, á luz dos seus principios, santifica os actos d'um convencional, que horrorisava a França bourbonica. Sem querer, nem por sombras, comparar-me ao grande poeta, eu, justificarei a vida de D. Jayme, que tanto escandalisou alguns moralistas do norte.

Nos dois ultimos annos de Universidade que deixei em 1855, começava a fallar-se em Coimbra em *união iberica;* os meus brios de portuguez aconselharam-me a escrever contra a tal ou qual propaganda que se queria insinuar entre nós.

Medi as minhas forças, e achei-me fraco para combater as grandes illustrações no campo do raciocinio. Deixei essa tarefa aos melhores soldados. Mas quando me achei descançado no remanso da minha familia, tornei a pensar na *união iberica;* li João Pinto Ribeiro, pareceu-me bom cidadão e optimo portuguez, e notei que tinha um appellido de que eu tambem usava. Pareceu-me que esta coincidencia me impunha obrigações.

Apalpei-me de novo, e tive pena de não ser gigante.

Nessa noite sonhei que podia escrever um poema.

Acreditei no meu sonho, e, contente de poder fazer alguma coisa em favor d'esta terra, limitei-me de muito bom grado a escrever um poema.

Não digo bem: o meu plano era para dois poemas, um dos quaes fosse de alguma sorte o complemento do outro. O primeiro, é este que se passa sob a dominação de Castella, e chega á vespera da revolução de 1640; o segundo, que devia ter por objecto a restauração de Portugal, começaria em 1640, e chegaria até á consolidação da nossa independencia. Aos que me arguiram de eu não cantar a restauração, e de não tomar por heroe a João Pinto Ribeiro, ou ao Duque de Bragança, fica dada a resposta.

O meu designio era escrever para já este segundo poema em que deviam encontrar-se muitos personagens do primeiro; mudei de idéa; esperarei que algum dos nossos grandes poetas, que nos podemos ufanar de os ter, levante aquelle glorioso assumpto, em quanto eu escreverei outro poema de diversissimo genero.

No meu *D. Jayme* tive pois em vista apresentar em ligeiro esboço as duas nações Castella e Portugal, nas duas familias Aragão e Aguilar. Na-

quella, quiz simbolisar a oppressão, a insolencia, a injustiça, a espoliação, a intriga e a traição. (*)

Na familia Aguilar quiz representar a victima de todos os flagicios, notando uma por uma as fases da sua agonia.

Por que não apresentei em vez de duas familias as duas nações?

Por dois motivos: primeiro, por que me pareceu que a missão da historia não é a mesma do poema; segundo, que devia ser unico, por que não quiz.

Comtudo respeitei a fisionomia da historia d'aquelle tempo, mais escrupulosamente do que era minha obrigação, por que não prometti a ninguem um poema historico.

Se a maior parte dos meus personagens, e muitos lances do meu poema, são ou não de mera imaginação, dil-o-hei, se, como Rousseau, escrever um dia as minhas confissões.

O primogenito da familia Aguilar, *altivo por condição,* encontra-se com Estella d'Aragão que tinha *uns olhos scintillantes como estrellas,* e *labios que pediam beijos calorosos,* e amaram-se. Parece isto natural! pois houve quem d'isto mes-

(*) As nações não são responsaveis pelas malfeitorias dos seus governos, mas são representadas por elles; por isso o que digo da Hespanha é dito do seu governo.

mo lhes fizesse um crime, por se não lembrarem: um, que era portuguez; outra, que era hespanhola! como se o coração inquirisse de nacionalidades ou decorasse historias!

Um coração de vinte annos é desmemoriado e cosmopolita. Estella d'Aragão entrega-se ao seu amante sem reservas; tal era o esplendor, e a riquissima seiva d'aquella natureza.

O amor é filho de Deus, e a sua esfera indefinida.

Assim pensam os *homens;* assim o sentem *poetas*. Victor Hugo escreveu nos *Miseraveis,* quando eu escrevia o *D. Jayme,* essas memorandas palavras:

«Il y a des natures généreuses qui se livrent, «et Cosette en était une.

«Une des magnanimités de la femme, c'est de «céder. L'amour, à cette hauteur où il est abso«lu, se complique d'on ne sait quel céleste aveuglement de la pudeur.

....

«L'amour n'a point de moyen terme: ou il «perd, ou il sauve.»

Assim o sentiu A. Dumas (filho) levantando do charco *La Dame aux camélias;* assim o decretou Deus perdoando á Magdalena por que tinha amado muito.

Comtudo, a minha Estella nunca se immundou no charco em que essas duas caíram; estas, ven-

deram-se ao mundo; Estella, deu-se a D. Jayme. Ao que ousou comparal-as, responderia *Zorrilla:*

> «Calla esa lengua de víbora!
> «que de *rendirse* á *venderse*
> «hay una distancia inmensa.»

Estella, pedindo a deshonra ao seu amante, cede a um sentimento sublime, e escreve a razão que a santifica:

> «Para ver se deshonrada
> «me davam ao teu amor,
> «ou me deixavam na rua;
> «que antes queria morrer
> «do que deixar de ser tua.»

Só não comprehende a sublimidade d'esta acção algum eunuco de sentimento que apenas é digno da compaixão dos que foram mais favorecidos da natureza.

Agora mesmo se me depara um trecho de Chateaubriand no *Genio do Christianismo,* que, analisando o divino poema de Milton, diz estas memoraveis palavras que tanto a proposito vem: (1)

«Quando a Mãe do genero humano apresenta

(1) Traducção do sr. Camillo Castello Branco.

«o fructo da sciencia a seu esposo, o nosso pri-
«meiro pae não se lança á terra, nem arranca os
«cabellos, nem expede exclamações. Um tremor
«o senhoreia, fica mudo, com a boca entreaber-
«ta, e os olhos cravados na esposa. Alcança a
«enormidade do crime: por um lado, se desobe-
«dece, é avassallado pela morte; pelo outro, se
«permanece fiel, guarda a sua immortalidade,
«mas perde a companheira, d'ora em diante con-
«demnada á sepultura. Póde regeitar o pomo;
«mas viver sem Eva? Não dura o combate: TO-
«DO UM MUNDO É SACRIFICADO AO AMOR.»

Qual sacrificio é maior que este? Comtudo, Milton não achou á roda de si tantos escrupulosos, ou não sei se devesse dizer, tantos hypocritas.

D. Jayme, depois de insultado cara a cara por D. Cezar d'Aragão, chama seus dois filhos a duello honrado, espera-os na *Cava de Viriato,* e recebe d'elles maior insulto ainda por intermedio d'um pagem. Corre a casa *dos traidores que tanto o insultaram;* Estella recebe-o nos braços, pede-lhe o perdão dos seus! O amor faz milagres; D. Jayme sai perdoando.

Os d'Aragão *inventam-lhe* um crime d'alta traição; D. Jayme, salvo pelo amor, apesar de innocente, é perseguido pela justiça de Castella como a féra brava por montaria de caçadores. Que querieis que elle fizesse? que se deixasse

esmagar como um reptil? que chamasse a justiça a duello? que se entregasse ao carrasco? ou que chamasse a sociedade que o perseguia a batalha campal? Vêde o que desejais, almas nobilissimas; é pedir por boca. D. Jayme nada disso fez; quando viu a *sociedade*, o elemento poderoso, *desligar-se da justiça* para o perseguir e aniquilar *em nome da lei* que tinha de punir um supposto crime, *collocou-se fóra da lei em nome da justiça, auferindo do cofre social todos os seus direitos de selvagem*, e fez das selvas a sua morada.

Por um providencial acaso soube uma noite que na *Quinta do bosque* ía ser assassinada Estella por seus proprios irmãos; correu lá, era tarde! encontrou o cadaver da sua amante, caíu-lhe da mão o punhal vingador; novo milagre do amor! e quando se desfazia em lagrimas, abraçando o corpo inanimado da desditosa, sente-se trinta vezes traspassado pelos dois punhaes fratricidas!

Roubado á morte por seu velho pae, surge apoz cem dias do seu grabato de dores, leva comsigo todas as joias da sua casa, e lá vai correr mundo aonde não tem uma patria, transformando-se e disfarçando-se dia a dia, encorporando-se em todas as classes, apropriando todos os papeis, fundindo-se em todos os moldes.

Dirige-o um só instincto: a vida; alimenta um só

desejo: a vingança; *qualidade adventicia* áquella natureza de heroe que sabia *servir arrastado,* mas que *trocava cada insulto, por outro insulto mais crú.* Na raia, é prêsa de dois bandidos; tinha vestido um habito de frade. Ao entrar na caverna dos salteadores, o seu plano estava formado: apresentou-se como bandido que andava disfarçado em frade, e associou os seus companheiros á sua vingança. Deveis notar porém que D. Jayme ainda não roubou; tinha as joias que seu pae lhe déra, e foi pelo preço d'ellas que alugou os braços e os punhaes d'aquelles miseraveis. A sua vingança era agora mais apparatosa; *o insulto, mais crú.* A lembrança tinha sido dos Cezares d'Aragão quando se recusaram ao duello sob pretexto de que elle tinha bandidos traiçoeiramente embuscados; D. Jayme, para *mostrar-lhes se era lembrado ou não, vinha pagar-lhes o capital e os juros* d'aquella offensa.

No momento em que a mais cruel, e por isso a mais completa vingança ía consummar-se, o nome de sua filha proferido entre o estertor da agonia, quebra as iras do desventurado pae, e os d'Aragão são perdoados, jurando entregar a D. Jayme a filha do seu amor como preço do seu resgate:

«Que ha-de fazer um pae, sem uma estrella
«que lhe guie nas trevas da incerteza

«o passo vacillante ao berço della,
«*a quem jura entregar-lh'a viva e bella!...*
Ai!...
«Que ha-de fazer um pae?!...»

Podiam enganal-o! podiam; seria até provavel, mas na possibilidade, improvavel mesmo, de dizerem a verdade, que pae que tivesse o coração de D. Jayme, ou mesmo que não tivesse, qual dos meus censores, por exemplo, quebraria o unico fio d'Ariadna que se lhe offerecesse no escuro labirintho da vida? A palha é insufficiente para salvar o naufrago, e comtudo nenhum a larga da mão na hora suprema.

De mais, havia para D. Jayme uma testemunha insuspeita: *era o pagem seu amigo;* o seu testemunho repete-o D. Jayme na Cava de Viriato:

«Foi aqui...—Junto do olmeiro,
«disse o pagem... *Não mentia;*
«voltou apenas foi dia,
«e achou o sitio deserto!...»

Doze annos de agonia correu D. Jayme *procurando o mytho que lhe alentava a esperança, doze annos em que dia a dia tropeçava nas ciladas que lhe enredavam com mão arteira os perfidos fidalgos d'Aragão que lhe mandavam indicações mentidas que por mais longes terras o levavam.*

Que faz o homem que se vê caído numa cilada? morre ou mata. Que havia de fazer D. Jayme?...

Castella, representada pelos seus tribunaes, tinha *roubado* a D. Martinho toda a sua fortuna. O nobre velho tinha enlouquecido ao ver que lhe levavam tudo: *os filhos, o tecto e o pão!* D. Germano andava longe, na guerra da Catalunha. D. Jayme andava foragido, e gastára numa tentativa de vingança todo o seu dinheiro; como soccorrer-se, e soccorrer seu velho pae?

Ha só tres meios de haver dinheiro: ganhal-o trabalhando, pedir esmola, ou roubar.

Trabalhar, não sabia, nem podia; a sua tarefa era procurar dia e noite sua filha, e não havia de mostrar-se quem tinha necessidade de esconder-se; comtudo D. Jayme, ás vezes apparece-nos *semeador na herdade* e *pastor entre os pastores*.

Pedia esmola, e o producto da caridade era religiosamente entregue a seu pae todos os annos; obolo sagrado, mas insufficiente para a sustentação do nobre louco; por que Anninhas trabalhava dia e noite, e Mem Rodrigo *pedia* de porta em porta *esmola para os tres* desventurados.

Que meios de viver restavam a D. Jayme? *haver da sociedade o que esta lhe tinha roubado, valendo-se da justiça de selvagem, visto como a justiça social o não podia proteger.*

A sociedade, assassina e roubadora, chamava crimes a estes justissimos desforços de D. Jay-

me; eu chamo-lhes justa reacção do individuo contra a sociedade, do *fraco contra o forte,* do atomo contra a immensidade.

É a revolta legitima para manutenção do mais sagrado direito.

A sanha dos d'Aragão não estava abrandada ainda: Germano, o *trovador soldado,* o cavalleiro *sans peur et sans reproche,* era a unica esperança da desgraçada familia Aguilar; era mister aniquilal-a tambem.

Escrevem-lhe um dia fingindo uma carta da sua Anninhas pedindo-lhe em nome de Deus, de seu pae, de seu irmão, e do seu amor, isto é, em nome de quanto elle tem de mais sagrado, que venha dizer o derradeiro adeus a D. Jayme que vai morrer sobre o cadafalso, e a sua irmã que está encarcerada com elle na *Torre de Vizeu,* e soccorrer seu pae que morre *sem amparo de ninguem.*

Que faria o mais nobre dos homens? o que fez Germano. Acreditando no traiçoeiro embuste, corre a pedir a *El-Rei o perdão dos seus em troca dos leaes serviços* que elle havia prestado. *D. Filippe nega-se a perdoar-lhes. Pede-lhe ao menos licença de lhes dar o ultimo adeus;* negada tambem. O soldado, retoma os seus direitos d'homem, de filho, de irmão e de amante, e sai de espada em punho em plena e justissima rebellião contra a obstinação d'El-Rei.

Fôra a traição que o perdêra, mas era a honra que o guiava. Este ultimo golpe extingue toda a esperança no coração de D. Jayme, e reaccende nelle o fogo da vingança. Entra na Hespanha para encontrar os d'Aragão, para lhes fazer pagar com a vida os juros da sua desventura, e encontra em vez d'elles a mensagem que o leva a Miguel de Vasconcellos, como unico provavel farol para o guiar na descoberta de sua filha!... Devia ser nova traição... era; mas D. Jayme tinha na mão a palha do naufrago; e quando fosse traição, que podia elle perder? uma vida que ninguem queira. Foi procurar o Valido. Apresentou-se a João Pinto Ribeiro como soldado aventureiro, uma das suas mil transformações. Quando viu o modo por que Miguel de Vasconcellos o recebia, perde a derradeira esperança, resigna-se nobremente á sua sorte, trata com profundo despreso o que suppunha seu algôz, e joga ironias á morte. Enganara-se ainda; tinha errado o caminho do seu calvario. Miguel de Vasconcellos abre-lhe de novo as portas da vingança, e deixa-o em liberdade.

É preso e suppliciado na Guarda, quando acabava de encontrar a sua filha e *de perdoar aos seus algôzes*. Fôra o ultimo milagre do amor!

Resta-me fallar da ultima accusação que se fez ao heroe do meu poema: «D. Jayme embriagava-se, e fazia vida com mulheres perdidas.»

Uma só vez o encontrais ébrio e na companhia de duas desgraçadas; é na taberna da Guarda. N'essa mesma taberna se refere igual scena passada ali um anno antes, scena que elle mesmo quizera em vão relatar a Miguel de Vasconcellos. Quando elle lhe perguntára se tinha fome, responde-lhe D. Jayme:

«É verdade!...
«Ainda me lembra: um dia,
«entrei eu numa cidade,
«e comi muito! comia
«com louca voracidade...
«via mulheres chorando...
«e eu cantava, e eu bebia...
«era um delirio... uma orgia....
«*mas não sei onde, nem quando!*
«*Sou quasi um louco!* O martirio
«não me dá veneno em vão!
....

Ahi tendes o estado de razão de um homem para quem os acontecimentos accessorios da vida passavam como sombras impalpaveis e luzes fatuas de mal decorado sonho.

Entra numa taberna da Guarda, como todos nós ainda hoje entraremos na maior parte das terras da provincia aonde a taberna é a hospe-

daria; e quando mesmo antes de 1640 a Guarda estivesse mais adiantada do que hoje, e podesse offerecer uma hospedaria aos viajantes, não convinha de certo a D. Jayme, o foragido, entrar nella, mas no mais obscuro albergue.

Na taberna, encontrava mulheres perdidas, como ainda hoje encontraria quem lá fosse, ou a qualquer outra taberna do reino.

Sabeis o que é para o esfomeado, o mais pequeno calix de vinho? é a embriaguez sem remedio.

Quando em 1854 saimos de Coimbra 400 estudantes, caminho de Lisboa, aconteceu que de Pombal a Thomar errámos a estrada, e andámos transviados pelos montes desde a madrugada até ás 3 horas da tarde sem podermos tomar a menor porção d'alimento. Depois das 3 horas, cheios de fome e de cançaço, entramos na pequena povoação de *Rio de Coiros* os que não ficaram estropeados nas montanhas. Podémos comprar uma pequena porção de toicinho, poucos e pequenos pães de milho, e meia duzia de salchichões, alguns dos quaes se comeram crus. Em quanto o toicinho se derretia nas fogueiras do nosso acampamento improvisado, para nelle podermos ensopar o pão, descobriu-se uma porção de vinho, que daria para uma ração de meio quartilho a cada um. O effeito para os pobres cançados e esfomeados, foi prompto: embriagaram-se!

Foram tantas as testemunhas, que ninguem duvidará d'este facto.

D. Jayme andava mais fatigado e mais esfomeado do que nós; para que pois condemnar um facto natural que só deve lamentar-se? Cam, tambem se riu da embriaguez de Noé, seu pae; Cam teve uma numerosa descendencia.

V

O grande criminoso do D. Jayme!

Por que mandaria Deus ao mundo estas estatuas que se movem, que olham, que digerem, que articulam, que meditam, mas que não têem alma para os grandes pensamentos, nem coração para as grandes paixões?!

Deus, creando-as, foi previdente e justo. Se não fôsse a praia, onde havia de refranger-se a onda? Se não fôsse o espelho, como havia de reflectir-se a luz? Se não fôsse Waterloo, onde iria Napoleão? Mas tambem se não houvesse inquisição, onde pararia Galileu?

Deus, creando o homem, collocou o infinito na immensidade: era preciso que o atomo se não perdesse! para isso fez os homens-estatuas, com o fim de marcar limites á sua actividade; marcos no espaço, soluções de continuidade no infinito.

Ao encontrar o obstaculo, o espirito suspende o vôo, e volta sobre si mesmo; olha-se, estuda-se e procura melhor caminho.

As estatuas-homens se muitas vezes são algôzes, são muitas mais, consciencia.

O homem-estatua é sempre o grande personagem da republica: é ministro, é legislador, é filosofo, é critico, é professor, e é, sobre tudo, juiz; o scismador, o utopista, o poeta, é o atomo que tende a voar, e que por isso encontra o marco mais vezes no seu caminho; sempre o mesmo, mas sob differentes fórmas, segundo a diversidade das aspirações: se tende para a luz, encontra uma nuvem; se procura calor, apparece-lhe gelo; se aspira ao amor, tropeça num contrato; se corre para a religião, sai-lhe um atheu; se perdoa as affrontas, chamam-lhe covarde; se pede esmola para matar a fome, chamam-lhe miseravel; se se vinga e rouba, levantam-lhe um cadafalso!

É assim a estatua-algôz; mas isto não impede que a estatua-consciencia se mantenha no seu logar de honra, e que nos mostre a verdadeira luz, apagando o fogo fatuo que nos illudíra; que nos tempere o calor, furtando-nos ao incendio que havia de queimar-nos; que nos esclareça o amor, e nos dirija a piedade.

Tudo isto ha, e tudo isto eu respeito. Peço apenas uma legitima compensação: que me res-

peitem os meus sentimentos, e que desçam do setimo céo ao nivel da humanidade, quando quizerem dar-me a honra de combater as minhas idéas, ou de cortar as minhas aspirações.

Admiravel harmonia a do universo! duas forças contrarias se ajudam e se completam! a aspiração e a inercia! a evaporação e o peso! o fogo e o gelo! a alma e o corpo! a raiz e a rama! a terra e o ceo!

Missões igualmente nobres, necessarias, indispensaveis; respeitem-se pois reciprocamente os poetas e os filosofos, lembrando-se de que nem o melhor livro de doutrina póde ser molde para um poema, nem as melhores estrofes do mundo pódem servir de preceitos num codice doutrinario.

....

O grande criminoso do D. Jayme! criminoso por quê? Por que todos os seus feitos foram devidos ao amor d'uma mulher? por que em D. Jayme apparece o filho, o pae, o irmão, e o amante, mas não apparece o portuguez? por que eu descrevi um homem, em vez de cantar o cidadão? por que eu me compadeci da familia, em vez de engrandecer a patria? emfim por que eu dei a D. Jayme um punhal, em vez d'uma espada? por que o apresento nas trevas, em vez de o apresentar em campo aberto?! Bravo! Este plano, não é emenda ao meu poema; é uma substi-

tuição; e é na verdade sublime! venha esse outro poema só igual ao *D. Jayme* nos intuitos, que eu serei o primeiro a festejal-o, como já lhe applaudo o pensamento.

Mas, sem deixar de confessar que este pensamento é optimo, concedei-me licença para insistir na defeza do meu.

O amor é uma paixão legitima; já o demonstrei; e não é a familia a synthese da patria? não é, e não foi sempre o objecto mais sagrado das nossas affeições? desde quando a virtude patriotica deixa de ser virtude familiar?

Pois para defender a patria têem os cidadãos todos os direitos e todos os deveres, e não os têem os filhos para defenderem seus paes, e os paes para defenderem seus filhos? pois primeiro que os proximos, não estão os mais proximos?

Os Brutos poderão justificar-se, quando d'um lado está a patria e do outro a familia; mas jámais quando a patria está com a familia, e a familia na patria e com a patria; e este é o caso do meu poema.

A familia dos Aguilares é a nação portugueza esmagada, vilipendiada pela dominação de Castella.

D. Jayme *está dentro da lei, em quanto a Hespanha não sai fóra da justiça.*

Não fui eu que improvisei a situação de D. Jay-

me; não foi culpa do poeta, nem do seu heroe, se a espada de D. Martinho foi trocada por um punhal, e se em vez de campo aberto e luz clara, D. Jayme teve de se bater nas trevas e nas emboscadas.

D. Jayme tinha uma espada na *Cava de Viriato,* aonde os Aragões recusaram bater-se em duello honrado, para irem assassinar a punhal, nas trevas da *Quinta do bosque,* e depois nas *mil ciladas que armaram.* D. Jayme acceitou-lhes a nova escolha das armas, das horas, e dos logares; que mais havia de fazer?

Depois, esta condemnação de D. Jayme, é tambem a de João Pinto Ribeiro, e da gloriosa emboscada do 1.º de Dezembro de 1640.

Pois os conjurados conspiraram á luz do sol? bateram-se em campo aberto? mataram em duello a Miguel de Vasconcellos? Nada disto: entraram de subito no palacio, *apunhalaram* o Valido e o seu secretario que estavam inermes, e ameaçaram uma senhora, a duqueza de Mantua, de a atirarem pela janella como tinham feito ao cadaver do ministro. Depois o povo heroico de Lisboa para saborear o prazer da *vingança,* (justiça não era de certo) mutilou, desfigurou, e arrastou pelas ruas da capital, o cadaver do Valido, tripudiando sobre elle um dia inteiro.

E ninguem chamou ainda á revolução de 1640 uma vergonha nacional. Pois os frenesís que se

santificam num povo, por que se não hão-de ao menos desculpar num homem?

A historia glorifica o Mestre d'Aviz D. João 1.º, e Giraldo-sem-pavor: um por que livrou Portugal da tyrania d'um Valido, que escandalisava a côrte e o povo; outro por que livrou do poder d'infieis uma cidade lusitana, entregando-a ao seu Rei.

Comtudo, estes dois grandes feitos consummaram-se atravez de dois covardissimos crimes: D. João 1.º *apunhalou* o Conde Andeiro quando lhe dizia palavras amigaveis; Giraldo passou por cima dos cadaveres d'uma donzella e d'um velho que *apunhalou* em quanto dormiam!

Podia citar mil exemplos que abundam na historia de todos os povos; estes são de sobejo; e já estou ouvindo uma resposta bombastica dos meus detractores: «Todos esses feitos são nobres por que são filhos do *amor da patria*, e d'elles resultaram esplendidas glorias e larguissimas venturas!»

Pobre patria! que para esta gente, não sei se és uma gloria, se um vilipendio! não sei se és uma bandeira, se um espantalho!

Eu tenho differente maneira de ver estas questões: antes de inquirir aonde chegaram, pergunto d'onde partiram. Para julgar, não espero os grandes acontecimentos; bastam-me as grandes causas.

Aos olhos do vulgo, os quadros da historia ou os da fantasia são apenas pinturas ordinarias, fotografias grosseiras sem harmonia, sem perspectiva, sem distancias e sem relevos. O bom juiz, demora-se ao pé do quadro; estuda-lhe os contornos; a harmonia das tintas; os sentimentos que representa; a vida; a força; o movimento; a luz; calcula a distancia que vai do personagem ao arbusto, do arbusto ao regato, do regato ao horisonte, e profere conscienciosamente o seu veredictum.

O quadro era o mesmo, os olhos é que eram outros. É a differença de ver uma fotografia a olhos nus, ou com o auxilio das lentes do stereoscopo.

Antes de terminar, quero affirmar-vos que nunca appareceu ninguem no mundo litterario com menos pretenções e com menos consciencia de merito do que eu.

Acceitando e agradecendo muito a *Conversação Preambular* do sr. Castilho, julguei prestar nisso um preito ás eminencias litterarias do meu paiz. Já me não parecia arrojo publicar o *D. Jayme,* desde que o meu presado mestre me dizia: *Póde correr.*

Se eu viesse desamparado e sem recommendação, parecia-me que era maior motivo de reparo, e podiam com mais razão taxar-me de audacioso. Pois d'isso mesmo que offerecia como

prova de respeito aos esclarecidos d'este paiz me fizeram um capitulo de accusação e me assacaram suspeitas d'orgulho.

Não me conhecem de certo; o meu critico mais austero, é a minha propria consciencia.

O que é o meu livro? poema lhe chamei eu, por que é escripto em verso. A que escola litteraria pertence? a nenhuma, que eu saiba, mas aparenta-se com a hespanhola. Por que adoptei aquella fórma? não a estudei, achei-a naturalmente escripta. A fantasia, que eu deixei correr liberrima, creou-a assim por sua conta e risco.

O poeta não póde ter sobre a sua mesa de trabalho nem codigos, nem regoas, nem compassos.

É o *D. Jayme* a copia fiel da historia dos sessenta annos da dominação castelhana? não. O meu amigo Cazal Ribeiro no seu ultimo eloquente discurso proferido na camara dos deputados, chamou-lhe *filosofia da historia d'aquella época*.

Quiz significar nelle receios e intuitos futuros?... Perdoae a franqueza d'um utopista: o meu livro, parece o epilogo d'uma historia, e o prologo d'uma profecia.

....

Propuz-me responder a alguns pontos das vossas criticas, e foi certamente o que menos fiz; é verdade que eu pouco tinha que dizer-vos. Nas correcções que fiz no livro, achareis as explica-

ções que aqui vos não dou. Aonde não alterei, é que não assenti ao vosso modo de ver. Em quanto á grammatica, tão habilmente defendida por vós, se na primeira edição saiu errada, errada sai na segunda. Nessa parte não pude aprender nada.

Acceitae os meus protestos de amizade e gratidão.

Fevereiro de 1863.

Thomaz Ribeiro.

DUAS PALAVRAS DO AUTOR

(Prologo da primeira edição)

No dia em que pela primeira vez tive a honra de ler o meu poema ao nosso primeiro poeta o Ex.^{mo} Sr. Antonio Feliciano de Castilho, offereceu-me S. Ex.^{a} espontaneamente uma introducção para elle.

Calcula-se com que alvoroço eu acceitei e agradeci ao meu autorisado mestre o seu generoso offerecimento; ficaram pagas as minhas fadigas: o meu poema estava nobilitado.

Quando porém li a *Conversação Preambular* que S. Ex.^{a} mandou para a imprensa, e vi as frases duplicadamente lisongeiras endereçadas ao autor e ao livro, que se dispunham a apparecer no mundo tão modestos como convinha á obscuridade da sua origem, senti que o pejo me afo-

gueava o rosto! Julgava achar uma apreciação severa, com quanto amiga, porque como amigo e muito amigo tinha eu o seu autor; mas achei uma memoria apologetica, toda a respirar affectos, cordealidades, amores!

Fui ainda procurar o mestre, o critico, para lhe lembrar que seria justo ser menos benevolente, álem dos motivos que me eram pessoaes, para que não julgasse algum leitor mal prevenido, que eu tinha sollicitado para o meu poema um cortejo de tão esplendidos elogios. O mestre, o critico, tinha saido; encontrei sómente o amigo que se obstinou em o ser.

A todos os meus escrupulos respondeu: que se a modestia do autor podia padecer, o editor era livre para acceitar as considerações que elle julgava a proposito fazer.

Um editor!.... era bom se o meu livro o tivesse.

Era facil improvisál-o; mas se a modestia podia esconder-se atraz d'esta sombra que lhe encobria o rubor, a consciencia ficaria gemendo e martirisando-me toda a minha vida. Nada préso tanto como a verdade, e só a verdade podia salvar-me.

Aqui a tem os meus leitores.

Não ha peccado na publicação d'essas bellas paginas, que são o ornamento do meu livro; e se o houvesse, qual dos nossos escriptores, con-

sultando a sua consciencia, me atiraria a primeira pedra?...

Aos meus leitores fica dito o bastante para me não julgarem vaidoso.

Ao meu presado mestre e prestantissimo amigo o Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho, consagro um protesto de muito respeito, de muita gratidão, e de muita amizade.

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

(Reproduzida da primeira edição)

O historiografo e profeta do progresso, Eugenio Pelletan, que é sem duvida alguma um dos mais insignes poetas da prosa, tem para si que a poesia formulada e medida, a poesia em verso, está por pouco. Allega suas razões para assim o crêr, e vê-se que não ha-de ser elle dos que deitem lucto quando se der á terra com a derradeira lira a derradeira Musa.

Não o chamo a terreiro, que fôra desacordo pretender medir armas e provar forças com tão denodado e victorioso campeão. Não desejo parecer-me com alguns dos nossos frades, que, pressentindo o convento ameaçado pelo seculo, levaram dos trabucos, e em vez de o salvarem, lhe apressaram a ruina.

Por minha parte, sento-me pacifico á beira da corrente dos destinos; contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem longe não me altero. Se eu fôr vivo quando já se não fizerem versos, deitar-me-hei no loireiral dos cisnes que foram, e consolar-me-hei facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos ecos, em logar de esmorecerem com o tempo e com a distancia, se reforçam e se eternisam.

¿Dar-se-ha porém que o prognostico de Pelletan não seja temerario? ¿estarão devéras a emigrar das selvas da alma, e para sempre os rouxinoes? ¿o Apollo Homerico, o formoso da perenne mocidade, envelheceria emfim, e jazerá moribundo nalguma cova do Parnazo barbarisado? Quem o sabe! Que se está operando no mundo mais uma extraordinaria metamorfose, isso é innegavel; e que ella ha-de redundar em bem, todas as transformações precedentes o certificam.

Fermentam filosofias; reformam-se crenças; innovam-se politicas; accelera-se o trabalho; augmenta-se a producção; amiuda-se a convivencia; derretem-se os exclusivismos nacionaes; tende a organisar-se a familia humana; as sciencias sugam á porfia substancia na propria natureza; as artes nutrem-se das sciencias, e vem descendo prodigas até ao infimo da plebe; o livro desfaz-se em jornaes; a architectura mil-

lionaria, pesada, babilonica, dispersa-se em edificações ligeiras, economicas, improvisaveis, ridentes, commodas, compativeis com o variar das modas, com o cambiar e progredir do gosto, com a adopção dos inventos e descobrimentos que possam vir; a filarmonica penetrou na aldeia e subiu ás serras; o sol fez-se retratista para todos; a prensa lythografica atavia de paineis a morada do pobre; o buxo gravado explica, desenvolve, e completa a palavra escripta, convida á leitura, e cunha na memoria; as machinas desoccupam os braços do trabalho servil, e promettem bandos novos de applicados a creações de mais subida natureza..........................

....

Mas que emprehendo eu numerar ondas neste oceano revolto e creador! Sente-se (consolemonos) que se andam aparelhando magnificos futuros; nossos netos os desfructarão por nós como nós estamos gozando do que nossos bisavós nunca pensaram.

Um progresso essencial falta comtudo entre tantos progressos; um progresso que a todos os outros duplicaria alma e crearia azas: é o ensino elementar *gratuito e obrigatorio;* esse principio sacrosanto, hoje solemnemente prégado ao mundo pelo autor do evangelho social, intitulado *Os Miseraveis,* mas já antes d'elle annunciado e servido de alma e coração n'este pobre canto de

terra pelo obscuro autor das presentes linhas. E mais ainda pedia este e pede, supplicava e supplíca, propunha e propõe, para o alumiamento do povo, creança adulta de hoje, e da puericia, que ha-de ser a nação de amanhã: queria, e quer, que a escola, álem de *obrigatoria e gratuita,* seja tambem sympathica pela claridade das doutrinas, attractiva pelo natural e aprazivel dos methodos, maternal pela completa abstenção de rigores escusados e contraproducentes; que ali se desenvolvam a par as forças e a destreza do corpo, as faculdades do espirito e as boas disposições moraes, até agora atrofiadas e pervertidas pela ignara brutidade do pseudo-ensino, impia e descarada mentira de tantos seculos.

Que homens e que mulheres se não devem esperar das creanças instruidas e educadas em taes ninhos! A elles e a ellas é que está reservada a gloria de serem a primeira colonia civilisadora e liberal d'este paiz. No meio de gente d'essa, não se haja medo de que se recebam jámais com indifferença, com apupos, ou ás pedradas, os alvitradores de idéas praticas prestadias! Lá quando alguem trouxer para a communidade um presente de bons fructos enfeitados de flores, não se lhe responderá que o lance para um canto a apodrecer; e muito menos que se não sabe se as flores são flores, e os fructos, fructos, quando uma e outra coisa vem patente, e para não

as ver é forçoso fechar os olhos com obstinação! Bom tempo! bom tempo! Quando isso for, tambem eu hei-de ter por monumento um canteirinho de saudades! e velhos de então, agora meninos, m'as hão-de orvalhar com algumas lagrimas, lembrando-se do longo martirio de menoscabos que para lhes bemfazer a elles e a seus descendentes, curtíra o seu amigo.

Ora: será verosimil que nessa povoação de amor, bellas almas com quem eu já convivo em esperança, a poesia chegue a despir as suas galas recamadas de oiro! ella, a divina filha de Orpheu! ella, a sempre adorada, até nas eras menos cultas, até nas mais silvestres regiões!

¿Não reconheceu o mesmo Pelletan que de grau para grau da civilisação, nenhuma das conquistas anteriormente feitas se perdia? ¿Havia então de se perder esta, a mais formosa, e quasi que a mais natural de todas as artes, e tão antiga, que não faltou quem a reputasse irmã primogenita da eloquencia? Desejo que se engane o meu primoroso escriptor; e vaticina-me o coração, se já não é o discurso, que assim ha-de succeder.

Verdade seja que a poesia por toda essa Europa se anda já de annos descurando notavelmente. Que é do successor de Byron, de Goethe, de Schiller, de Manzoni, de Espronceda, de Lamartine e Béranger? Existe na verdade um que

os excede a todos, e não envelhece, nem se exhaure: o author das tragedias modernas, das *Odes e balladas*, das *Orientaes*, das *Folhas d'outono*, das *Poesias politicas*, dos *Cantos do crepusculo*, das *Vozes intimas*, dos *Raios e sombras*, das *Contemplações*, da *Lenda dos seculos*, do *Fim do reinado de Satanaz*, de *Deus*, das *Canções das ruas* e *dos bosques*, e quem sabe de que mais! Esse não sai da liça; ha-de morrer com a lira triunfal em punho. Não vê, ha já muito, rivaes em torno a si; e não achando competidores a quem vença, vence-se a si mesmo de anno para anno; e por um privilegio só a elle concedido, quando o julgam pelo tempo entrado no seu inverno, reapparece reflorido de primavera, resplandecente de estio, verdadeiro Esão do genio, que póde já pressentir nos seus milagres a sua immortalidade.

Mas apagar-se-hia para todos os mais o fogo sagrado? Impossivel. É, certamente, que a actividade dos espiritos anda agora noutro rumo. Onde todos lidam na faina, minguam os ocios para cantar, e para ouvir; e mesmo onde os ouvintes fallecem, mal poderia haver cantores.

O que vai pela grande Europa, dá-se tambem no pequeno Portugal. De sobejos annos a esta parte refervemos todos numa continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recondita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É

uma fermentação geral que não se interrompe; é um revolutear insofrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir.

N'estes momentos de absorpção, de preoccupações, de incerteza, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, egoistas, covardes, ou scepticos; se algures se conserva a poesia, é nas criancinhas e nos passaros; é nas mulheres e nas flores; é na natureza insensitiva e formosa que lá vai continuando o seu espectaculo sublime, em quanto os espectadores distraidos, olhando para outra parte, conversam noutros assumptos.

Dos nossos poetas, que tantos e tão viçosos pullullaram sempre ao bafo benignissimo d'estes ares, quantos apontamos hoje em dia? Morreram uns; envelheceram outros, que é peior maneira de morrer; outros secularisaram-se para os negocios; outros desertaram para a politica; não poucos succumbiram á epidemia da inercia, e jazem, sobreviventes a si mesmos, sobre os seus proprios nomes, como estatuas sobre tumulos, armadas, mas inertes.

Foram-se: o Curvo Semedo, o Xavier Botelho, o Bingre, a Marqueza d'Alorna, o Nunes Cardoso, o D. Gastão, o Morgado d'Assentiz, o Conde de Sabugal, o Leitão de Gouvêa, o Pimentel Maldonado, a Pimentel Maldonado, a D. Josefa de Balsemão, o Vicente Pedro Nolasco, o Pinto Re-

bello de Carvalho, o Cyro Pinto Osorio, o Garrett, o Soares de Passos, o Pereira Marecos, o Freire Cardoso da Fonseca, o Silveira Malhão, o Costa e Silva, o Lima Leitão, a D. Emilia de Castilho, o José Maria Grande, o Duque de Palmella, o Correia Caldeira, o João de Aboim, o Passos Manoel, o Rebocho. (1)

Estão mudos.......... Supprimo d'aqui, depois de já escripto, um catalogo de mais de oitenta nomes. Fôra temeridade converter tantas inercias numa actividade clamorosa contra mim, e depois, sem proveito para pessoa alguma. Deixar dormir quem dorme.

Tanti morir e nascere
su questa piaggia amena
di voi vid'io, ch'esistere
voi mi sembrate appena.

(1) N'este catalogo de poetas finados, fielmente copiado para aqui da primeira edição, não ha porque averiguar preferencias ou precedencias. O autor julga saber soffrivelmente o como os havia de arrumar; mas que altercações se lhe não levantariam se o fizesse? Restava logo escolher entre dois arbitrios: ordenar os nomes por ordem alfabetica, ou tiral-os á sorte; preferiu o segundo; o acaso deu assim. Garrett e Soares de Passos, que haviam de occupar as primeiras cadeiras, ficaram lá para o fundo da platéa geral.

A arrumação alfebetica teria dado iguaes desarranjos;

No meio d'este silencio gelado, só dois, que eu saiba, se obstinam em poetar: o primeiro, é Mendes Leal, o mais fecundo dos nossos escriptores, que nem com os summos negocios do estado, que o desvelam, se julga dispensado da augusta religião litteraria em que professou; o outro (concedam-me não o dissimular) o outro... sou eu, que nunca desde todo o principio larguei o culto do bello senão pelo do mais bello: nunca desci do Parnazo senão para entrar na escola; nunca interrompi, nem interromperei, o canto, *perpetuum carmen,* senão para arrotear a alma do povo, afim de que sabios e bons possam nella esparzir ás mãos cheias sementes de proveito, que as influições do ceo não deixarão de prosperar.

A cada um a sua tarefa: ao Camões solemnisar o que fizeram os portuguezes; a Mendes Leal, coadjuval-os nas suas emprezas hodiernas; a mim, preparar-lhes a estrada larga para eras novas, mais felizes que a actual e as preteritas. Tres *Lusiadas*, se desiguaes no vulto, iguaes de certo na manifestação d'amor á patria! O poema de

mesmo assim, acha agora o autor que fôra melhor tel-a optado. Como o não fez então, tambem agora o não quiz fazer; mas a presente explicação entendeu que a devia a alguns amigos melindrosos e sinceros, que tinham estacado ao darem com os olhos n'este valle de Josaphat.

Camões, merecedor, pela fama que nos grangeou, do monumento que lhe levantâmos; o poema de Mendes Leal, não de rimas senão de obras positivas e massiças; o meu, se me não atassem as mãos, que forcejam por executal-o, não de rimas, nem de obras para já, mas de felicidade publica a medrar pelas eras álem. Todos tres estamos pagos do nosso patriotismo: todos achámos a ingratidão. Para o primeiro, já chegou a justiça; para os ultimos, ella chegará; se não fôr em vida, será depois; se não vier num seculo virá noutro; se não fôr nas folhas avulsas, que voam, será nas paginas da historia, que fica. Quando se goza de taes convicções, póde-se esperar e cantar.

Por isso nós cantamos, quando tantos outros cantores estão calados.

Quanto a mim, a quem Mendes Leal de certo inveja o viver obscuro, que tão bem se lhe lograria, resolvi quasi, com uma habilidade que ninguem para si cubiçára, o problema de não ser coisa alguma neste mundo: cá me vivo no meu suburbano com tudo que me é caro, sempre utopista, mas sem ambições pessoaes; reverdecendo todas as primaveras, e em todas ellas florindo e gorgeando o meu poucoxinho. Murmuram-me mais as folhas verdes, que as dos periodicos. Passo todo o anno em Tibur. Não me carteio com Augusto, nem me visita Mecenas: mas bons

amigos poetas, esses acodem muito pontuaes ao convite do meu bosque de seis arvores, infructiferas como as de D. João de Castro. Não subo nem desço para passar, segundo a estação e a hora, da bibliotheca para o jardim, ou do jardim para a bibliotheca. Nella, oiço cantar todo o passado; nelle, respiro em fragancias o presente; e ermando, e devaneando, cá vou colhendo, ora filosofia social, ora simples poesia, conforme dá o girar livre e fantasioso do espirito. Do meu Horacio tomei a lição:

Condo, et compono, quæ mox depromere possim.

Já me disse, não sei quem, ser frivolo, semipagão, e para pouco, este viver; havia de ser algum politico militante. Foi de certo (se não era algum invejoso, ou inimigo solapado). Varonil ou não, Deus m'o conserve por annos largos com esta mesma paz por dentro e por fóra, e lá se verá depois quem deixou na colmeia melhor favo. Cuidam elles que nada ha sério senão o coadjuvar ou empecer o bulicio governativo; pois eu sei na consciencia que ha neste mundo coisa muito mais séria e bemfadada. Uma cantiga, de Horacio, improvisada ao pé da cascata do Annio, um simples verso de Virgilio, suspirado debaixo de qualquer murta napolitana, sobreviveram a quantos altos negocios do mundo então conheci-

do se discutiram no senado romano, no triunvirato, ou na cabeça omnipotente de Octavio Cezar. As leis envelhecem, caem, e substituem-se por outras :

Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos ;

os versos, não; nenhum poema revoga os poemas anteriores. A *Iliada*, a *Eneida*, os *Lusiadas*, estão mais vivos e mais vivazes hoje, que nos dias em que nasceram.

Deixem-me por tanto quieto na minha occupada ociosidade, como os eu deixo a elles nas suas cuido que ociosas occupações:

.... trahit sua quemque voluptas.
Florentem cytisum sequitur lasciva capella.

Corre como averiguado entre os entomologistas serem as abelhas animalculos tão absortos no seu melifico e harmonioso trabalho, que nem estampido de trovões lh'o interrompe, ou lhes põe medo; sou eu logo como as abelhas, que, por mais que estrondeassem lá pela cidade as revoluçõesinhas efemeras, mal lhes perceberia uns ecos n'este recanto:

.... sedet inscius alto
accipiens sonitum saxi de vertice pastor.

Em tão bom remanso me estava eu pois uma tarde d'estas cuidando entre mim n'aquelle ruim prognostico do Pelletan, prognostico de que as rãs no meu tanque redondo, como se me estivessem lendo por dentro, pareciam rir ás gargalhadas, quando, muito a ponto, veiu tomar assento no meu banco de cortiça, que o dá bem para tres, o meu bom e velho amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Se vós o não conheceis senão pelas suas excellentes poesias: o *Tasso no hospital dos doidos*, a *Carreira veloz*, o *Outono*, e as mais, conheceil-o pouco, e folgareis de que vol-o apresente.

É o nosso Cordeiro um prototypo do provinciano amavel; bem-vindo e festejado em qualquer sala cortezã. Nos gostos singelos e faceis, não desdiz do seu patricio, o autor da *Primavera* e do *Pastor peregrino*. Este *Lobo* e *Cordeiro* não são fabula; são uma gloria muito verdadeira da sua Leiria. O logarejo das Córtes, selvatica e pittoresca nascente do Liz, deu berço ao nosso Rodrigues Cordeiro, como provavelmente dera sombras estivas e inspirações ao Rodrigues Lobo, originaes de lindezas rusticas para os seus quadros, e talvez a idéa e o titulo da sua *Côrte na aldeia*.

Que donosos sitios! Tenho saudades dos tres dias que, ha já hoje oito annos, ali passei, patriarchal e *Gesnericamente* hospedado pelo meu

poeta. Quanto não era eremitica, melancolica e voluptuosa ao mesmo tempo, a guarita desamparada, onde conversavamos, liamos, ou scismavamos, impendentes do alto da ribanceira ao estrepito da catadupa do rio, aos murmurios da espessura tão verde que a insombra, e aos rouxinoes, que não querem outros escondrijos para os seus requebros! Foi por força d'ali que lhe surdiu a gentil Musa, pela primeira vez; e tenho que d'ali é que se lhe formaria desde todo o principio a amenidade da indole.

Eu quero-lhe como a irmão gemeo. Ha nelle uma coisa que eu ainda aprecio mais que o seu talento: é a bondade inalteravel que, em tudo que diz e faz, lhe está de dentro saindo em resplendores de alegria. Depois: é um enthusiasta, como eu, das creanças, e um partidario activo da communhão universal do *A-B-C*. Não é d'estes liberaes que só bravateam: é dos pouquissimos que muito mais do que pregam, executam. Quatro annos regeu elle uma escola nocturna de primeiras lettras a meninos e adultos, na cidade, a uma legua das suas Côrtes, sem faltar nem pelos maiores desabrimentos do inverno, custando-lhe duas leguas cada lição; e isto sem recompensa, nem esperança, nem desejo d'ella, senão que dispendendo ainda do seu haver para a manutenção de tão pia obra.

É muito, não é?! Pois ainda não é tudo! Este

homem de tempera tão antiga, ou tão futura (não sei como diga isto) sobredoira todos os seus outros merecimentos com o mais raro nestes ruins tempos que vão passando, em que a ociosidade dos talentos se desfaz em maledicencias invejosas, como a podridão em tortulhos de sapo: não só não abusa do seu engenho para matar com veneno as reputações, mas todo se ensoberbece quando vê aqui ou acolá fulgurar algum talento.

Imaginem agora como elle não viria radioso, tendo para me denunciar a existencia de um novo poema dos mais finos quilates, e de um poeta destinado ás mais soberbas coroas!

Desconfiei o meu tanto dos seus encarecimentos por saber de raiz que nelle a affeição facilmente se desata em borbotões de enthusiasmo, e não deixei de lhe oppôr, sorrindo, esta contradita. Prometteu-me, para me convencer, voltar ao outro dia com o seu achado. Desempenho de palavra mais galhardo, nunca o houve. O meu retiro recebeu o novo poeta, já anciosamente esperado por uma pequena sociedade quasi domestica, merecedora de o ouvir, e muito apta, por instrucção e gosto, para o apreciar. Contavamos com muito; saiu-nos muito mais.

Antes que fallemos do poema, razão será havermos alguma noticia do autor. Como a historia litteraria ha-de algum dia tratar d'elle, bom será prevenir-lhe já aqui apontamentos.

É Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira um gentil moço de trinta e um annos (1), e varão feito no juizo e madureza.

Paes, torrão de nascimento, e creação, tudo conspirou para temperar a indole com que o prendára a natureza. Abriu os olhos na abastada mediania que Horacio chamou *aurea:*

> .... *tutus caret obsoleti*
> *sordibus tecti, caret invidenda*
> *sobrius aula.*

Achou-se ao nascer, herdeiro d'honrada fama, accumulada de paes a filhos, e mantida como thesoiro; geração limpa, sã, e para se pôrem nella os olhos, como diria o bom fallar da nossa terra; apontando-se já na parentella alguns talentos poeticos, de mais ou menos brilho.

O pae, João Emilio Ribeiro Ferreira, proprietario lavrador, e a mãe, D. Maria Amalia de Albuquerque, apuraram nos dois unicos filhos que tiveram, os maiores desvelos, para que a tradição hereditaria de merecimentos se não viesse nelles a acabar, antes, se fosse possivel, se melhorasse em lustre; e favoneou-os o ceo na diligencia.

(1) Nasceu a 1 de julho de 1831.

Na sua aldeia natal de Parada de Gonta, nas frescas margens do Pavia, passaram a primeira puericia Thomaz e seu irmão Henrique Ribeiro Ferreira Coelho, hoje abbade de Santa Maria de Silgueiros, e tambem poeta.

Jazem os campos do Pavia entre o ameno Valle de Besteiros aos pés do Caramulo, e a magestosa Serra de Estrella, arredada apenas cinco leguas. Região mais deliciosamente campestre, não a alardeia Portugal; e se á formosura se lhe pretender ajuntar nobreza, como realce, nem esses accidentes lustrosos lhe fallecem.

Do Monte Herminio foi o Viriato, que á frente dos seus pastores escarmentou a omnipotencia romana. O arraial d'esse Annibal rustico, ainda hoje em dia serve de brazão a Vizeu, mantendo o nome de *Cava de Viriato.*

De Vizeu, se não foi do Rio de Loba na visinhança, saiu o pintor Grão Vasco; e de Avô, nas ribas do Alva, o poeta Braz Garcia de Mascarenhas, cantor do mesmo Viriato.

Quero deixar a este poeta o celebrar-vos o pittoresco e fertil do paiz:

> Entre estes frios tumulos de Marte
> natureza, que aos altos foi avara,
> fecunda os baixos com favor da Arte,
> que nos uteis suores não repara;

a cada lado valles mil reparte,
bosques faz dividir, veigas separa,
campinas rega, prados, e hortas ata
com mil laçadas em grilhões de prata.

Censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego, e Zezere, agradaveis,
a Ceres por seus fructos abundosos,
a Baccho por licores admiraveis,
a Minerva por oleos numerosos,
por bosques a Diana innumeraveis,
que tudo são com gloria da inventora,
de Pomona doceis, sitiaes de Flora.

Dizem os naturaes que nós, os de Lisboa, só temos uma Cintra, e elles por lá as têem não somenos por toda a parte.

Agora pelo que toca ao proprio torrãosinho que algum dia se ha-de jactar de ter procreado o nosso Thomaz Ribeiro, elle que vol-o pinte:

Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavia!
tão branca, tão buliçosa,
tão sussurrante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva *Fogaça,*
num dia de romaria
toda vestida de caça,

com lenço de seda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito e no cabello,
o mais completo jardim!
Não achais o quadro bello?
Pois bem, a aldeia era assim.

Quem por taes sitios brincou os dias da meninice, quem adolesceu pescando por aquellas aguas, caçando por aquelles montes e bosques, quem por inclinação tratou de perto a boa gente serrana d'aquellas paragens, tão portugueza das boas eras ainda hoje na fé e probidade, no fallar e na singeleza, e, quando for preciso mostral-o, no aferro á patria, como lh'o deixou ensinado o seu Viriato, bem se póde gabar de lhe terem fadas amoraveis bemfadado a existencia para poeta.

Terminados em Vizeu, com grandes creditos para os seus mestres, os estudos das humanidades, passou-se o nosso guapo serraninho para Coimbra a cultivar a jurisprudencia.

Se não foram as saudades da familia e dos amigos, pouco o magoaria a mudança dos logares. O Mondego, filho da sua Serra de Estrella, lá tinha em Coimbra outro paraiso de poesia á sua espera.

Sempre se me figurou a mim que o Mondego bem sabia o que fazia em se enfeitar com tanto esmero para namorar a Coimbra e encantal-a. Via ali um viveiro de mancebos alados, captivos em nome das sciencias, que são anciãs e austeras, aos pés de uma fabulosa Minerva de marmore; digo de marmore por fallar poetico; talvez seja de lioz d'Ansan. Era razão confortar esses pobres saudosos com um espectaculo ao menos que na vastidão, verdor, e viço, lhes condissesse com a edade, os preservasse de morrerem nostalgicos, e aos d'entre elles que tivessem nascido rouxinoes, os educasse no cantar desafiados uns com os outros por debaixo de sombras florejantes. Sem um Mondego para consolo, que moço resistia ao secco, peco, e senil estudo da jurisprudencia, por exemplo? Se o tomassem a valer, saíam decrepitos aos vinte e cinco annos; aos trinta estavam enterrados sem epitafio.

Vindo nós, uns estudantes, uma vez rio abaixo de Santa Comba para Coimbra, passou-nos o barco por uma angustiada garganta entre ribas aprumadas e altas, congerie de penedia como que arrumada por mão em idas sobrepostas umas ás outras, pautadas, direitas, como volumes em bibliotheca.—«Aqui é que chamam a livraria do Mondego»—nos disse um dos barqueiros.— —«Agora está elle a estudar alto.»—acudiu, rindo, um meu condiscipulo. Vinhamos de ferias do

Natal; tinha chovido; a corrente ía grossa e tumultuaria. — «Apostaria que vai ideando, — lhe volvi eu — o poema da sua primavera; se assim é, já se viram livrarias mais mal empregadas. O nosso Mondego quer-se mostrar digno do seu bordado capello e florída borla de doutor em amenidades; foi elle quem deu o primeiro grau poetico ao Gil Vicente, ao Antonio Ferreira, ao Sá Miranda, ao Camões, e a trezentos outros de illustre nomeada até aos nossos dias, e promette continuar.» — Continuou com effeito, e ha-de continuar sempre. Eu por mim tão devoto lhe sou, e creio tanto na milagrosa virtude de suas aguas hypocrenicas e remoçativas, que ainda no fim d'este Abril lá me fui peregrino para lançar cãs fóra na *Lapa dos Poetas*, e com os que por lá ouvesse, commemorar o quadragessimo anniversario da festa de Maio. Tinham-me dito que nenhum acharia ao presente; não quiz acredital-o, e tive razão. Se a Lapa se não viu d'esta feita alvoroçada outra vez de cantores, não foi por mingoarem elles em Coimbra, pela qual se póde dizer como Pompeu em Roma depois de transposto por Cezar o Rubicon: — «Em eu ferindo com o pé a terra, para logo de toda ella pullullarão legiões.» — Só por culpa da mesma primavera é que eu a visitei sem mais companhia no seu alcaçar frondente. Outrem, que não fôra o seu antigo amante, não a iria saudar por debaixo de chuveiros

no primeiro de Maio. Por culpa d'ella, sim, que se disfarçou em inverno, é que eu me vi lá sósinho com as minhas saudades, e bom meio cento de rouxinoes que mesmo encoberta a reconheceram.

Poetas na mocidade academica, repito, não escaceavam. Se lhes foi d'esta vez a Lapa inhospita, congregou-nos em sarau o theatro; e regaleime de achar, contra o que me agoiravam, tantos e tão esperançosos talentos a conservarem sem quebra a antiga tradição de poesia, protestos vivos e eloquentes contra o vaticinio de Pelletan. Dez foram os que recitaram; cerca de dez os que por excessiva modestia se retraíram. Até como que simbolisando a Musa do Mondego, uma gentil poetisa veiu, nova Sapho, merecer neste certame corôa de loiro e murta. Ditosa filha de Coimbra! com os teus donosos vinte annos todos em flor! com a tua voz suave e timida, como aroma exalado da tua alma! Amelia Geni, perdoa se hoje, diante de maior publico, te renovo os meus applausos.

Não tem, não tem razão o Pelletan, por mais que diga.

Já quando oito annos atraz eu ali fôra, então não como romeiro do bello, mas como apostolo do bom, não para sonhar na Lapa, mas para lidar na escola, não para os passaros dos choupaes, mas para os filhinhos dos meus conterra-

neos, já então ao meu reclamo se levantára no mesmo sitio outro igual bando de trovadores, entre os quaes já começava a citar-se como distincto o nome de Thomaz Ribeiro; mas havia no corpo academico o João de Deus, o Soares de Passos, o Alexandre Braga, o Silva Gaio, o Ayres de Gouveia, o Filippe do Quental, o Silva Ferraz, o Soares Franco, o Marecos.

Se d'aqui a outros oito annos lá forem, se forem ao cabo de oitenta, e lançarem pregão para oiteiro, deixo apostada a minha urna, se a tiver, que m'a quebrem e sumam, senão hão-de ver acudir numerosos successores dos cisnes de hoje, e de sempre. Por força; todos os ares têem seu condão especial; o d'estes é crearem boninas e versos. O que dá lastima, é que, nascendo por si as boninas, que são o menos, e tão depressa se desfazem, os versos para rebentar careçam d'estas provocações de fóra, d'estes fortuitos incitamentos que pódem tardar, que pódem até não chegar nunca. Porque não farão os poetas á *Lapa dos poetas* a sua romaria annual? Bastará a esperança de um tal dia, para lhes fecundar o anno. Com fé lhes envio a lembrança; possam elles aproveital-a com amor.

Bom acerto ou boa inspiração me parece que foi agora esta, de trazer para aqui um alvitre tão facil e fecundo. Como sai acostado a um poema que todos hão-de ler e reler, póde ser que essa

boa sombra lhe careie benevolencias, e que pegue a final. Lá sobre os fructos que elle ha-de dar depois de pegado, não digo eu *talvez;* conto com elles, como quem os está vendo. É assim: — pois uns pausinhos seccos, esfregados por um selvagem concebem calor e levantam chamma, e almas inflammaveis de mancebos, percutindo-se umas com as outras entre as mãos do milagroso genio da convivencia, não se haviam de desatar em fogo?! haviam, e hão-de, que assim tem sempre acontecido.

Mas não é só para Coimbra que devemos invocar estes sociaes estimulos da poesia; toda a terra, todo o ar, todo o ceo de Portugal, foram temperados para ella; muita rocha parece arida, que em lhe tocando vara de profeta se desentranha em fontes caudalosas.

Tornára eu a apostar, que se os moços que de todo e reino confluem a Coimbra e lá se formam em mais de um sentido, colhessem nessa feliz edade, com a frequencia dos saraus poeticos e musicos, o gosto, o habito, a necessidade d'estes nobres prazeres, e os fossem depois desseminar por onde os levasse o seu destino, ou a Providencia, não haveria ponto no territorio em que se esperdiçasse o minimo engenho.

Prometteram-nos um dia *(em francez)* para desconto da nossa independencia, e pelo *modico* preço de alguns milhões, quantidade de Camões,

para a Beira, para o Algarve, para todas as provincias! Sem tanto custo, e sem custo nenhum, os poderemos nós ter, logo que se aproveitem os que nascem; que isto emfim é chão hispanico, ar italiano, e sol de paraiso.

Talvez o interviu por sonhos o meditativo mancebo, ainda hontem Rei, quando previdente nos fundava uma Faculdade Superior de Lettras. Quem lavrava cupula tão soberba, claro está que já no animo antevia o edificio. O alicerce havia de ser a instrucção elementar; desejou-a deveras; não lhe tinha ainda acertado bem a mão, porém roçava-lhe já perto. Por cima d'esta solida e ampla base, facilmente se iria erigindo e compaginando o mais: as associações arcadicas e academicas; os premios ás composições de merito,

«o favor com que mais se accende o engenho;»

o arrasamento de todos os estorvos, que difficultam, ou prohibem, a impressão dos livros; o seguro para os talentos fieis á sua vocação contra as incertezas do futuro, ou antes, contra a certeza de um futuro desgraçado etc.

E morreu Principe que tanto sabia prever, e tanto ousaria deligenciar! esperemos que não morreu; mudou de nome, nada mais: era D. Pedro; é D. Luiz.

Ai! que vôo que eu ia agora levantar do fun-

do da minha floresta das seis arvores, para lançar de bem alto um grito sobre o vergonhoso desperdicio d'alma que vai por este reino! Torno a sentar-me, que para festas, não para queixumes, é o dia em que nos cai nas mãos inesperado o mais substancial e formoso fructo de poesia que de muitos annos para cá se tem creado por aqui.

Quanto ao poeta, dou que já o estaes conhecendo, desde que ouvistes haver sido o seu nascimento e primeira creação no viçoso ninho da Beira, e a sua educação de homem, a tomada da toga viril do seu engenho, em Coimbra.

Mais um ou dois leves toques no retrato.

—«Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és»—reza o proverbio; pois o mais constante companheiro de Thomaz, foi, já desde a escola do latim em Vizeu, o nosso Virgilio. Com Virgilio adormecia e amanhecia; com Virgilio rusticava; com Virgilio se ia á pesca pelo Pavia, ou á caça nos bosques:

Flumina amem, silvasque inglorius ....

A Horacio não o conheceu por muitos annos; e a Ovidio, só o enxergou depois de velho e triste, lá no *Ponto* a dormitar sobre as neves debaixo da Ursa.

Dois foram portanto os poetas, unicamente dois,

que affeiçoaram á sua imagem o espirito do nosso, o seu coração e o seu gosto: Virgilio, e o Genio dos campos. Melhores, nem mais afinados um pelo outro, não lh'os podia deparar a sua estrella d'oiro.

Com o tempo outros vieram visitál-o e hospedar-se, mais ou menos assiduos, na sua ermidinha natural e virgiliana. O Camões, por duas prendas ou dotes lhe caía em graça: queria muito, queria tanto como elle, a Portugal; e fallava um portuguez de lei, como ainda hoje se usa pelas aldeias e montes da Beira.

O fallar castelhano é meio portuguez, quando menos; Camões, e outros poetas do seu tempo, tanto o cultivaram a par com a lingua patria, que até para lá sairam classicos.

Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentassemos, como cumpria, bem facil e bem agradavelmente poderamos nós retemperar ainda hoje o bom fallar vernaculo, que assim se nos vai desbaratando.

Acudiam a Vizeu companhias de comediantes hespanhoes. Frequentava o nosso poeta com particular gosto aquellas representações; sabiam-lhe a portuguez do mais selecto e refinado. Urdiu e apertou relações com os actores mais instruidos; um d'elles era poeta, D. José Maria Leon. Com esse chegou a tratar amisade. Por ali, o namorado, viçoso e opulento idioma dos nossos argu-

tos visinhos se lhe veiu a tornar familiar; vantagem não pequena para quem bem sabe apreciá-la. Zorrilla entrou desde logo para o diminuto e escolhido numero dos contubernaes mais acceitos ao seu espirito. Victor Hugo, que é hoje para elle, e com razão, o predominante, só chegou muito depois, e foi bem assim. Primeiro, os clarões da alvorada para que os olhos despertem e aprendam a ver; depois, o sol.

Sob as influições das Musas castelhanas, compoz o nosso poeta um drama por titulo *A mãe do engeitado*, que, passado á lingua visinha, e ornado de musica por D. Ramon do Prado, foi do publico recebido com applausos.

Formado, com bons creditos, na faculdade de direito em 1855, deixou Coimbra cheia de saudades de tão bom hospede, levando-as elle tambem, e não poucas, no coração, para a sua aldeia e familia, que já podiam antever para si um preclarissimo brazão. Acabava de provar nos estudos chamados sérios a verdade do que outr'ora escrevêra o Antonio Ferreira:

«Não fazem damno as Musas aos doutores,
«antes ajuda ás suas lettras dão;
«e com ellas merecem mais favores,
«que em tudo cabem, para tudo são.»

Seguia-se evidenciar tambem que os negocios

da republica nem sempre matavam o estro, posto que a regra seja essa infelizmente. Haja vista ao Soares de Passos que enterrou a Musa sob os autos forenses, e morreu; haja vista ao Alexandre Braga, que está mudo; ao João de Lemos, ao Pereira da Cunha, ao Palmeirim... (lá tornava eu...) emfim a tantos e tantos que estão mudos. Thomaz Ribeiro foi administrador de concelho, foi advogado, é deputado hoje, e poeta sempre.

Eis aqui o homem que o meu Cordeiro vinha todo soberbo apresentar-me.

Ignorava eu ainda então as particularidades que deixo tocadas; e por isso não é muito que ao nome de *Serra de Estrella* (é esta uma das parvulezas dos enfatuados com as cidades) se me representasse logo na fantasia uma especie do classico aldeão do Danubio. Pouco me daria a mim d'isso, como fosse verdadeiro o engenho que se me pregoára; mas, para realce da maravilha, o provinciano saiu-me um cortezão; o caçador montanhez, um cavalheiro. Antes assim; aquillo já não era mau, porém isto é melhor.

Breve, e para concluirmos o retrato: o poeta, que por suas maneiras cortezes e delicadas, ainda que nativas e desartificiosas, não descaberia na sociedade litteraria de um Luiz o Grande de França (gósto de ver como afina bem este nome de *Grande* com o de Luiz; oxalá que nos

seja para as lettras bom auspicio) este poeta, que a natureza e a sorte haviam prendado com todo o necessario para o ser, recebêra ainda por cima, como graça original sobre graça original, um condão de presença, e uma suavidade de voz tão insinuativa, que a boa poesia por elle recitada adquiriria novo lustre.

Acolhi-o como quem já esperava bastante, mas não sem minhas entreduvidas cá por dentro; porque emfim, o que o enthusiasmo do meu Cordeiro me preconisára, com aquella intimativa que lhe conheceis, trasbordava, e muito, do verosimil. A recitação do poema, em que para logo entrámos, provou com effeito que o annunciador não fôra exacto. O poema sobrelevava aos seus louvores, e á expectação que d'esses mesmos louvores se originára nos ouvintes, poucos, mas illustrados e judiciosos, que lhe eu havia prevenido.

Já acima toquei isto, mas não importa que o repita.

Era agora o lanço proprio de eu dar conta do poema, verdadeiro alvo a que vinha desde o principio ordenada esta *Conversação;* mas boas razões me aconselham de subito que o não faça. Para indicar, mas que fosse de corrida, as excellencias de que este livro se compõe massiçamente, era mister commeter mais de um flagicio. Fôra logo o primeiro: desfigurar em prosa

deslavada o que saíra em tela viva de poema, tão animado de cores, como perfeito no desenho, original e arrojado na invenção, harmonico e perfeito no complexo; e era destruir ao mesmo tempo a impressão da novidade, a maravilha do inesperado, que eu experimentei ser um dos mais certos encantos d'esta esplendida epopeia nacional.

Quando epopeia nacional lhe chamo, mais não faço que anticipar-lhe o nome, com que a ha-de saudar a posteridade.

Pelo interesse dos que têem de ler, me privo portanto de relatar aqui a fabula tão historica, e tão poeticamente concertada. Deixo de parte por igual motivo a analise, por outra o summo elogio dos caracteres, tão diversos todos, tão verdadeiros, tão bem entrados na acção como elementos. Omitto pelos mesmos motivos a apreciação de tantos lances dramaticos desde o simples tom do idilio, até aos ultimos negrumes e terrores do romanticismo.

As descripções e as comparações que scintillam semeadas em todos os nove cantos, e que tanto primam nos seus respectivos generos, arrancadas para aqui perderiam logo o melhor de sua força. Joias taes, extorquidas d'onde nasceram, são como os olhos de Argos passados para a cauda do pavão. Em Argos vivo, eram lumes; nas plumas ambiciosas, são nodoas ou pintas.

Álem de que, todas essas lindezas accessorias, comparações, exemplos, descripções, sentenças, por maior que fosse a discreta sobriedade com que as observassemos aqui, nunca chegariam a ser comprehendidas sem levarem comsigo alguma referencia á narração. Seja porém como fôr, não sei, não posso, não quero fraudar-me da delicia de vos invidar uma simples amostra em que vai comparação, descripção, e sentença, tudo junto. É logo do canto primeiro:

Um dia... quando, não sei;
fui ver as gastas ruinas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e ornado do verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abismo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas;
as torres desconjuntadas;

como folhas desligadas
da flor que se vai finar.
E perguntei: — «Que portento,
pedras que baloiça o vento
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...» —

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita
uma vergontea se ajeita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs;
recurvaram as ameias;

ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias.
E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida;
força, a quem lhe deu vigor.
—São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor.—

Vistes neste genero cousa melhor em outro algum poeta?

São como as heras viçosas
os filhos do nosso amor,

diz elle. Filhos do seu amor foram estes versos; bem filho do seu amor é todo este poema, em que o autor póde já estar gosando a sua immortalidade.

Isto não são palavras de animação que lhe eu dirija; não deve precisar d'ellas; são vozes de um hymno de jubilo, que rebentam de uma alma sem inveja, que ha mais de quarenta annos ajoelha em adoração ao despontar de cada novo astro no ceo da patria.

Se este livro tivesse podido nascer nos tempos que lá vão, em que se pautava e almotaçava tudo, e em que o genio tinha de vazar por força os seus productos em certas e determinadas fôrmas, autorisadas e aferidas d'ante mão (como os pobres villões dos tempos feudaes que não podiam fazer o seu azeite, o seu vinho, moer a sua farinha, ou cozer o seu pão, senão no lagar *banal,* no moinho *do senhor,* ou no forno *publico,* sob pena d'açoites ou corda) não sei como o haveriam de classificar. Eu por mim chamei-lhe ha pouco *epopeia;* mas os arrumadores haviam de clamar que o não era por lhe faltar a machina sobrenatural, e uma proposição, e uma invocação, e muitas coisas que lá sabem os eruditos, que são elles; se bem que á mingoa de deuses para moverem por arames invisiveis os automaticos titres da comedia humana, aqui os personagens fallam, obram, e produzem os successos segundo os proprios impulsos interiores, e só adstrictos á logica da natureza.

Paciencia; excluiram-no dos epicos. Talvez o acceitassem entre os historicos; tão pouco. Nenhuma historia fallou nunca d'este D. Jayme, ou d'esta familia dos Aguilares; portanto, ainda que o autor concentrasse aqui magistralmente o espirito de toda uma notavel epoca historica do nosso Portugal (o que é mais e melhor do que em geral praticam os historiadores) ainda que os ho-

mens, os costumes, os logares, os acontecimentos, as crenças, as esperanças d'essa era memoravel, tudo aqui appareça vivo, activo, claro para o entendimento, vigorosamente avultado e colorido para a memoria, persuasivo e cheio d'altas lições moraes para a vontade, não é historico de certo.

Será logo um conto, uma novella, um romance? Talvez; mas em verso!... Para um classificador delicado, e consciencioso, aqui está um escrupulo, quando menos.

Tragedia ou drama poderá ser? verdade seja que o essencial do drama e da tragedia, o enredo, as paixões, a lucta violenta dos interesses oppostos, as peripecias inesperadas, o terror e a compaixão, os grandes caracteres a braços com os grandes infortunios, tudo aqui abunda na mais sabia e artistica disposição; mas não ha actos, cinco actos, nem scenas, muitas scenas, marcadas e contadas, nem rol previo das pessoas que fallam, nem rubricas de entradas e saidas; sem contar que por entre os discursos das figuras se entretecem as narrativas e descripções do poeta.

Ergo: vivam e reinem Aristoteles, Horacio, Boileau, Vida, Quadrio, Candido Lusitano, Pedro da Fonseca, Soares Barbosa, e Freire de Carvalho; tambem não é drama nem tragedia.

Que será pois, visto que é necessario ser-se alguma coisa uma vez que se existe? Para esses

senhores, não sei; para mim, é uma composição, que eu escutei inteira cinco vezes, que me está quasi toda decorada, e em que não posso pensar sem me sentir commovido e ufano de ser portuguez; isto é o que eu sei, e isto é o que me importa.

Ha na lira interior uma corda que a minima expressão do verdadeiro bello faz vibrar. As falsas bellezas artisticas debalde forcejam pela sacudir; para ellas é muda. Em ella soando, o coração estremece involuntariamente, o espirito sente que tem azas, e os olhos que nem sempre desgraças reaes humedeceram, derramam lagrimas deliciosas. Em se dando estes fenomenos, baixou a inspiração; está presente a poesia; quer se manifeste num quadro da natureza, quer numa estrofe brilhante, quer num rasgo de generosidade, quer numa fugitiva melodia de Rossini.

Pois bem: — O presente livro, á falta de outro nome, contenta-se com o de poesia, que tal o baptisámos em muitas lagrimas de enternecimento, de admiração, e de patriotismo, todos quantos aqui o recebemos da melodiosa voz do nosso poeta, diante das nossas arvores, não mais attentas e mudas do que nós. Para nós é muito sufficiente esta qualificação vaga, e até a preferimos a qualquer outra. Somos como os viajantes não iniciados nos systemas de Linneu, Jussieu ou Cuvier quando penetram maravilhados numa

floresta virgem do novo mundo; não curamos de arrumar em classes, generos, ou familias, as flores que nos cercam, nos embriagam com os seus halitos, nos enfeitiçam com suas cores, nos maravilham com os seus feitios, nos enlevam o animo com a sua harmoniosa disposição na paizagem, com o seu parentesco tão claro com o ceo e o sol, que por entre a cerração das ramarias as espreitam. Chamâmos a tudo em commum flores e delicias, e não fartamos olhos de as namorar.

—«É poesia, e magnifica poesia»—proclamámos nós; glorio-me eu de o repetir aqui, e ámanhã o confirmarão por todo o Portugal, com perfeito convencimento, sabios e ignorantes, homens e mulheres, meninos e velhos, sinceros e invejosos. É uma poesia mixta de todas as poesias para captivar a todos os gostos. Sem deixar de ser constantemente propria e original, resurte de si não sei que reflexos de todos os livros a que mais queremos: ora nos lembra a simpleza melancolica da *Menina e moça,* e as amenidades do *Lima* de Bernardes; ora os rasgos patrioticos do Camões; ora a altiveza e hombridade dos romanceiros castelhanos; ora a *Lenda dos seculos* do poeta enorme; ora o sombrio de Schiller; ora o cristalino e florído de Gessner;—já as *Aventuras do Palmeirim de Inglaterra;* já a *Cova dos ladrões* de Gil Blas; já contos que em meninos

ouviramos ao serão, ou ainda mais meninos, no berço; já cantigas rusticas de que apanháramos um fragmento de uma escamisada ao longe, e que nunca mais nos esqueceu.

Um pintor, um cento de pintores, achariam, e hão-de achar n'estas paginas, com que encher a mais variada e opulenta galeria de paineis classicos de todos os generos. Ainda algum dia este *D. Jayme* (d'aqui a quantos annos ou seculos, não sei eu) quando a diuturnidade o tiver canonisado, ha-de ter, qual a merece, edição fastosa, illustrada á porfia pelos mais inspirados buris, e com o retrato do autor, que todos apeteceriam desde já conhecer, mas cuja modestia poude mais por em quanto que os nossos rogos e instancias.

O que só para então lhe desejamos, é que a boa estrella que o influiu ao compor, o defenda e livre de commentadores fanaticos, praga de eunucos servís que pullullam em roda de todos os maximos vultos poeticos, que os desfiguram com a fumarada dos seus incensos bastardos, que até dos defeitos lhes allambicam excellencias, que perturbam com a sanzalla do seu hymno temulento o juizo sisudo do admirador imparcial; e matariam, quando menos castrariam, se podessem, a quem ousasse dizer-lhes: — «Desservis, como parvos que sois, a um grande homem que não podeis comprehender; á força de o procla-

mardes colosso, obrigastes-nos a reparar na sua verdadeira altura; a poder de nol-o impordes por impeccavel, constrangestes a critica a apontar-lhe os defeitos para instrucção caridosa dos inexpertos.»—De relé tal preserve Deus por sua infinita misericordia, e para todo o sempre, o poema de *D. Jayme*. Seria dó ver-se uma paizagem assim de rosaes, loiros, e ciprestes, coberta, babada, e carcomida de similhantes lesmas litterarias.

A poesia é muito, mas não é ella o tudo num poema. A linguagem, o estilo e a metrificação, tem de se lhe moldar como os pannejamentos ás estatuas. Porei poucas palavras sobre cada um d'estes requisitos, em relação ao nosso objecto.

Boileau muito bem disse:

> Se a lingua lhe faltar, o autor mais peregrino
> será por mais que faça, escrevedor mofino.

É a linguagem do nosso livro, portugueza de lei, oiro de vinte e quatro quilates, limpo de fezes, e sem sombra de liga. Todos os termos são rigorosamente vernaculos, as frases abonadas, e a contextura, que é o que mais val, e melhor caracterisa, toda, toda do trato e posse velha do nosso torrão. Como que se está em casa, entre parentes, á vontade, ouvindo este fallar. É uma virtude rara hoje, e duplice; compõe-se de duas

promiscuamente: uma negativa, outra positiva: insenção de impurezas, que é o menos, e o uso constante do são e saboroso, que é o mais, e que é o tudo.

Neste particular é o *D. Jayme* obra classica e mais classica do que outras muitas amentadas com louvor nos catalogos dos diccionaristas e grammaticos; é um espelho cristalino e moldurado d'oiro, do dizer, do ingenuo e nativo dizer da nossa Beira.

Pelo que toca ao estilo, sai elle ao nosso autor sempre discretamente apropriado aos diversissimos assumptos que sob a sua penna se variam: singelinho, onde o deve ser, como uma pratica mão por mão entre duas creanças ou duas moças da aldeia; remontado e altiloquo nos lances heroicos; pungente nos passos afflictivos e com a simplicidade tragica (*sermone pedestri*) recommendada pelo Horacio; ciceronico e demosthenico nas invectivas; facéto na satira; abatido nas tristezas; nas sentenças grave e magestoso.

Descriptas servare vices operumque colores,
cur ego, si nequeo, ignoroque, poeta salutor.

No estilo, como na linguagem, segunda vez pomos por tanto este livro entre os dos nossos classicos mais seguros.

A metrificação estava-nos requerendo um tratado especial; mas tal é a do nosso autor, que os seus acertos e primores por si mesmos se descobrem, quando menos pelo gosto natural, até aos leitores mais estranhos a esta difficil arte de casar com o pensamento, com o affecto, e com o estilo, a harmonia metrica da dicção. Quanto aos versos pois, materia em que mais largamente nos poderamos aqui deter, contentamo-nos com expressar: que em nenhuma outra coisa mostrou o nosso autor com maior evidencia o seu instincto de acerto, e a sua graça original de verdadeiro poeta.

A estancia, ou oitava rima, tinha posse velha e immemorial nos poemas narrativos, posse consagrada na Italia pelo Ariosto, pelo Tasso, pelo Graciani, pelo Tassoni, pelo Marini, pelo Fortiguerra, pelo Tallassi, pelo Casti; e em Portugal, pelo Camões, pelo Franco Barreto, pelo Gabriel Pereira, pelo Mousinho de Quebedo, pelo Garcia de Mascarenhas, pelo Rodrigues Lobo, pelo Santa Rita Durão, pelo José Agostinho de Macedo; e não havia ainda muito que um dos melhores talentos da poesia hespanhola, o meu amigo D. Ramon de Campoamor, tinha honrado esta fórma antiga com o seu formoso poema do *Colombo*.

Thomaz Ribeiro, nascido para dever ousar, percebeu desde todo o principio quão desnatural

e desarrazoado era obrigar perennemente o pensamento a similhante contextura, ou mesmo a outra qualquer determinada e invariavel, como com os tercetos o fizeram o Dante e o Petrarcha, e os poetas elegiacos romanos com os disticos de onze pés. Disse-se a si mesmo, e se o não disse, é claro que o sentiu no seu bom juizo e apurado gôsto: — «Um padrão de perfixas dimensões e feitio para todas quantas idéas, para todos quantos affectos possam vir, é, nem mais nem menos, a bestial tyrania do leito de ferro de Procustes: se o hospede for maior, que se encolha ou se mutile; se menor, que se estire e se desloque.» — Depois, quando já não bastasse esta peremptoria consideração, estava a outra da desharmonia que muito a miudo se havia de dar entre a indole e movimento da frase propria ao pensamento ou ao sentimento, e a indole dos metros e da estrofe. Por derradeiro: a variedade, constante em todas as obras da natureza, e indispensavel por conseguinte em todas as da arte, era, por uma especie de fantasia pueril, immolada desde todo o principio, e irremissivelmente, á cerebrina obrigação de uniformar, e arregimentar os periodos em batalhões. Era em litteratura um sistema de simetria parvoa e insipida, como os jardins de Luiz XIV e os arruamentos do Marquez de Pombal na Lisboa nova.

Sacudiu pois o jugo da autoridade illegitima e

tyranica, e em vez de oitavas, sextinas, quartetos, ou tercetos, admittiu, sem desdens nem preferencias, toda a especie de estrofes, de metros, e de rimas, curando unicamente de que todas e cada uma d'estas coisas, condissessem, betassem, e frisassem á justa, com as successivas e cambiantes fases do discurso.

Lavor é este que exige muito habito contraído de bem analisar, muita attenção e tento, um gosto feito, e caudaes recursos de escriptor. Deus nos livre de que, sem todos estes dotes e preeminencias, qualquer principiante se atirasse do seu motu proprio e insciencia certa, a variar a seu talante, versos, rimas, e estrofes; em tal caso, antes mettêl-o sem homenagem nos callaboiços das oitavas rimas. Que o façam no dythyrambo, pouco importa; se estragarem um dythyrambo, ou mesmo todos, não estragam coisa alguma em poesia; mas num poema serio doidejarem assim, *nem os homens, nem os deuses, nem as columnas* (para nos servirmos da expressão do mestre) o concederiam. Fôra uma coisa essa que faria lembrar o que Ovidio nos conta do Pegaso: Que apenas rebentou do pescoço da furia sem cabeça, se foi escoiceando terra e ceo, abalroou estrellas, recaiu no solo, e, se abriu uma fonte no Parnazo, foi com um dos seus coices, sem se sentir.

¿Andou Thomaz Ribeiro tão perfeito e feliz no

AO MEU AMIGO O ILL.mo SNR.

JOSÉ ANTONIO DE CARVALHO MONTEIRO, COMO PROVA DE RESPEITO E AMIZADE D. D. C.

ESTE SONETO.~

Aceita... — como brinde se te offrece
Um amigo... um amigo verdadeiro, —
D. Jayme, cujo author Thomaz Ribeiro
De Portugal ser filho bem parece!

Elle immortal será e não carece
D'algum outro poema, que o primeiro
É este, que offrecer, caro Monteiro,
Hoje aqui venho! Lê-o, que o merece!

Dominar-nos verás ahi Castella;
Verás tambem D. Jayme d'Aguilar
E a joven, infeliz, formosa Estella!

A honra, amigo, faz-me d'aceitar
Este livro da penna rica e bella
De Ribeiro p'ra o leres sobre o mar!

Setembro — 1873

Francisco José Teixeira Bastos Junior.

sistema de liberdade e variedade de metros e estrofes, como dissemos que o fôra na linguagem e no estilo? Não me attrevo a affirmál-o; em geral, e quasi sempre, foi maravilhosamente bem inspirado e bem succedido; mas possivel é que alguma rara vez tambem, numa ou noutra das suas tão numerosas mudanças, obedecesse antes ao seductor attractivo do variar, do que a um peculiar e bem averiguado motivo de conveniencia. Se tal se deu, o que todavia não affirmarei, são tenues senões em que não val a pena de exercer critica; em todo o caso antes um desacerto por cem acertos neste liberal e filosofico sistema de escrever, do que os desacertos continuos em que se mette o misero estofador das estancias por bitola.

O que é innegavel é que em todas as especies e variedades de metros, Thomaz Ribeiro apresenta a maior naturalidade e melodia, sendo difficil decidir qual seja o verso mais congenito á indole musical do seu ouvido. Depois, que cheio e recheio em todos elles! Como a idéa lhes entra voluntaria e facil! Como facil e rica, riquissima quasi sempre, lhes acode a rima! São todos estes uns primores de que em vão se procuraria o minimo vestigio em toda a nossa antiga poesia; e bem poucos se encontram mesmo na moderna. Versos taes, bem razão teve o autor em fugir da hypocrita modestia de os marcar com a

lettra maiuscula no principio. Todos os conhecem por versos, sem levarem a marca na testa, que para tantos e tantos é o unico salvo conducto atravez da prosa.

Tal é, em nosso conceito, o poema de que emprehendemos dar alguma noticia previa aos estudiosos, e ao publico em geral. Se a affeição que o autor nos merece nos não torceu, sem o querermos, o juizo em seu favor, eis aqui agora um conselho, ou requerimento, que a bem das lettras patrias dirigimos aos que superintendem nos estudos nacionaes.

Ninguem haverá por coisa indifferente a escolha dos livros de texto para uso das escolas, quer secundarias, quer mesmo elementares. São os cerebros pueris cêra molle, em que o bom e o mau se imprimem com igual facilidade, e deixam cunho que tarde ou nunca se desvanece. Importa logo que em mãos taes se não mettam livros ao acaso, mas se lhes dêem, e só se lhes consintam, os bons, e d'entre os bons os optimos; isto é, os que reunem em si um complexo de muitos dotes, bem raros todos, a saber: noticias de prestimo, persuasão moral, pureza de arminho no tocante aos costumes, variedade summa, agrado constante, clareza amavel, linguagem sã e correcta, estilo quanto possivel formoso; em summa, nada de mais, nada de menos, e nada diverso do que pódem apetecer, digerir, e assi-

milar, as pobres creanças para mantença e saude do espirito, do corpo, e do coração.

Ora, fallemos serio, que o assumpto merece-o. Estarão porventura neste caso os livros em que geralmente se fazem ler e tresler os meninos e meninas, mesmo nas melhores escolas d'este reino? É superfluo responder o que todos sabem. Pois muito bem, por não dizer muito mal.

Deixo de parte, como estranhas ao meu assumpto de hoje, as leituras de prosa, ou, como ingenuamente se tem dito e impresso em estilo official, os *autores prosaicos,* e fallo só da poesia.

Qual é o livro da poesia mais corrente e moente no uso das escolas?—os *Lusiadas*. Satisfarão os *Lusiadas* a todos os requisitos, que apontámos, ou á maioria, ou á melhoria d'elles, quando menos? Como ha infinita gente enthusiasmada e intolerante por este magnifico livro, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me licito não me louvar na resposta alheia, mas dal-a eu mesmo com a clareza e lizura que taes coisas nos requerem.

E antes de tudo, advirtam esses que suppõem defender assim uma gloria nacional, que todos aliás acatâmos, advirtam e notem bem, que se ha homem insuspeito de parcialidade nescia contra o Camões, esse homem não está entre elles; esse homem sou eu. De largos annos e por mil modos, o tenho comprovado: Que o diga o meu

poemeto *Sacrificio a Camões;* que o diga o meu *Estudo historico-poetico drama Camões;* que o digam as diligencias e esforços, constantes das notas d'esse mesmo livro, para que se levantasse uma estatua a Camões, para que se lhe desencantassem e enthesoirassem os restos mortaes, para que se inaugurasse com elles um Campo Elysio ou cemiterio privilegiado para os portuguezes benemeritos, devendo ser esse dia de festividade nacional; que o digam mil passos dos meus escriptos publicados em prosa e verso, e nomeadamente a epistola em que agradeci o meu retrato ao escultor que havia tambem executado o do poeta; que o diga a magoa com que vi o cantor dos mares, que invocava para se inspirar as suas Tagides, condemnado a ser posto de sequeiro no mais prosaico de todos os largos da Europa; que o diga o orgulho com que eu concorri a lançar a primeira pedra nos alicerces do seu tardio monumento; que o diga emfim a alacridade com que offereci a minha penna d'oiro para que El-Rei assignasse com ella o auto d'aquella reparação nacional, e a ufania com que hoje a guardo, por se lhe ter d'este modo centuplicado o valor.

Agora, que já não ha suspeição que me possa escalar, direi dos *Lusiadas* com liberdade, e só movido, como o proprio Camões, d'amor da patria.

Essa epopeia que eu não quero contrapesar com a *Iliada,* com a *Eneida,* ou com a *Jerusalem,* mas que fórma com as tres um dos quatro monumentos epicos mais sublimes, esse poema que o terrivel inimigo de poemas e de poetas, Prudon, tanto levanta acima de todos pela grandeza do seu assumpto social e humanitario, esse deposito de tanta sciencia que Humboldt saudava com respeito, esse brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas, essas *horas diurnas e nocturnas* de todos os devotos das Musas, os *Lusiadas,* são intrusos na escola primaria. Na escola primaria são inuteis; são nocivos.

Como neste logar só fallo com os superintendentes dos estudos, apontarei razões sem as desenvolver.

As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes, antigas e modernas, fabulosas, sagradas e profanas, accumuladas nos *Lusiadas,* são as mais das vezes tocadas ou alludidas de modo tal, que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma creança apenas alfabeta, são portanto perdidas de todo em todo.

A inconciliavel mistura das fabulas pagãs com as crenças de que se compõe o christianismo, póde perverter á nascença os salutares instinctos logicos do bom senso e do bom gosto.

A persuasão moral que se aspira dos *Lusiadas,*

é o amor á terra do nascimento; bem está; mas é álem d'isso, e muito mais do que isso, o espirito aventureiro e bellicoso, virtude anachronica, serodia para o nosso estado actual, escusada, ridicula, perigosa; esta que no seu tempo bem podia ser uma das excellencias do poema, o progresso do tempo a degenerou em demerito e vaidade.

Os bons costumes, escusado é repetil-o, confessam-no todos, são gravemente lesados nos *Lusiadas*. A Ilha dos Amores só por si sobraria para os desterrar para bem longe de institutos de puericia.

A linguagem dos *Lusiadas* foi a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu tempo já lá ficou para traz ha tres seculos; e fallar hoje como fallou Camões, nem a um velho tonto e pirrhonico se desculparia, quanto mais a um viçosinho de sete ou oito annos; e isto é ainda no presupposto de que elle a podesse entender e tomar; mas não a entende, nem rastreia: adormece, atordoado com ella, e vai-se a pouco e pouco afazendo á miseravel crença de que se póde ler só para matar o tempo, e de que os livros, em ultima analise, pouco mais são que meros sons.

......*inopes rerum, nugœque canorœ.*

A grammatica mesma, este senso commum da

linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar, promover, e dirigir por uma logica pratica e séria para a boa entrada em estudos superiores, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fosse) é frequentes vezes offendida nos *Lusiadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacoito das figuras e das nimio elasticas licenças poeticas.

A versificação dos *Lusiadas,* está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metreficar e rimar é hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estancia fenix que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.

Se tudo isto é exactissimo, como cuido, se nem tudo o é, mas o é metade, mas o é a terça parte, que vão fazer os *Lusiadas* psalmiados numa escola primaria por um mestre que os não percebe, e discipulos que os não pódem perceber? Se entre elles houver por acaso poeta implume, predestinado para aguia, viciaram-lhe com um poema, aliás maravilhoso, mas não feito para elle naquella edade, a verdadeira educação poetica. A todos os mais rapazinhos, plebe de espiritos e e semi-espiritos para a prosa, de que serviu esta

comedia de falsa homenagem a um genio, que tem tantos outros muito melhores e mais authenticos titulos que lhe abonam a immortalidade?

Nenhuma d'estas desconveniencias se póde reprehender na epopeia de Thomaz Ribeiro. Todos assim o proclamarão quando a tiverem concluido; é um d'estes bons livros que se deixam ler, se fazem reler, se não largam senão depois de decorados, e nos deixam com o que quer que seja de melhor no interior. Não é já uma exhortação aos brios marciaes para se irem tomar com infieis, *devastarem as terras viciosas d'Africa e d'Asia*, e exterminarem o

> .... «gentio
> que inda bebe o licor do santo rio;»

é, sim, uma proclamação aos filhos generosos do torrão portuguez para que lhe mantenham a independencia, e quando alguem lh'a dispute, morram na contenda, se tanto for preciso. Os *Lusiadas* eram o poema do soldado. O soldado recordava com desvanecimento e com inveja os seus antigos camaradas navegadores:

> .... «que foram dilatando
> com a fé o imperio,» ....

por *obras valorosas se libertaram das leis da morte.*

«e entre gente remota edificaram
«novo reino que tanto sublimaram.»

Era a voz de um marinheiro armado e inquebrantavel que tomava a peito cheio os ventos da conquista futura, e os exhalava em sons de *tuba canora e bellicosa,*

«que o peito accende e a cor ao gesto muda.»

O *D. Jayme* tem mais legitimas ambições; não quer que a sua patria ponha jugo a ninguem, mas não sofre que lh'o ponham a ella.

Concluir-se-ha d'isto haver mais virtude civica no Ribeiro que no Camões, ou no Camões que no Ribeiro? De nenhuma sorte: a virtude de Camões era de mil quinhentos e setenta e tantos; a de Ribeiro é de 1862. Não ha mais nada; mas é esta virtude da nossa era, e não aquell'outra de uma era morta a que devemos incutir pela lição dos bons versos no coração dos nossos filhos.

Depois, quantos outros amores, álem do da patria, e quão melhores e mais fecundos que os da ilha de Venus se não insinuam nas vontades com o estudo d'esta epopeia contemporanea!: o amor paterno: tão expansivo e jovial em D. Martinho; tão triste e previdente no pae de Anninhas; tão fogoso, tão apaixonado em D. Jayme; o amor materno: tão

angelico em Estella; o amor propriamente dito: em D. Jayme, em D. Germano, em Estella, em Anninhas; o amor que sobrevive ao objecto amado: em D. Martinho, em D. Jayme; o amor filial: em D. Germano, e D. Jayme, em Anninhas e em Guiomar; o amor fraterno: nos dois irmãos Aguilares; o amor aos pobres e aos infelizes: no fidalgo castellão, e no pae da flor das lavadeiras; o amor aos bemfeitores: na flor das lavadeiras, e em Mem Rodrigo; o amor á virtude, á heroicidade, ao dever, á natureza, e á poesia: no filho mais novo do solar; e para fundo negro em que mais claros sobresaiam tantos amores, e tão gentís; por detraz do Pinto Ribeiro, e seus socios, o Miguel de Vasconcellos, o arcebispo de Braga, os renegados traidores; por detraz de Estella, os de Aragão fratricidas; por detraz de D. Martinho, o *digno* pae dos dois monstros; por detraz do pagem agradecido, e de Anninhas a santa, as moças da taberna da Guarda, os salteadores; por detraz da heroicidade paciente, a rapacidade brutal, e as justiças ferozes dos oppressores; por detraz da choupana indigente, mas serena, onde Anninhas chora, cantando para confortar o seu pae adoptivo, louco, e moribundo, e coze, chorando, para dar uma camisa nova ao mendigo que os sustenta, o salão do crapuloso festim dos aragonezes; por detraz do carrasco, o padre; no meio das desgraças, a espe-

rança; no remate do terror, para justificação da providencia, a resurreição da patria:

Horas depois, raiava a liberdade,
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa, os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de Dezembro. Emfim desperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceo e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias,
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da força, por moimento,
e por brandões de enterro... as luminarias!

Que mais querem de nós? apoz tamanha
galhardia d'algôz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia?
não lem seus feitos?... Que nos quer a Hespanha?

Quer insultar a lapide funerea
que pesa sobre vós, heroes de *Ourique!...*
Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, ecos da Iberia!

Todas estas contraposições tão artisticas e tão

filosoficas, levantam de repente o poema á altura de um dos bons livros de moral. A leitura corre toda mesmo atravez de algum fogaz sorriso, e de frequentes amenidades, regada com as lagrimas do leitor: e a ultima impressão que deixa, é, posto que melancolica, suavissima, por ser de amores que principalmente se compõe.

Aqui está o livro que deve ser imposto ás escolas ámanhã e já hoje; até para que se encontre nellas alguma coisa de amoravel e sympathico.

Bem vêdes, que vos dou por um portuguez outro portuguez; se maior, se menor, não o podemos julgar nós que o temos vivo e presente. Lá noutros seculos o decidirão. O que eu sei que lhe falta para que lhe liberaliseis summa veneração, e não lh'o desejo todavia, é que as exhalações do tumulo o tenham idealisado. Se o Camões andasse por ahi hoje entre nós, se o encontrasseis quotidianamente no Gremio e no Passeio Publico, no Martinho e em S. Carlos, um raio escache as minhas seis arvores dentro de um quarto de hora, se fallando-vos alguem de lhe levantar monumento, vos não desfazieis a rir como uns perdidos. Ora pois: se isto é assim, comecemos a aprender um poucoxinho tambem de justiça para com os vivos; não addiemos toda a gratidão para depois de trezentos annos.

São as honras tardias como as drogas que envelheceram na botica: já não curam. Venham

frescas, e farão milagres; façam do *D. Jayme* um poema familiar á mocidade, e reconhecido como bom por quem tem essa obrigação, e ver-se-ha o que esse exemplo não ha-de produzir como fomento a engenhos. Então é que ha-de ser gaudio commentar as profecias do Pelletan.

Aqui para entre nós (que isto de escrever em portuguez é estarmos conversando á porta fechada cá no nosso cantinho do mundo velho) parece-me que o Pelletan quereria alguma vez, e não poderia, fazer versos, ou não lhe sairiam como os elle desejava, e só por isso lhes tomaria entojo. Aliás, quem tão admiravelmente vê no passado e no futuro, na natureza e na alma, reconheceria, que este luxo da linguagem chamado versos, provém, não de um principio inventado pelo homem, senão da sua tendencia natural para o rythmo. Quando tudo no universo obedece ao rythmo, como nos haviamos de subtrair nós aos seus encantos?

É o verso uma consociação da musica e da palavra, um feitio particular e elegante dado á dicção. Por qualquer vazo tosco se póde beber; mas Falerno, e agua pura que seja, sabe melhor por uma bella anfora etrusca, ou por um vaso esmerado da Saxonia, ou da Vista-Alegre; assim, o pensamento e o affecto por qualquer prosa se tomam e aproveitam: mas com delicias, com vo-

luptuosidade, mastigando o sabor, só pela taça das Musas:

Pocula castalia plena ministrat aqua.

Estas considerações são obvias; é impossivel que o autor da *Profissão de fé do XIX seculo,* que tão sábia apologia fez do luxo, não tenha já cahído em si, e reconhecido esta e as outras razões que abonam o uso universal, antiquissimo, constante, e immorredoiro, das fórmas metricas. Eu por mim passo ainda muito adiante nas minhas persuasões a este respeito: quero crer que um pouco mais de adiantamento no alvorecer da filosofia utilitaria, em vez de acabar com os versos, os ha-de reconsagrar e favorecer como de grande prestimo.

Os versos, com a graça do rythmo, com o enfeite das rimas, e depois revestidos com a aurea chlamide da musica, hão-de ser empregados por gente mais discreta que nós como auxiliares da memoria, e conciliadores da vontade, para muitos estudos, que por seccos e dessaborosos, ainda que substanciaes, carecem de toda a sorte de condimentos.

Muita arte, e muita sciencia, tem já ganho em nossos dias incremento por terem achegado para si a eloquencia; que não será quando, onde couber, á eloquencia acrescer o metro, artificio-

samente rimado e modulado! Serão recamos d'oiro e matiz na capa de seda liza do saber.

¿Não era em verso que se formulavam os oraculos e dictames da moral? era;

> .... *dictæ per carmina sortes,*
> *et vitæ monstrata via est*...............

Não foi em verso que os poetas primitivos ensisinaram a cantar os deuses, e legislaram ás sociedades nascentes? foi; que o digam os milagres não fabulosos das liras de Orpheu e de Amphião. Não foi aos versos que Homero entregou como a depositarios fidelissimos, a historia, o culto, e a filosofia do seu tempo? Sem duvida:

> *Res gestæ regumque ducumque, et tristia bella,*
> *quo scribi possent numero, monstravit Homerus.*

Não foi com os versos que os tragicos da Grecia immortalisaram para o povo a lembrança das solemnes catastrofes de Thebas, de Troya, d'Argos, e de Mycenas? Virgilio, as glorias romanas? Ovidio, os *Fastos?* Hesiodo, Marão e Columella, os preceitos da agricultura? Lucrecio e Horacio, as filosofias? Juvenal e Persio, os costumes da sua edade? Gracio Falisco, a *Arte da Caça?* o Venusino e Boileau, os axiomas da poetica? Não foi com versos, ainda que maus, que os jesuitas e a

escola de Port-Royal, facilitaram o estudo das humanidades? As canções de Béranger não popularisaram melhor que as estrofes de Harmodio e Tyrteu, o amor da patria e da liberdade?

Que parte não poderiam para si reivindicar: os cantos da *Iliada*, nas victorias de Alexandre? as odes de Pindaro, nas dos jogos isthmicos? os *barditos*, nas da Germania? e já quasi em nossos dias o

Allons, enfants de la patrie,

nas da republica franceza?

¿Quem póde logo duvidar de que a fórma metrica, que tantos e tamanhos serviços tem já feito, não esteja predestinada para os prestar ainda maiores?

Sobre este assumpto, pelo suppor de entidade, já eu martelei com a ancia de convicto no prologo das minhas *Estreias poeticas* para o anno de 53, no meu *Ajuste de contas com os adversarios do methodo portuguez* em 1854, e em varios outros escriptos. Portanto, pouco mais poderia agora fazer do que repetir. Mas não largarei por mão o assumpto, sem ponderar isto: quantos portuguezes, que nunca leram historia portugueza, não possuem, posto que vagas, copiosas noticias d'ella, só por que lhes vieram para a memoria como em carros de ovação reclinadas nas estancias da maravilhosa epopeia do Camões?!

E o *Bosquejo metrico,* do nosso amigo Viale! ¿Negará alguem que estes segundos *Lusiadas* abreviados, concepção menos remontada que os primeiros, porém mais térsa, mais esplendida, mais esmerada, mais na linguagem e gosto litterario do nosso tempo, adoptada, como está, e o devía estar, nas escolas, ha-de contribuir mais que todas as historias em prosa para que a seguinte geração de portuguezes se glorie dos seus antepassados, e se inflamme em brios de os igualar?

Eu mesmo, na minha propria experiencia tenho provas do que digo! levei o metro e o canto de envolta com outras mnemonisações, e alguma filosofia, até dentro da escola elementar. Pasmaram uns da ousadia; riram outros e deram vaias; outros, mais homens e mais sabios, apedrejaram em honra e louvor do passado:

Ils sont l'horrible hier qui veut tuer demain;

mas os meninos dentro na classe folgaram, sentindo-se amados; vendo luz, estiveram attentos; achando-se livres, aprenderam; começaram, com espanto seu, a affeiçoar-se ao mestre, a gostar do estudo, a propender para os livros. O principio da regeneração está na escola. Nada mais proprio que abençoar-se e inflorar-se este berço dos seculos, e nada mais preciso e urgente

que repetir aos que são maus por indifferentistas, e são indifferentistas por ignorantes, este verso admiravel do meu grande poeta, outro obreiro contumaz da civilisação:

L'aube vient en chantant et nôn pas en grondant.

D'outra vez, compuz o *Hymno do trabalho,* do trabalho, anjo custodio da virtude e do contentamento, do trabalho, creador, felicitador e glorificador abaixo de Deus. A musica popularisou esses versos; foram cantados nas escolas, nas ruas, nas officinas de todo o reino; em muitas, confessado por seus proprios directores, só com este facil estimulo cresceu a actividade, com a actividade a producção.

Não hajamos pois vergonha de ter juizo. Aproveitar as lições da experiencia. Favoreça-se, promova-se por todos os modos, e a todo o custo, a cultura da poesia.

Se eu fosse rei, sabeis o que havia de fazer a minha Real Magestade em apparecendo um poema d'estes? havia de chamar logo o seu autor, escolher a menos malbaratada das condecorações, e pendural-a por minha mão sobre aquelle peito patriotico para incentivo a outros.

Se eu fosse superintendente da instrucção pu-

blica, havia de forcejar para que versos taes se decorassem em todas as escolas.

Se fosse parocho, havia de os ler e explicar nos serões de inverno aos meus visinhos apinhados á roda da fogueira na cosinha da minha residencia.

Se fosse academia, havia de convidar o poeta para o meu gremio, e propor poemas uteis para assumptos de premios annuaes.

E se fosse obscurante por sistema e por fadario, assim como se nasce mocho ou lobishomem, havia de ralhar muito de todas estas lembranças, e teimar que era muito melhor continuar com o *ramerrão,* e deixarmos ficar as creanças vivas amarradas á agigantada epopeia do passado, que ellas não pódem apreciar nem entender.

Finalmente se fosse invejoso, havia de morder-me, mordel-o, e estoirar.

Agora que me levanto para me despedir, um conselho ao meu poeta; é o primeiro e o derradeiro; oxalá m'o tome:

Disse elle num de seus cantos:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dor, que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do occidente envolta em sedas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de alamedas,
rica de joias, oiro e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

Arvore a cuja sombra augusta e santa,
ao gelo foge, e ao sol a flor nascida;
onde o cinzel co'a lira afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.

Onde o presente se protrae de rastos,
e o germen do futuro altivo medra
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florecida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
em quanto lês com pasmo a alheia historia
sem te lembrares... ai! de que és suicida.

Agora esta cidade que o autor lá na sua *Aldeia das flores* tanta pena tinha de não ter visto, já a conhece e já deve saber o que val em realidade. Tratou todos os seus homens mais distinctos; foi bemvindo e festejado nas assembléas; escutado com satisfação no parlamento; contemplou por dentro nas rodas veleiras e nas rodas perras o machinismo dos negocios publicos. Deve estar saciado, e com o melhor das suas illusões politicas esmorecido, senão secco. Vai reintegrar-se com alvoroço nos contentamentos domesticos entre pae, mãe, irmão, esposa, amigos da infancia, arvores que o viram nascer, rio em que nadava menino, oiteiros por onde caçava, valleiras onde se escondia para ler Virgilio. Da primeira vez era desculpavel a curiosidade de ver a capital:

.... *Romam tibi causa videndi.*

D'aqui ávante já sabe por experiencia não ser ella a que lhe convem; a politica não val a poe-

sia; e depois, os poetas são raros, e os estadistas innumeraveis; os estadistas morrem mesmo antes de morrer, e os poetas, quando são como elle, não morrem nunca; quando os estadistas lhes tardam com o devido monumento, já elles o têem sem estrondo fabricado para si, como o bichinho manso que vai tirando do interior o fio argenteo ou aureo para o casulo, d'onde ha-de sair borboleta para os espaços sem limite.

Volte nas boas horas alguma vez a rever e abraçar os amigos e admiradores que deixa na margem do Tejo; mas seja de passagem, e para se restituir logo ao seu Pavía. Como deputado, não; que seria secularisar-se da litteratura. Para muito tempo, tambem não, que o podia matar o contagio da preguiça. Como a Galathéa do seu Virgilio, sim:

...... *fugit ad salices, et se cupit ante videri.*

Lá, lá, é que está o seu destino; lá é que póde tambem com o seu Virgilio repetir:

.... *Deus nobis hœc otia fecit.*

Prepare-nos epopeias novas. Ninguem tem historia patria mais abundante em heroicidades para isso do que nós outros; prepare-nos dramas; o *D. Jayme* cá nos disse em quão subido grau o

seu autor possuia esse talento; escreva o que lhe aprouver, mas conserve e zele a chamma sagrada que o ceo lhe accendeu na alma, não tanto para si como para a patría.

Furte-se, e se tanto for preciso, roube-se, ás homenagens com que os seus comprovincianos eleitores poderiam querer recompensal-o, reenviando-o ao parlamento. Se algum insistir, dizendo que é necessario ser util á *coisa publica,* não lhe responda que os rouxinoes os fez Deus para cantarem e não para serem cosinhados em plangana, e comidos, dizendo ainda por cima os commensaes, a palitar os dentes, uns, que estavam bons, outros, que não prestavam. Essa resposta verdadeira mal a entenderia quem teimasse em o fazer politico: mas fuja, e suma-se, até que passe a trovoada eleitoral; e, se tanto não bastar... molhe a penna noutro tinteiro, e escreva artigos para os periodicos a desacreditar-se. Tudo, menos renunciar já agora a poesia quem assim se estreou nella.

Lisboa 11 de julho de 1862, ao meio dia, ao cantar a primeira cigarra d'Anacreonte na copa da minha olaia.

A. F. de Castilho.

D. JAYME

A PORTUGAL

Meu Portugal, meu berço de innocente;
liza estrada que andei debil infante;
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite d'estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outono,
sê meu berço final no ultimo sono!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto!...
Sonhava as noites de teus dias ledos
afogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quiz dar-te hymnos d'amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lira o canto,
mas amar-te o esplendor de immenso brilho...
eu tinha um coração, e era teu filho!

*

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de loiros e de acacias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas;
onde num cerro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas;
balsa virente de eternal magía
onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes;
ou nunca ao pôr do sol de ameno estio
viu franjas de oiro e rosa os horisontes,
ondas de azul e prata em cada rio,
as perlas e os rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, terreo paraizo,
sentiu o magnetismo num sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares,
mostra-lhe os esqueletos das galéras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguem menosprezar teu manto pobre,
ri-te do fatuo que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... d'áquem e d'álem-mar senhora?
e te consomes nas candentes fragoas
das saudades crueis que tens d'outr'ora?
Por tantos loiros que te deram? magoas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
has-de cingir o teu diedama augusto;
são teus filhos leaes, e Deus é justo!

Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
grandes, hão-de levar-te a ingente gloria:
Camões, o sol, o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre historia.
Com prantos e com sangue audaz guerreiro,
o seu livro escreveu d'alta memoria!
Lêde os cantos divinos do poeta,
entoados em harpa de propheta!

O mar, na eterna lida porfiosa,
cançado de correr largos desvios,
vem afogar a sêde angustiosa
no saboroso nectar de teus rios.
E quando noutra edade mais ditosa,
tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar de tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o genio das tormentas,
algôz de tanto nauta aventureiro,
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;
mas quando viu, nas quilhas tão attentas,
içado o teu pendão tão altaneiro,
accendendo o Sant'Élmo resplendente
illuminou-te as portas do oriente!

Fiel, sempre fiel á tua gloria,
conduziu-te o Evangelho a longes terras;
acompanhou-te os cantos da victoria,
saudou-te os brios nas longinquas guerras!
Rasguem embora, ó patria, a tua historia;
emquanto o mar bramir quebrando serras,
ou brincar nas areias em bonança,
ha-de fallar de ti, patria, descança.

Qual no deserto o lasso viandante
vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
achando attenuado e arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonia,
e naquella atmosféra inebriante,
se alimenta, se farta, se extasia,
tal és do sol oásis reservado,
jardim da Europa á beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
d'um iris c'rôa a nuvem mais esquiva,
nem tem c'rôa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz e brilho á selva que verdeja,
e o sol de Portugal o mundo o inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê lêdo banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valeiro,
ou sobre as neves do jaspeado monte;
já não é d'hoje só que o mundo inteiro
falla do brilho teu neste horisonte;
já Celtiberos, Mouros e Romanos,
choraram pelo sol dos Lusitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
que eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o solio que escolheste;
bem sei que tens aqui maior pureza;
mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi por zêlos da terra, minha... e tua!...

Por ti canto, meu berço de innocente;
liza estrada que andei debil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante.
Tu... dá-me ao cerrar noite o meu inverno,
um leito funeral ao sono eterno.

CANTO I

FLORES D'ALDEIA

As flores d'aldeia são puras e bellas;
suaves aromas, vivissimas cores;
os *cravos* altivos, as *rosas* singelas,
suspiros sentidos, leaes os *amores*.
Quereis um raminho colhido por mim?...
pois vinde comigo buscal-o ao jardim.

Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavía!
tão branca tão buliçosa,
tão susurrante e donosa
no seu copado arvoredo,

como festiva *Fogaça,*
num dia de romaria,
toda vestida de caça;
com lenço de seda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito, e no cabello,
o mais completo jardim!
Não achais o quadro bello?
pois bem, a aldeia era assim.

No centro, grave e campeiro,
se ergue o palacio da aldeia,
num lizo largo terreiro
de annozos freixos moldado.
Era o éden frequentado
da aldeana rapazia,
d'esse rancho descuidado,
pae, filho, irmão da alegria.
E a casa que entre arvoredos
ali sósinha vivia,
tinha já musgosos muros,
em que estreitas brancas listas
se embutem na cantaria.
Tem no centro sobre a porta,
um brazão de fidalguia;
e tem do lado oriental,
uma formosa capella

tão vistosa e festival,
que não se encontra mais bella
noutra aldeia em Portugal.

D. Martinho d'Aguilar,
velho fidalgo d'então,
d'aquelle antigo solar
era o velho castellão.
Reinava o sceptro da Hespanha,
tornado por negra sanha
cutello de portuguezes;
e elle,—o D. Capitão
das hostes do D. Priôr,
chorando as armas perdidas
do seu perdido Senhor,
contava os dias e os mezes
no pulsar do coração;
e ali sellava os revezes
d'esta aviltada nação.

Guardava, como encantada,
dentro de trancado armario,
a sua vencida espada;
como custodia em sacrario,
como imagem sobre altar;
e nunca passava um dia
que a não fosse visitar.
Polia o aço polido,
mirava-a dôido de amor,

e alizando-a pela face,
e anediando-a co'os dedos,
como se houvera dois peitos,
lá segredavam segredos,
de seus esquecidos feitos,
de seu quebrado valor.

E ao dizer-lhe o—adeus—extremo
escondendo-a na bainha,
sempre uma gôta caía
no seu cuidado primor,
que a mente não adivinha,
se era pranto que vertia,
se era baga de suor.

Mas seja pranto de dor,
seja suor de agonia,
sempre uma nodoa bem negra
naquelle espelho nascia.
no dia seguinte, o velho
teimosa mancha polia;
mas o—adeus—lhe acompanhava
a baga emfim d'agua viva,
d'ella, a nodoa rediviva,
e o polir de cada dia.

Que nunca mancha infamante
teve de Martinho a espada;
nas suas lides sangrentas

não se embotou, foi vencida;
e se ali vive escondida,
não é por envergonhada.

E meneando a cabeça
entre sorrir e chorar,
dizia assim D. Martinho
pousando-a no seu altar:

—«Duque d'Alba, Duque d'Alba...
o ceo te guarde, valente!
Despovoaste Castella
contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro!
Chamáras o mundo inteiro
para tal feito excellente!
Mais de ti fallára a historia
nos fastos da immensa gloria,
que tu ganhaste, valente!
nessa covarde victoria...
Duque d'Alba... Duque d'Alba...»—

Dois filhos tinha o bom velho,
orfãos do materno amor
desde innocentes. Espelho
de saudade e viva dor
era o valente soldado;
que a linda espôsa fiel

no seu transe amargurado,
numa saudade cruel
deixou tão santo legado.

Que prantos que não regaram
as faces de D. Martinho!
como ao pé do seu penar
todo o penar é mesquinho!
Á dor que te cruciava
melhor te fôra morrer!...
Mas a dor céde á virtude,
e a ti, vigorou-te o brado
que saía do ataúde
para alargar teus destinos!
eras pae, nobre e soldado,
tinhas orfãos pequeninos,
e a patria em dor a gemer...

Tu não podias morrer.

Jayme, —o mais velho dos dois,
de rosto vivo, queimado,
olho ardente, peito arcado,
fallar decidido e são.
Prompto a servir arrastado
ou a dominar d'alta frente!

genio vivo, a mão valente,
generoso o coração.

Aos affectos da amisade
prestava sincero culto;
mas trocava cada insulto
por outro insulto mais cru.
Se via rôto mendigo
que a opulencia escandalisa,
dava-lhe a propria camisa
ficando risonho e nú.

Germano, — candida pomba,
rosto d'anjo, olhar sereno,
fallar pudibundo e ameno,
todo amor o coração,
vivaz, e debil, e candido,
era como a sensitiva,
que se recolhe de esquiva
mal sonha atrevida mão.

Se o velho pae via triste,
brincava com seus cabellos;
se era surdo aos seus desvelos,
em pranto afogava um ai!
Á debil voz da pobreza
lá ia correndo o anjinho:
—«Lá está fóra um pobresinho,
dou-lhe uma esmola, meu pae?»—

Taes os dois filhos formosos
que D. Martinho educou;
os dois rebentões mimosos
da rosa que se esfolhou.

Quantas horas de agonia
D. Martinho se embebia
numa e noutra face bella
dos seus filhos, seus amores!
neste, vendo os seus ardores,
naquelle, a candura d'ella!

—«Meus filhos, o dia é lindo,
e os prados vicejam galas;
vamos ao campo, fugindo
de muros e tectos, tapetes e salas.

Quem póde no dia primeiro de Maio,
de Maio vestido de giestas em flor,
c'roado de rosas, — ficar indolente
sem ver os dons novos que manda o Senhor?

Eu, velho, mal vejo com olhos avaros
matizes que os prados endoidam de amor;
irei pois, seguro por vós, meus amparos,
ver Maio o magano
taful primoroso,

vestido e toucado de mato cheiroso,
de roxo rosmano,
de giestas em flor.

Quem me dera a vossa edade
e as vossas pernas valentes,
que eu vos dissera o caminho
que seguia D. Martinho
no verdor da mocidade.
Meu Jayme, não gostas de entrar pelos bosques,
salvar precipicios, vencer alcantis?
E tu, meu Germano, não gostas das flores,
dos lagos, dos cantos das aves gentís?
Hoje o campo, meus amores,
tem bosques, lagos e flores;
e adormeceis nas janellas
como timidas donzellas?
que vergonha, caçadores!
Ir um velho mostrar-vos o caminho,
colher flores de giesta e rosmaninho
e vestir-vos de Maio o usado enfeite
de verdura, de aromas, de matiz,
ouvindo pobre mãe dizer aos filhos:
—Ali vai D. Martinho, o pae feliz...»—

. . . .
. . . .

Assim sairam folgando
os tres senhores d'aldeia;
os filhos, rindo e brincando;
e o pae, que nelles se enleia
mais, quanto mais os contempla,
com seus amigos motêjos
lhes instiga seus ardores,
mas sempre sorrindo amores
em seus paternos gracejos.
Ora parando dizia:

—«Vêde que espero por vós;
caminhae mais se podeis;
aliás, se acaba o dia,
se aqui vos encontrais sós,
ambos de medo morreis.
Ou deitae-vos entre as flores,
e até logo, caçadores.»—

E mais ligeiros que o vento
corriam Jayme e Germano;
e o pae mirava-os ufano
até perdel-os de vista.

Quando na moita escondidos
lhe espreitavam a passagem,

cifrando toda a linguagem
no tocar dos cotovelos,
o pae, fingindo não vel-os,
ia dizendo comsigo:

—«Martinho, meu velho amigo,
tudo no mundo assim vai;
o mancebo sem conselho,
em vez de ajudar o velho
a subir a alta ladeira,
desafia na carreira
o velho tolhido pae!
. . . .
Estas moitas no meu tempo
sempre acoitavam coelho;
vejamos se sai ou não
ao toque do meu bordão.»—

Mas antes que o bordão nas moitas désse,
o par mimoso sai, reapparece,
e gritam como loucos de alegria,
em quanto D. Martinho assim dizia:

—«Oh! valentes corredores,
que sob a moita emboscados
dormiam já de cançados!
Que vergonha, caçadores!»—

Era já o fim da tarde,
mas não era o fim do dia;
que em corações tão viçosos,
clara luz crepita e arde,
ondeia e cresce e irradia;
que importa que atraz do monte
vele o sol a altiva fronte?
lá fica o sol da alegria.

Foram sentar-se na encosta
ao pé do atalho do monte,
o pae num banco de musgo
junto das guardas da fonte;
aos lados, Jayme e Germano
sobre a relva recostados,
mas de braços enlaçados
na cinta do veterano,
e as cabeças recostadas
nos seus cançados joelhos.
Oh! nada ameiga os rapazes
como as caricias dos velhos.

Quem de longe visse attento,
perfis, contornos e assento,
d'esse grupo divinal,
nos mancebos ver cuidára
dois primorosos relevos,
que no marmore avultára
cinzel de genio immortal;

juvenescentes raizes,
da velha estatua d'Anchises
reforçando o pedestal.

. . . .

Oh! quem me fôra pintor!
As cores do meu pincel
me dariam hoje o quadro
do santo paterno amor!

Como eu fôra delicado
a avivar dois rostos bellos!...
e a encurvar as mãos d'um velho
carpindo finos cabellos!

Como eu fôra vigoroso
no rosto de D. Martinho!
Nas barbas longas, nevadas!
E nas faces enrugadas,
como eu pintára o carinho!...

. . . .

Deixae que eu ame este encanto
que a minha mente seduz;
deixai-me vel-o! é tão santo!...
Não sou pintor, e o meu canto
que val', se o não reproduz?

. . . .

Um dia... quando, não sei;
fui ver as gastas ruinas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e ornado do verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abismo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas;
as torres desconjuntadas;
como folhas desligadas
da flor que se vai finar.
E perguntei: — «Que portento,
pedras que baloiça o vento,
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...» —

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;

entre cada fenda estreita
uma vergontea se ajeita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias.
E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abismo;
que a hera robustecida,
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida,
força, a quem lhe deu vigor.

—São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor.—

—«Boas tardes, linda Anninhas,
bella flor das lavadeiras,
que trazes novas roupinhas
cor de rosa e tão festeiras.

Não vês, altiva morena,
que o teu cantaro invejoso,
desfaz da negra melena
teu rôlo ondado e formoso?

Trazes agoirento goivo
preso em negros passadores?
Disse-te acaso o teu noivo
que tinha novos amores?»—

—«Nobre senhor D. Martinho,
que me importa o meu cabello,
se o coitado em desalinho
nem tem, nem quer meu desvelo?

Se na flor da mocidade
trago ao peito um triste goivo,
é que o lucto da orfandade
vai ser... Jesus! o meu noivo!

Meu velho pae que ha dois mezes
succumbe a um mal surdo e lento,
nem já me conhece ás vezes
na hora do crescimento;

e falla só de baldios,
horta, gado e sementeiras!...»
E nisto chorava em rios
a rosa das lavadeiras.

—«Não chores mais, boa filha!
Deus que foi sempre qual é,
com agua da tua bilha
póde curál-o, tem fé!

Mas haver dois mezes plenos,
que o pobre Matheus soffria,
sem eu visital-o ao menos,
sem eu saber que morria!!...

Ai triste velho mesquinho!
ninguem já de ti depende!...
A casa de D. Martinho
já nada val'!... Isto offende!

Vem, Anninhas, meu encanto,
vou ver o meu velho amigo...
Ai! se não fosse o teu pranto,
ralhava muito comtigo.

Tu, Jayme, corre á cidade
no meu cavallo melhor;
reboca a rotundidade
do nosso velho doutor.

Não deixes que o pachorrento
te prove com mil autores,
virtudes de novo unguento,
venenos de trinta flores.

Oppõe por dique á torrente
da quina, e dos chás de tilia:
—Sim, doutor, mas o doente
pertence á nossa familia.—

Tu, Germano, de enfermeiro
servirás co'a bella Anninhas;
corre! vai buscar dinheiro,
e o capellão, e gallinhas,

e pão, e roupa. O velhinho,
que o seu mal tanto occultou,
saberá que D. Martinho
é velho, mas não mudou.

E o pobre pae recobrado,
tu verás, flor das trigueiras,
como ha-de guiar o arado
nas futuras sementeiras.»—

Quasi cerrada a noite, aldeia a dentro
seguia D. Martinho, e a pobre ao lado,
mas ia ufana já, porque levava
a providencia ao pae desventurado;
nos olhos, que fulgor lhe não brilhava,
e nas faces, que ha pouco descoravam,
que rosas de esperança não brotavam!

Ia chegando o rancho campesino,
cançado do lidar do dia inteiro;
aos hombros, provimentos do outro dia;
rosto negro, suado e prazenteiro,
descuidada, leal, pura alegria!...
Quem quer prazer suave e amor divino,
feche na mansa aldeia o seu destino!

E novos e velhos ao ver D. Martinho,
como se topassem um Rei, ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frontes tirando os chapeos!

—«Boas noites!—Santas noites.
Meu compadre.—Meu padrinho.
Meu bemfeitor.—Pae dos pobres.
Santo modêlo dos nobres.»—
Assim se exclamava em côro!

E não vendo outro caminho
nem já lembrando seus feixes
o rancho lasso, faminto,
vai seguindo por instincto
os passos de D. Martinho!

Que Rei teve côrte igual
mais espontanea e leal?

E taes palavras trocaram
até á choça sombria,
em que o doente jazia:

—«Com que então, vão aqui tres afilhadas
que nem a benção pedem ao padrinho?»—

—«Sua benção, senhor...»—

—«Que Deus vos abençôe. D. Martinho,
quando vê suas bençãos desprezadas
com tanto desamor,
já não quer mais saber das afilhadas.»—

—«Vinha longe, padrinho, ora sómente...»—

—«Não mintas, Josephina!
repara bem que um anjo nunca mente!...

esconderem-se as minhas afilhadas!...
Oh! que brancas e crespas como neve
trazeis vossas meadas!
tão lavadas!
tão coradas!
ai que lindas que vão! e vosso pae
como ha-de achal-as bem!...
Elle não vem?»—

—«Aqui vou, meu compadre, envergonhado
por inda não ter dado
de mim boa razão como devia.
Mas... compadre e senhor, a gente ás vezes
soffre por seus peccados taes revezes...
Eu vi os meus renovos abrasados,
e as duas trovoadas
foram... sei lá, senhor! os meus peccados!»—

—«Quem te pergunta, velho impertinente,
por ninharias que são puros nadas?
se me deves uns grãos que se perderam,
eu devo-te o follar das afilhadas.
Ella por ella, velho, se és contente;
que até as innocentes me fugiram
na festejada Paschoa,
deslembradas de usanças tão antigas
as pobres raparigas!

Mas vamos ao que importa. Esta menina
tem seu noivo escolhido,
sem me pedir licença, nem conselho!
dou-me por offendido,
e perrices fataes são as d'um velho!
Ordeno pois: que o noivo, que me escuta,
não tenha o gosto de lhe dar vestidos.
Mais ordeno: que a bôda do noivado,
não seja em casa da menina astuta,
nem do noivo sagaz, ambos fingidos,
que tanto me occultavam seu cuidado;
e porque chorem sorte tão mofina,
intime-se a Ricardo e a Josephina,
sentença que profere D. Martinho,
condemnando nas custas... o padrinho.»—

E á choça do pobre que enfermo penava,
o grato cortejo chegava no emtanto;
e senta-se o povo que á porta esperava
dizendo baixinho: —«Que santo! que santo!»—

Que longos dias! como passam lentos
sobre os tormentos do ralado enfermo,
que, baloiçando-se entre vida e morte,
só pede á sorte linitivo, ou termo!

Que valem ais do consternado amigo?!...
Que val o abrigo que se dá chorando?!...
Que val a meiga filial ternura,
se a sepultura se lhe está cavando?!

Eram dois anjos a velar-lhe o leito;
ambos no peito a suffocar os prantos;
ambos, qual mais? a bafejar-lhe vida,
ancia perdida de cuidados tantos!...

Da prostração, do quebranto,
o velho volveu á vida,
para mais breve a perder.
Olhou em torno, e sem pranto
encara a filha querida,
de susto e pena tranzida,
a soluçar, a tremer...
Vê junto d'ella Germano,
dando-lhe os ternos cuidados
de generoso enfermeiro.
Defronte d'elles sentado
vê D. Martinho, encostado
ao seu alvo travesseiro;
cotovelos no joelho,
nas mãos escondida a fronte.

E deu-lhe a mão o bom velho
dizendo:

—«Como isto é nobre!
mas é já tarde, Senhor!» —

E D. Martinho doído,
tal lhe redarguiu:

—«Ai pobre,
que te esqueceste de mim,
como d'um grão escondido
que não vê o semeador!
mas tu não foste esquecido,
foi pejo, não é assim?
Ai! salva-me d'esta dor.»—

—«Não esqueci, não, senhor!
que o atteste este papel
que para vós tinha escripto...
e só para vós!... no fim
do meu delirio cruel...
que me vi menos afflicto...
tomei papel... e tinteiro,
gastei o papel... e o alento;
e d'este meu testamento...
sois vós... o testamenteiro.
Vai aberto... podeis ler...
se a lettra tanto quizer.
Ao amigo moribundo...
acceitae o que vos deixa...
deixando a pobreza... e o mundo.»—

Olhou Germano, e sorriu-se;
olhou a filha, e tremeu!
e nella os olhos pregados,
absortos, d'agua arrasados,
por largo espaço prendeu;
e acompanhou a leitura
com taes prantos de amargura
quaes ninguem nunca os verteu!

Solemne, em pé, D. Martinho,
quasi a voz a emudecer,
ao lado do pobresinho
oiçamos o que vai ler:

Em nome de Deus! vivi
na fé santa de meus paes,
e nella morro. Aprendi
a amar ao meu Deus, e aos mais
que são, como eu, peccadores.
Deus, que por mim soffreu dores,
que me leve para si.

Deixo a horta do rio, á virtuosa
viuva que ficou do justiçado
Heitor Pedro; de vida tormentosa;
pobre, qual sou, e como fui, soldado,

em lembrança fiel e amargurada,
do meu brioso, pobre camarada.

Deixo a casa em que vivo, a Mem Rodrigo,
que as noites dorme á beira d'um caminho!
a quem de pobre, a sorte fez mendigo.
A ave, o peixe, a fera tem seu ninho,
mas não o tem o pobre vagabundo,
repellido... estrangeiro em todo o mundo!

Deixo o meu Santo Christo ao senhor cura,
de quem espero as preces dos finados;
uma oração com dó, d'ess'alma pura,
talvez valha o perdão dos meus peccados!
Deixo alvião e enxada, ao meu visinho...
e deixo minha filha... a D. Martinho.»—

. . . .

Do velho a muda anciedade
findou na filha querida;
vivia só de saudade,
chorou e perdeu a vida!

Da orfã julgae as dores
vós todos que tendes paes,
que eu não quero entre estas flores
tantos goivos funeraes.

CANTO II

A BENÇÃO DA DESPEDIDA

Que edade florída e bella
a dos vinte annos!—Não é?!
ornada, embora singela,
de crenças, de esp'rança e fé;
em que dorme a austera e fria
luz da prosaica razão;
em que ostenta sob'rania
infinita o coração!
em que o mancebo tem sonhos
de fabulosa extensão,
altivos, nobres, risonhos...
Que bem fadada illusão!

Dos vinte annos a magia
quem poude roubar-m'a assim?

Que é dos olhos com que eu via
em cada cerro um jardim?
em cada gruta encantada
linda moura namorada
com thesoiros para mim?
em cada fonte uma fada?
em cada casa um festim?
em cada peito um abrigo?
um ceo em todo o viver?
um irmão em cada amigo?
um anjo em cada mulher?
alta sina em cada estrella?
e em tudo nobreza e fé?!...

Que edade florída e bella
a dos vinte annos!—Não é?!

A dos dezoito, é da vida,
fresca, plena primavera,
rosea grinalda, embebida
de aroma que não se altera;
mansa fonte cristalina,
em que se mira constante
uma imagem peregrina,
que em si mesma vive e mora;
que a si mesma tem diante;
que se festeja e sorri;

que basta só para si,
e que a si propria namora.
Mimo tal da natureza
não tem maldoza dobrez;
tem força na singeleza,
orgulho na timidez.

Inda os tristes desenganos
lhe escondem seu negro arcano.

D. Jayme já tem vinte annos;
dezoito, o loiro Germano.

Dois annos tem decorrido
desde que o bom D. Martinho
viu esse drama sentido
da morte do pobresinho.

Era um vasto salão; cupula altiva;
espaldares de sola almofadados;
tres janellas inundam de luz viva
negros, nobres bofêtes torneados;
serpentinas de prata em cada meza...
A nobre lusitana singeleza!

Era nova manhã: o firmamento
doirava-se dos fogos do oriente;
o ar, puro e subtil; dormido o vento;
mas já não tem aromas o ambiente;
dezembro é pobre de verdura, flores,
e coros d'aves;—musica d'amores.

Que póde no salão conservar presos
os que tão cedo os leitos seus deixaram?
que á luz de candelabros inda accezos
borzeguins e corpetes ajustaram?
que já dez vezes:—*vamos*—proferiram,
e do salão as portas não sairam?...

Germano, encostado á mesa,
debruçado na cadeira,
co'a mão esquerda sumida
nas ondas d'oiro brilhante
da formosa cabelleira,
tinha a attenção toda presa
nas folhas d'uma carteira
que elle escrevia radiante
de inspiração. E que leve
nas folhas, alvas de neve,
voava a penna ligeira!

A passos largos, pesados,
inconsequentes, incertos,
seccos labios entr'abertos,

negros olhos desvairados,
D. Jayme passeia ancioso
curtindo negros cuidados,
e cruzando pressuroso
em giro vertiginoso
o vasto, fundo salão.
Nas feições anuviadas
bem transparece o desgosto!
Cobrem de nuvens o rosto,
as magoas do coração.

Sobre nova, fina esteira,
sentada ao pé da janella,
oh! que linda costureira
tão nova, tão pura e bella!
Quem não reconhece ao vel-a
Anninhas, a morenita,
a lavadeira singela,
tão triste, mas tão bonita!...

vais errar o teu bordado
para os teus dias festivos,
se espreitas com tal cuidado
teus dois irmãos adoptivos!...

Ai! guarda-os, pobre donzella!
protege-os, virgem singela!
salva-os de seus desatinos!

Véla, véla os seus destinos,
fulgente, calada estrella!

Outro—*vamos*—distraído
de Jayme aos labios voltou;
e o—*vamos*—foi repetido
por Germano, meio erguido,
que sorriu... e se assentou.

E tudo em poucos momentos
recaiu no antigo estado,
volveu á ordem primeira:
D. Jayme aos seus pensamentos;
Anninhas, ao seu bordado;
Germano, á sua carteira.

Emfim D. Jayme, cançado,
quiz repoisar da fadiga,
e junto á mesa parou;
tomando na mão amiga
a fraterna amiga mão,
a Germano perguntou:
—«Que escreves tu, meu irmão?»—
—«Singelas trovas sentidas,
um ramo de muita flor,
cultivadas e colhidas
pela mão do trovador.»
—«A quem eram destinadas?»—
—«A quem? meu irmão... a ti.»—

—«Que flores mal empregadas!»—
—«Acceita-as, pois as colhi.»—
—«Acceito as flores, coitadas!
mas mostra-me o teu jardim.»—
—«É d'est'alma sem cultura
o pobre, humilde canteiro.»—
—«Flores d'origem tão pura
não podem trazer senão;
e quem foi o jardineiro?»—
—«Bem sabes: — o coração.»—

—«Oh! dá-me, dá-me o teu ramo,
antes que o desfolhe o vento;
mal sabes tu quanto eu amo
os hymnos do sentimento!
Não dás flores com espinhos,
nem veneno nos carinhos
de hypocrisia villã.
Mostra, mostra-me o teu hymno;
quem sabe se o meu destino
m'o não desmente ámanhã!...

Nem só tem valor um solio;
neste ignoto capitolio
c'roaremos um poéta,
eu e Anninhas, nossa irmã.
Não vês? olha: a preguiçosa,
tão descuidada e tão bella,
a pensar nas lindas flores

d'uma vistosa capella
com que ha-de pagar-te o encanto!?
Pois eu, dar-te-hei uma palma.»—

—«Bem: escutae o meu canto,
que se chama:

Flores d'alma.

As flores d'alma que se alteiam bellas,
puras, singelas, orvalhadas, vivas,
tem mais aromas, e são mais formosas,
que as pobres rosas, num jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
lucida chamma, sem ardor que mata;
banham-lhe as hastes, retratando as frontes,
limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade! nos vergeis suaves,
cantam as aves, sem cessar, amores.
Se ha ceo na terra, se ventura ha nella,
d'alma singela se achará nas flores.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
de mil venturas, mensageiras bellas,
se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
corra o mesquinho por amor traído,
quando o remorso lhe não turbe a calma,
nas flores d'alma ha de encontrar olvido.

Náufrago lasso a sossobrar nas vagas,
sem ver as plagas em que almeja um porto,
embora o matem cruciantes dores,
d'alma nas flores achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
d'um mundo falso os areaes percorre,
quando lhe entregam do martirio a palma,
ás flores d'alma se encommenda, e morre.

As flores d'alma são bellas,
mesmo sem terem cultura;
não ha silveiras entre ellas,
nem goivos de sepultura.

Tem uma só primavera
estes amenos rosaes,
uma só;—ninguem podéra
reverdecêl-os jámais,
ou quando os congele o frio,
ou quando os queime o tufão,
nas chammas d'um desvario,
na campa d'uma paixão.

Quando ás tormentas da vida,
em que alma e corpo abismára,
refoge o gasto suicida,
o tiro que elle dipara
com fria, gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flores d'alma.»—

Fundo silencio respondeu ás trovas;
extinguiram-se os ecos do salão.
Anninhas era a estatua da anciedade,
se não fosse o bater do coração.

—«São bellas as flores d'alma!...
—disse D. Jayme por fim—
Acho-as tristes!... Pobres flores,
mal empregadas em mim!...

Um canto sentido e puro
em ti, Germano, diz bem;
mas tem um sentido escuro,
e encerra agoiros tambem!
Pois na vida venturosa
que nós vivemos, Germano,
não vejo senda espinhosa,
nem sombras de escuro arcano.»—

—«Ah! Jayme, Jayme! é baldado
o intento de me illudir;
não vês que tenho ficado
no mesmo quarto a dormir?...
Pois vou contar-te em segredo
o que inda esta noite vi:

Deu meia noite;
manso e manso e muito a medo,
julgando-me adormecido,
(mas já vês que não dormi)
te levantaste, vestido
como te havias deitado.
Entr'abriste com cuidado
a mais rasteira janella,
e te escoaste por ella
té poisares no terreiro.
Sellaste o cavallo negro
por mais valente e ligeiro;
e mais ligeiro que o vento
o vulto negro partiu;
e mais negro do que as sombras
nas sombras se confundiu.
Não te lembraram as penas
do meu cavallo alazão,
que choraria em relinchos
saudade de seu irmão;
e que o bom velho Martinho

podia ser despertado
por mais proximo visinho.

. . . .

Era quasi manhã quando voltaste.
cheio de angustia e dor o coração.
Sómente quando aqui te desmontaste,
maravilhado notaste
que em vez do cavallo negro
montavas meu alazão...
Por entre as sombras da noite
errára o teu espião.»—

—«Seguiste-me, Germano?
luz de risonha estrella,
eras-me sentinella
na escura solidão?
Tu foste, como a sombra,
do perdido sem guia
extrema companhia!...
Bem hajas, meu irmão!»—

—«Attende-me, escuta-me:
pensei que podias
cair e morrer;
julguei-te somnambulo;
quiz ver para onde ias
dormindo a correr.
A noite era gélida,

a neve caía,
o vento zunia,
e o rio mugia
no fundo do val.
A scena era lugubre,
e á hora em que os medos
vem entre os rochedos
ouvir os segredos
do anjo do mal.
Eras tu.
E eu era o pagem da lança,
que á hora em que se descança
surge do reino das brasas
no seu cavallo com azas
seguindo D. Belzebut.

O que passou no congresso
não sei, não posso contar;
Oh! mas a feiticeirinha...
que lindos olhos que tinha!

Quando saltaste a janella,
já eu dormia... a fartar!

Tiveste um sono agitado:
Fallavas d'uma mulher...
d'um amor muito estremoso...
fallavas do teu cavallo,
que um ladrão tinha trocado;

e nas ancias do sofrer
teu sonho cruel, teimoso,
pintou-te o destino irado
contra o teu anjo... sonhado!
Mataste (mas tudo em sonho)
os malvados que a mataram;
choraste depois por ella,
de martir pediste a palma...
Jayme! a que vem esses ais?»—

—«É seiva d'uma flor d'alma,
que esta noite me cortaram.
Dize mais.»—

—«Acordaste em sobresalto,
convidaste-me a gozar
a viração da manhã;
encontrámos a bordar
a nossa formosa irmã.
. . . .
Vejo-te agitado e mudo...
Nada mais sei, nem pergunto,
mas bem vês...»—
—«Que sabes muito,
mas ainda não sabes tudo.
Não saias, minha irmã; senta-te ahi.
Eu não tenho segredos para ti.

Fui a Vizeu... em maio fez dois annos,
um medico chamar para teu pae;
deveis lembrar-vos d'isso. Quando entrei
na casa do doutor, tambem entravam
uns nobres de Castella;
e logo ali se disse ou eu sonhei,
que d'esse altivo Duque de Olivares
e d'Altamira e d'Alba eram parentes,
e que eram, em razão do conde Duque,
da privança d'El-Rei.

Chamava-se D. Cezar d'Aragão
o velho nobre, militar antigo;
altivo, pertinaz e fanfarrão,
ninguem sabia comparar comsigo,
porque elle no valor, era um leão!!
Fidalgo, mais que os Reis do mundo inteiro!
Rico, mais do que os Cresus, e os Lucullos!
Mestre dos sabios todos! O primeiro
dos santos da christandade!
E já, por de seus paes costume antigo,
só de Deus familiar, intimo amigo!!
Fez-me rir este vulto de epopeia...
lembrava-me Toboso, e a Dulcinea.

Tinha dois filhos, altos, decorados
com insignias de guerra. Eram seus nomes

D. Diogo e D. João;
morenos, de semblantes carregados,
olhavam para mim os meus senhores
de revez sempre, á guisa dos traidores.

Resta esboçar aqui um rosto meigo,
uns olhos scintillantes como estrellas;
requebros mais gentis, faces mais bellas,
nem Phidias as sonhou, nem Raphael.

Tinha os cabellos negros como a noite,
levemente morena a face pura;
para pintar do collo a formosura
não ha cores na terra, nem pincel.

Finas as sobrancelhas arqueadas;
o braço torneado; a mão de neve;
o pé, que mal se vê, inquieto e leve;
uns olhos que irradiam fogo e luz;

labios que pedem beijos calorosos;
metal de voz suave e namorado...
Julgae um anjo assim, tereis achado
o typo o mais sympathico, o andaluz.

A casta flor de Granada,
que ao pé do Darro nasceu,
floria ali, transplantada
tão longe do patrio ceo.

Dos jardins d'Andaluzia
fallava com tanto ardor!
e os olhos que me volvia,
volvia-os com tanto amor!

Pintou-me a Alhambra encantada
com seus jardins orientaes,
e ao longe a serra nevada,
soberba de seus cristaes.

enlevado em seu sorriso,
louco, fascinado ali,
vi na Alhambra um paraiso,
na paraiso uma Houri!

E fiz-me crente por ella,
e como crente a adorei;
suppliquei á minha Estella
me désse o amor que eu lhe dei.

E comprehendeu que eu sentia
amor violento, fatal,
porque o sol d'Andaluzia
é tambem de Portugal.

Eu só extremos conheço,
e só extremos sonhei;
eu amo como aborreço:
tudo, ou nada —E todo amei!...

*

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Que tempo se passou em quanto sós
fallavamos d'amor, não no sei eu;
pois se nos figurou
seculos nas saudades que deixou,
instantes na ventura que nos deu.

Veiu depois a nós
D. Cezar d'Aragão;
talvez que receoso
que eu lhe aspirasse em gozo
todo o celeste aroma
do lirio seu formoso!
Tinha razão!

Perguntou quem eu era, e donde vinha;
quiz responder por mim o bom doutor,
e teve a paciencia, que eu não tinha,
de explicar quanto sabia
da nossa genealogia,
não sei se com verdade, ou com favor.

Redarguiu-lhe o valentão:
que assistíra ao desbarate

das hostes do D. Priôr;
que o nosso pae conhecia,
e que o tinha desarmado,
guardando, como prova, a sua espada!

Eu, com a face abrasada,
respondi-lhe que mentia;
que desarmar D. Martinho
não era tarefa tão pouco arriscada
que alguem a tentasse,
ficando com vida!

E nisto, no intimo
tremia-me o peito
d'ouvir sem respeito
fallar de meu pae.

Aquella face aborrida
nem córou, nem descórou,
e simplesmente me honrou
com a ironia d'um—Ai!
então achais que menti?
e a prova d'isso onde está?—

—A prova é que estais aqui,
e que a espada existe lá.—

—E vós, creança importuna,
quereis mostrar-m'a talves?...—

—Para vós, cançado velho,
será sobeja fortuna
se a virdes só na bainha,
por que não cegueis de todo
aos raios d'aquelle espelho.
Mas tendes ali dois filhos
com mostras de valentia;
a esses posso mostral-a
sem receio á luz do dia.—

O repto foi logo acceito;
marcada hora e logar...
Vêde que ensaio d'amores,
que donoso auspiciar!

Tinha-me esquecido Estella;
olhei-a: tremia tanto...
tão mudo corria o pranto
pelas faces da donzella...
Ai! quasi me fez covarde
aquella mulher tão bella!

Matál-os... era matar-me!
Morrer eu... era perdêl-a!
Fugir... era deshonrar-me!
A sorte estava lançada:
désse quem désse a estocada
eu tinha de morrer d'ella!

Cheguei-me a furto, e baixinho
pedi-lhe humilde perdão.
Ella em chôro convulsivo
segurava o coração,
que lhe estalava no peito.
Com angelical aspeito
me disse a triste por fim:
—Véle a Virgem por nós todos...
Jayme! que será de mim?—

Chegou o dia aprazado
d'esse duello fatal:
aguardo o instante ajustado
na *Cava de Viriato;*
eu só; ninguem mais havia
nesse deserto arraial,
que a chuva grossa fazia
cada regato, caudal.

Soára a hora tremenda!
Orei a Deus por Estella;
mandei aos ceos a offerenda
da minha prece singela,
e o meu ser... a minha vida...
a minh'alma... foram n'ella.

Olhei de roda: chovia;
deserta era ainda a *Cava.*

Era a chuva que tolhia
o passo aos meus campeões.

Mas a chuva alliviava...
o ceo já tinha clarões...
esperei mais... ainda mais...
sempre a mesma solidão!
O caminho... era deserto!
Se faltariam? Jámais!
Do trance fatal, incerto,
teriam medo? isso não!

Voava o tempo ligeiro,
desanuviado era o ceo,
e ninguem vinha; por fim,
ao longe passando a ponte,
um vulto me appareceu;
percorre o largo terreiro,
vê-me, e vem direito a mim.

Era um pagem tão bordado,
que entre bordados se perde;
gorra preta, pluma verde,
burzeguins de velludilho
doirado, negro o justilho
com golpes de carmesim.

—Boas tardes, senhoria.—
—Deus vol-as dê. Quem buscais?—

—A D. Jayme d'Aguilar.—
—Eu sou D. Jayme. Que mais?—
—Ides ver—
disse. E com vagar e geito
curvou-se e tirou do peito
este papel que vou ler:

—Saude e venturas mil
a D. Jayme d'Aguilar.
Não vamos, senhor; se é vil
o prometter e faltar,
é mais vil ter emboscados
seis assassinos comprados
para á traição nos matar.
Pagae aos vossos bandidos
a negra sanha impotente;
empregae mais nobremente
a espada de D. Martinho;
reparae que esse caminho
ao cadafalso vai dar.
Se para lavar a affronta
meditais vingança atroz
em novo seguro bote,
chamae ao campo da liça,
á vossa escolha, um dos servos
da nossa cavalhariça;
jogae com elle o chicote
para saldar essa conta;
vereis que é digno de vós.

Com que, muito boas tardes,
senhor D. Jayme.—
Covardes!
A mesma altiva Castella,
que entre muitos mil traidores
produz muitos mil valentes,
terá de certo vergonha
d'estes fracos insolentes!

—Pagem! ouviste a leitura
d'esta carta?—
—Ouvi, senhor.—
—Olha, caminha, procura
vestigios d'algum traidor.
. . . .
Achaste alguem?—
—Nada vi.—
—Esta bolça é para ti.
Entrega esta carta a Estella,
mas olha bem, só a ella,
que só ella me faz dó;
dize-lhe que eu 'stava aqui,
mas firme, sereno e só.
Promettes?—
—Juro.—

Parti.

Já vistes contorcer-se uma serpente,

lançada viva d'um incendio á chamma,
empinar-se na cauda,
enroscar-se, voar,
ao sentir-se estalar
escama por escama!
silvar buscando victimas
co'os olhos chammejantes?
ir enroscar-se impavida
ás chammas coruscantes,
e na indomavel furia
morder rubro carvão?

Tal se me erguia indomito
no peito o coração!

Chegou a noite; a febre da vingança
a casa me levou d'esses traidores
que tanto me insultaram!
e vi-a debruçada na janella,
a meiga flor d'est'alma, a minha Estella.

Ao portal, encostado,
o pagem só achei.

—Os teus senhores?—
—Não sei.—
—Cumpristes o que te ordenei?—

—Mais baixo, senhor! cumpri.—
Dei-lhe mais oiro, e subi.

Em logar dos tres demonios,
o meu anjo achei sómente;
era justo apoz a affronta
ver um sorriso clemente.

Ai! tu não sabes de certo
as ancias do coração
que sente de si tão perto
da amante a timida mão!
que treme, e chora, e sorri!
que o aperta para si,
e que o leva manso e mudo,
suspensa a respiração,
aerio o pé, que não gema
sobre as taboas do salão!...
e em torno, calado tudo!
só a ouvir-se o coração
dentro do peito a estalar...
ai! não sabes, meu irmão!

Entre os seus braços mimosos
mirál-a ao pé da janella,
á baça luz do luar,
e beber nos olhos d'ella
amor a tragos sequiosos!...

Ai! tu não pódes julgar
o poder de uma mulher
que em beijos pede perdão,
em vez d'essa maldição
que está no peito a ferver!
mulher que paga em delicias,
em celestiaes caricias,
affrontas que só a morte
no mundo faz esquecer...
Pois tudo póde a mulher!
se alguem te disser que não,
ai! não creias, meu irmão.

Não sei o que dissemos
nessa linguagem mistica;
mais que o gozo da vida
sentimos nós ali.
Não juro que vivemos;
só juro que senti.

Se os beijos são d'amor, se amor é vida,
eu quero esse prazer celeste ameno!
viver! oh! sim, viver!!
Se os beijos tem veneno,
se ha beijos homicidas,
quizera ter cem vidas,
e vezes cem morrer!!

Saí, dava meia noite.
Quantas estranhas mudanças
senti eu no coração!
Entrei, raivando vinganças;
saí, jurando perdão!

Desde essa noite de tão mago enleio
poucos dias ou noites tem passado
sem eu ver e beijar a minha Estella.
No templo, no sarau, ou no passeio,
amo-a, sigo-a tão louco e namorado
como ama o nauta a salvadora estrella
em noite de tormenta
eutre as nuvens do ceo, só vendo a ella.

Disse a meu pae um dia o meu segredo;
mostrei-lhe o meu desejo.
Ensinou-me o caminho mais honroso
que eu devia seguir.
Bem o sabia eu; mas tinha medo...
ou pejo...
de deixar o meu throno de orgulhoso...
e descer... e pedir...
Tudo póde a mulher! Pedi, rojei-me
ante esses deshonrados sem pudor;
inda me escalda o peito essa vergonha!
inda me cresta a face este rubor!

Olhae as bagas do suor que ainda
me faz manar a dor!... Vergonha infinda!

Na carta que escrevi, o que eu dizia
não sei;
sei que tentei queimal-a
quando a lacrei;
mas num resto de fé
salvou-a o coração!...
. . . .
Mandaram-me em resposta
um desdenhoso—*Não!*
. . . .

Chorais? triste de mim! por Deus vos peço
que não choreis assim, que me matais;
são mimos d'esta Hespanha, e de tal preço,
que um se compra na vida! um só não mais.

Estranhos, fingem pena dos revezes
d'este pequeno povo de leões;
senhores, que lhe importam portuguezes?
repellem-se co'o pé, que são villões!

Ao ler a resposta ingrata
o nobre pae D. Martinho,
das hirtas mãos a largou;

e ao ver-me as faces córadas,
retintas de angustia e pejo,
disse-me, dando-me um beijo:
—Espera ainda.—E marchou.

Veiu, já noite, e abraçou-me
sem coisa alguma dizer;
mas disse-me o seu silencio
o que eu temia entender.
Bem viste que á meia noite
parti, victima da sorte,
para ouvir dos labios d'ella
sentença de vida ou morte...
Minha voz, não tremas tanto!
socega, meu coração!...»—

Todos se ergueram reverentes, mudos.
Entrava D. Martinho no salão.

Depois da benção paterna,
—«Sentae-vos—disse;—mais perto;
aqui bem junto de mim,
que tenho que vos contar.»—
E com voz trémula e meiga,
depois de breves instantes

de amargurado esperar,
grave e triste disse assim:

—«Nas hostes do infeliz Priôr do Crato
sabeis que pelejei contra Castella;
a muitos pobres homens d'esta aldeia
lhes apontou caminho a mesma estrella;
entre elles, foi o pae d'esta menina,
agora minha filha idolatrada;
esse aparou no peito uma estocada
que me vinha direita ao coração.
Heitor Pedro, foi nosso camarada,
destemido, valente, era um leão!
foi feito prisioneiro,
e morreu pendurado num pinheiro.

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;
sempre fomos bastantes para ella,
a historia o diz;
muitos creram pequeno o seu paiz,
e ficámos escravos da ambição.

O que espera venturas d'essa Hespanha,
é louco!
Quem d'um reino maior deseja a sanha
só por mostrar ao mundo informe vulto,
embora venda a patria pelo insulto

de ser um desleal, um mercenario,
deseja mal, e pouco!
Mas ai! é de verdades um sacrario
o livro de Camões:
é força que *entre os mesmos portuguezes*
alguns traidores haja algumas vezes.

. . . .

É nossa lei firmada por Castella,
que os nobres portuguezes,
não tenham de ir álem de seus dominios
signas levar e arnezes;
que a rasguem os mandões,
mas por emquanto é lei;
hoje; ámanhã não sei.

Crendo sincera pois esta alliança,
julgo que é nobre aos nobres
para ter seus trofeos em segurança,
cingir uma espada,
brandir uma lança,
e guardal-os até contra Castella,
se algum dia traição vier por ella.

Até porque, meu Jayme,
a guerra amortalha as dores
de inexequiveis amores:
e ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de gloria,

ou surge o homem com vida,
mostrando em cada ferida
o hymno d'uma victoria!

Se ao despresado consomem
saudades de muito amor,
com brios se vinga o homem,
que é a vingança melhor.
E prova-se aos insolentes,
que é miseravel, que é louco,
avaliar em tão pouco
o que se não conheceu;
e que num povo abatido,
e miseravel, e pobre,
fica muito vulto nobre
que nunca a honra perdeu!...

. . . .

Dizer: filho querido,
deixa o teu patrio lar!
vai procurar o olvido
na gloria, ou na mortalha,
no ensanguentado azar
das furias da batalha!...
No lucto e na tristeza
deixa teu pae, um velho
que Deus e a natureza

te mandam amparar;
deixa-nos todos!... Ai!
meu Jayme! a honra o manda,
mas custa a quem é pae!
E comtudo, meu filho,
bem vês, trago-te aqui a minha espada,
certo que has-de guardar-lhe o antigo brilho
de que nunca por mim foi deslustrada!...»—

—«Primeiro—disse D. Jayme—
um só momento escutae-me;
ides ouvir a leitura
d'esta carta amargurada,
triste como a sepultura,
meiga como a desgraçada,
que o meu amor abismou!...
E vêde o que ella chorou,
que foi de prantos regada:

—Foge, meu Jayme, ao destino
que te persegue, infeliz!
d'um sentimento divino
o tredo mundo maldiz.
Antes Deus me fulminára
ness'hora amaldiçoada
em que eu pedi a deshonra
que não querias!... Fui eu!
juro-o á face do ceo!

para ver se deshonrada
me davam ao teu amor,
ou me deixavam na rua;
que antes queria morrer,
do que deixar de ser tua.

Peccámos, Jayme, pequei
contra a honra, e contra Deus;
manchei-me, e manchei os meus!
Foi um peccado tão negro,
tão feio, que brada aos ceos!

Conhecida a deshonrada,
toda a esp'rança nos deixou;
e és tu, meu Jayme, o perdido!...
Ai, foge, desventurado,
que ámanhã és perseguido!
Nada receies por mim;
receia tudo por ti!...
vê como eu sou desgraçada,
que fui eu que te perdi!

Meu Jayme, adeus! Nas entreabertas portas
que nos passam da vida á eternidade,
as nossas esperanças ficam mortas,
mas guarda sempre verde esta saudade!

Morrer na flor da vida! e sendo amada!...
quando a mente, d'amor arde e delira!

Ai! tanta aspiração tão mal lograda!
tantos sonhos d'amor, tudo mentira!...—

. . . .

Por Deus vos juro, meu pae,
que fôra sorte invejada
acceitar a vossa espada,
ennobrecer-me por ella;
mas meu norte, perdoae!
já o marcou outra estrella
talvez de negro condão;
bem sabeis que o coração
me prende á sorte de Estella.
E vós não sabeis nada!
a pobre, está deshonrada;
dentro em pouco ha-de ser mãe!
seus irmãos, querem matal-a;
e eu... juro que hei-de salval-a,
ou hei-de morrer tambem!»—

Deixára a sua cadeira
Germano, a candida flor;
e beijando a mão paterna,
acceza a face em rubor,
disse ajoelhado:
—«Senhor!
concedei-me a vossa espada,

que serei homem por ella;
e á força de heroicidade,
se não mente o coração,
ganho para meu irmão
a posse da sua Estella.

Favor em Deus acharemos
abençoados por vós!»—

—«Deus vos dê propicia estrella...
. . . .
Ai! despiedada Castella,
por que has-de ser nosso algoz?!
. . . .
Deus! entrego-te meus filhos!...
. . . .
Anninhas! ficamos sós!»—

CANTO III

SOMBRAS

Soberbos grandes do mundo,
este quadro é para vós!
Tenha remorço profundo
quem mancha as sombras de avós!

Fazeis o mal sobre a terra;
em nome d'elles! mentis!
Grandes na paz ou na guerra,
não podiam ser tão vis!

No poder e na riqueza
cevais a negra ambição?
julgais bem mal a grandeza!
sois bem pequenos! Perdão!

Negociantes de escravos!
desnaturados! villões!
que em troca de falsos brilhos,
ides vender vossos filhos
nos mais infames leilões!

Fazeis-lhes do amor um crime!
que paes malditos sois vós?!
Depravais-lhe o sentimento:
eis o requinte sublime
de um pensamento de algoz!!

Nas ancias que vos consomem
de comprar e de vender,
comprais por soberba um homem,
ou vendeis uma mulher!

A quantas almas singelas
soffocam vossos arminhos!
a quantas, quantas donzellas
são mortalha uns pergaminhos!
Nem só punhaes ou venenos
laceram peitos serenos,
ou toldam em meigos rostos
os traços angelicaes;
vós bem sabeis que ha desgostos
que excedem muitos punhaes!
Quantos de vós olhareis
com desprezo a deshonrada

que por amor se perdeu?!
Crueis!...
Não chores, humanidade,
nem córes de envergonhada;
ha mais justiça no ceo!

Miserandos cegos de alma,
que em sua brutal fereza
vegetam em podre calma,
sem ver a sua torpeza,
podem, de sangue sedentos,
á pobre Samaritana
atirar pedras aos centos;
e em seus orgulhos ferozes
crer-se instrumentos dos ceos!!
Que importa? são só algôzes,
porque juiz é só Deus!

Julgais que a paternidade
vos dá feudal senhorio?!
Renegae do desvario,
que insultais a Divindade.
Quereis dar tractos a um filho,
negociar seus amores,
forçal-o a escabroso trilho?...
com que direito, senhores?

O que ao filho aponta e ensina
os bons caminhos da vida,

que o anima, que o convida
a seguir senda segura
que o leve até á ventura;
que lhe mostra, reverente,
essa estrella peregrina,
da santa fé viva imagem,
estrella que ao innocente
e que ao adulto illumina
pela espinhosa romagem
d'este mundo, e que lhe ensina
essa escondida passagem
d'aqui á patria divina;
mas que acha no coração,
para os seus erros perdão;
um homem tal encontrae,
e descobri-vos, que é pae.

Mas o que, de olhar severo,
em seus orgulhos famintos,
quer, contra o que Deus quizera,
concul car nobres instinctos,
annullar alta razão,
e, mais tyrano que Nero,
esmagar um coração
nas suas garras de féra;
que pelas praças e ruas
faz lançar este pregão:
«Quem mais der chamará suas
as rêzes que eu trago ao jugo,»

não é amigo, é verdugo;
não é pae, é vendilhão!

Ergue um brado, ó sociedade,
bem d'alma... de coração,
em honra da humanidade
contra este infame leilão!

Entre aromas, entre flores,
ergui meu canto de amor;
mais luz quizera e verdores
encontrar o trovador;
mas a amena primavera
que do nascente se erguêra,
sorriu instantes... morreu.
Tristes sombras carregadas,
extensas, agglomeradas,
toldaram-me o sol e o ceo!

O poéta é navegante
que nos baloiços do mar
pede á estrella rutilante
as praias que vai buscar;
mas quando a tormenta geme,
perde agulha e mastro e leme,
estrella e ceo e arrebol.

Quem te dirá ó mesquinho,
se jámais no teu caminho
verás ceo, estrella, ou sol?!

Em quarto cerrado, estreito, e sem dia,
de casa sósinha num bosque sumida,
ao pé de uma antiga, tristissima ermida,
Estella chorava, e a medo escrevia
á luz de uma vela
de cera amarella,
ao pé de uma imagem da Virgem Maria.

Que triste! que pallida! Os soltos cabellos
são crepe funereo que o rosto sombreia;
que mancha retinta lhe cérca e roxeia
seus olhos chorosos, seus olhos tão bellos!
E á luz d'essa vela,
a misera Estella,
expressa co'o lapis seus ternos desvelos.

De pinho singelo num leito indigente,
de roupas mui velhas apenas coberto,
soára um gemido tão debil e incerto,

que só mães o ouviam; Estella o pressente;
e a luz amarella
que ondeia na vela,
batia no rosto de um anjo dormente.

Estella voára ao leito,
e num delirio amoroso
apertava contra o peito
aquelle penhor mimoso
do seu desditoso amor!
Que prantos que ella não chora!
que amparos que não implora
ao seu anjo guardador!
e tão triste chora, e tanto,
que, bem no diz seu aspeito!
quizera esconder em pranto
seu recemnascido encanto...
encanto que antes de um'hora
a triste verá desfeito!

Escondeu com mil cuidados
nas pregas da camisinha
esse papel que escreveu!...
Ouviu passos apressados,
apertou mais a filhinha,
e ajoelhou, e tremeu.

E os passos eram mais perto...
e Estella mais a tremer
disse á sua flor d'um'hora
que a não podia entender:—
—«Reza... reza a Deus, ó filha!
que vais... que vamos morrer!»—

A porta rodára nos gonzos veleiros!
Entraram dois vultos de negro vestidos;
Jesus!! eram elles!! irmãos convertidos
em tigres famintos, fataes, carniceiros!
que á luz d'essa vela
de cera amarella,
luziram nas trevas punhaes traiçoeiros!!
. . . .
. . . .

Quem acode á pobresinha,
que morre indefeza e só?!
ó Virgem Santa! Rainha
dos ceos e terra, tem dó!

Tem dó! salva a desgraçada,
que peccou, sim, mas que é mãe!
junto á cruz ajoelhada
ai! tu pedias tambem!

Mostra-lhe a face divina,
accende mais essa luz!
Por todo o que desatina
morreu teu filho na cruz!

Tem dó! salva a desgraçada,
que pena tanto!... que é mãe!
ao pé da cruz abraçada,
ai! tu choravas tambem!

Corre, D. Jayme, não pares;
se amas, se és nobre, vem já;
se um momento só tardares,
tua Estella morrerá.

Em cada beijo materno,
vai um suspiro por ti...
Oh! tu transpunhas o inferno,
e vinhas salval-a aqui!

Não haver anjo bemdito
que neste instante fatal,
mostre ao pobre do proscripto
esta tragedia infernal!

Se um rosto viras tão terno
chorando tanto por ti...
Oh! tu transpunhas o inferno,
e vinhas salval-a aqui!

Viuva rôla que no ermo choras
e sem abrigo, e só, já nada esperas!
o relogio fatal parou nas horas
das tuas dezanove primaveras.

Viste os rostos sinistros, carregados,
incapazes de affectos carinhosos,
d'esses teus dois irmãos desnaturados
que nem viram teus prantos dolorosos!

—«Já! meus irmãos!—diz ella—já tão cedo?!
olhae: não acordeis esta innocente
tão formosa, tão pura, e tão sem medo,
tão visinha da morte, e tão dormente!

Eu, sei: devo morrer; pequei; sim!... Ella!...
ella que mal vos fez?! pobre, coitada!
oh! se poupais a vida á flor singela,
Deus vos perdôe a vós, e á deshonrada!

Mas se tem de a lançar no mesmo abismo
essa tremenda lei que nos condemna,
oh! lavae-a nas aguas do baptismo;
Deus que m'a leve, e morrerei sem pena.

Tão amigos que fomos noutra edade!
tantos sonhos communs, tanta alegria!...
Neste momento extremo, ai! que saudade
tenho dos meus jardins d'Andaluzia!

Em nome d'esses dias de folguedo
vos imploro esta graça—e pôz as mãos!—
Não é, não é por mim que eu tenho medo!
Se vós tivesseis filhos, meu irmãos!...»—

A estas vozes tão ternas
que peito se não rendêra!?
Não; não ha féra tão féra,
que não tenha um coração!
Só se não rende a soberba,
que tem entranhas de pedra,
que em prantos se farta e medra...
sómente a soberba, não.

—«Dá-nos tua filha e reza,
e pede perdão a Deus;
bem vês que sobre essa mesa
tens a Rainha dos ceos!
se não tens vergonha d'ella,
se a salvação te desvela,
ajoelha; esperta a vela;
reza por ti; pelos teus.»—

Sairam. Outros dois vultos
esperam junto da ermida,
tão sumidos, tão occultos
pela neblina gelada
do frio mez de Janeiro,

como a serpente escondida
no leve pó d'uma estrada,
espiando o passageiro.
Só pelo cerrado escuro
cruzou o tenue sussurro
d'este segredo agoireiro:

—«Álerta.»—
—«Promptos.»—
—«Tomae!
Coragem, por S. Thiago!
Se não acordar, deixae-a
na *Cava,* junto do lago,
debaixo do velho olmeiro;
se acorda e chora, matae-a!

Mal que a ordem for cumprida,
nossos cavallos sellados
ao pé da pequena ermida,
onde se invoca o bondoso
Senhor da boa passagem.
Quando formos procurados,
sabeis a vossa linguagem;
nem ha taxal-a de estranha:
—Lá vão em terras de Hespanha
bem tristes e amargurados
em companhia de Estella,

que a debil saude d'ella
já dava grandes cuidados!—
Adeus!»—
—«Adeus!»—

E partiram
dois a dois aos seus destinos,
e haveis de ouvir se cumpriram
o seu mister d'assassinos.

Que faz D. Jayme? onde o prendem,
que neste instante não vem?
ha quasi um mez que se esconde,
que o não descobre ninguem;
e nem seu pae sabe aonde,
nem a consternada Estella,
nem o finissimo olfato
da justiça de Castella
que o pesa a oiro! nem ella!

Anninhas e D. Martinho,
ha quasi semana e meia
trocaram pela cidade
as singelezas d'aldeia;
do nobre velho a saudade,

não lhe ensina outro caminho
que não seja o dos mendigos;
era andar de noite e dia
correndo de porta em porta
as casas dos seus amigos!
E na sua alma sombria,
donde fugíra a bonança,
nem um raio d'esperança!
nem um sonho d'alegria!

Pedia a todos o indulto
para o filho tão querido,
perguntando qual o insulto,
que assim o tinha perdido.

Toda a cidade chorava
as penas do nobre velho,
e cada qual encontrava
d'aquelle rosto no espelho
vestigios reveladores
de seus guerreiros ardores,
e os seus nobres sentimentos,
generosos, varonis.

Ai, velho! que de tormentos
não padeceste, infeliz!
Emquanto de instante a instante
tu pedias incessante
aos amigos, aos parentes,

conhecidos e indiff'rentes,
ao alcaide, aos aguasis!

Alta noite, em casa entrava,
beijava os olhos pisados
da filha que o espreitava:

—«Teu irmão... nossos cuidados...»—
—«Não sabeis d'elle?»—
—«Bem vês...
mas tenho esp'rança nos ceos!»—
—«Talvez ámanhã...«—
—«Talvez!...
reza, filha, pede a Deus.»—

E nada mais,
que o resto eram só ais.

Na manhã do mesmo dia
d'este successo fatal,
toda a cidade vestia
neve, jaspes e cristal,
e os raios do sol brincavam
neste quadro festival.
Se folgava a natureza,
não folgava D. Martinho,

e neste dia a tristeza
ensinou-lhe outro caminho.
Entrou na casa ostentosa
de D. Cezar d'Aragão,
altiva a fronte rugosa,
comprimido o coração.

Ninguem sabe o que disseram;
guardou segredo o salão,
testemunha cego e mudo;
o pagem, sim; ouviu tudo,
que os escutou do portão.

Como o nauta amargurado,
que em vez da luz da bonança
tem ceo negro, e mar cavado,
triste como a desesp'rança,
e, como a morte, gelado,
saíu d'ali D. Martinho;
caminhou o dia inteiro,
mas nem fallava, nem via;
era um cadaver mesquinho
que entre as vagas d'esse povo
boiava sem companheiro,
e se abismava, e surgia;
queria andar, e parava;
ia a parar, e seguia;
queria fallar, calava;
fallavam-lhe, e não ouvia.

Assim morre o sem conforto;
mas faz andar este morto
a febre de uma agonia.

Alta noite, em casa entrou:
vinha molhado e tremia,
e nem a filha sorria,
nem os seus olhos beijou;
para junto da lareira
arrastou uma cadeira,
e á fogueira se assentou.

—«Não sabeis de meu irmão?»—
—«Cala-te; bem vês que não!
Não cancemos mais os ceos...
dá-me agua que tenho sede;
ou Deus não ouve quem pede,
ou tu não pedes a Deus.»—

A porta ficára aberta:
dá meia noite na Sé...
tremeram!... de ouvido álerta...
distinctamente se ouvia
que apressado alguem subia!
Á meia noite!—Quem é?!

Vulto sinistro, embuçado,
arquejante de cançado,
coberto de gelo, entrou.
—«Quem sois?»—lhe perguntou o velho.
—«Não queirais saber quem sou;
um pobre rapaz sem nome,
mas amigo de D. Jayme,
pobre qual sou; perdoae-me:
quereis salvar vosso filho?
sabeis a *Quinta do Bosque?*»—
—«Sei.»—
—«E não errais o trilho?»—
—«Não.»—
—«Haverá meia hora,
que entre as sombras o encontrei;
D. Jayme de certo ouviu
o nome fatal que eu disse;
reconheceu-me e partiu...
antes voou como um raio
áquella casa maldita
onde os punhaes não evita.
Agora, em nome do ceo!
correi, senhor, e salvae-o!»

Calou-se e despareceu;
mas foi dizendo comsigo:
—«Fiz bem, era meu amigo;
se me calo... que tormento!

Vamos: cavallos sellados,
ao pé da *Boa passagem*.
Outra vida, outros cuidados;
torno-me agora a ser pagem,
mas fui homem um momento.»—

Na patria de D. Duarte,
que circumdou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão do seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era Corregedor.
Mau portuguez vendido;
que só então mandava em toda a parte
neste reino opprimido,
castelhano ou traidor.

Facil foi aos d'Aragão
achar no Corregedor
a seu querer protecção;
denunciaram D. Jayme
de tramar contra Castella;
crime de conspirador,
que é crime d'alta traição!
e Jayme estava perdido,
se não fosse precavido
na carta da pobre Estella.

Debalde se correm montes;
debalde se invadem casas;
parece que o criminoso
tem negros antros, ou azas,
que tanto foge e se esconde!
nem a tal zêlo responde
suspeita, signal, indicio,
que prometta ao sacrificio
a tão desejada rêz;
e tinham perdido um mez.

E D. Jayme andava perto,
que o prendia o coração;
e no seu lidar incerto
medonha fascinação
lhe dava a negra saudade;
era o leão do deserto
rugindo em tôrno á cidade
onde mora o caçador
que as entranhas lhe feriu.
Sonhava a perdida Estella
a chorar em soledade
as culpas de tanto amor,
que ella lhe deu por seu mal!...
Pobre rôla meiga e bella
na viuvez e na orfandade!...
Para Jayme era piedade
se lhe acudisse um punhal!...
não podia sofrer tanto!

Altivo por condição,
mas curvo ao peso do mal,
lá entra pela cidade,
e escuta de porta em porta,
e comprime o coração!
e uma vez se ergue imprudente
para marchar á prisão,
outra vez, como a serpente,
se enrosca na escuridão;
a vida... a vida que importa
a quem só vive penando?...
Jayme queria morrer,
morrer, sim; porém matando.

E na cidade constava
que tinham levado Estella
para terras de Castella,
e que em Castella casava.
Jayme ouviu... mas num momento
lhe disse um pressentimento
que não!
E D. Jayme, o foragido,
ganhára na solidão
a raiva feroz do tigre,
os instinctos do falcão,
e aquelle olfato certeiro
que tem o corvo agoireiro
quando aventa a podridão.

Esta noite, a horas mortas,
junto da *Balsa*, emboscado,
viu passar dois vultos negros,
e espiou-os com cuidado.
O resto já vós ouvistes
ao pagem tão seu amigo;
não augmentemos o horror.
Mal sabia o desgraçado
que lhe levavam comsigo
o fructo do seu amor!

Dentro do quarto fechado,
ia a noite negra em meio,
ouviu-se angustioso brado,
e nas taboas do sobrado
um corpo batendo em cheio!
e debil voz moribunda
da vida no extremo anceio
dizer só:—«Jesus! salvae-me!»—
Nisto a porta do aposento
voou em mil estilhaços
a impulso de fortes braços,
e viu-se de pé D. Jayme!

Mostra no vivo rubor
febre lenta que o consome;
erriçados os cabellos,

de fogo os seus olhos bellos!
Dera-lhe a lenta agonia
por premio de tanto amor
faces cavadas com fome,
labios crestados com sede!
e os dois irmãos fratricidas
ao vel-o tremeram tanto,
que recuaram de espanto
até á extrema parede!
E trovejou:

—«Miseraveis!
eis-nos emfim rosto a rosto!
nunca provastes o gosto
d'uma alegria infernal?
Já paguei aos meus bandidos;
respirae, foram-se embora,
não ha que temer agora!
eia, villões, a punhal!»—

E, como o genio da morte,
contra os algôzes corria...
mas tropeçou num cadaver,
que no sobrado jazia!
Os pés nadaram no sangue...
olhou... tremeu! Era ella!
E caiu livido, exangue,
nos braços mortos de Estella!

Beijou-lhe a face já fria,
quiz aquecel-a em seus braços!
Quanto amor! quanta agonia
nestes extremos abraços!

Os dois monstros traiçoeiros,
ao vel-o inerme no chão,
como abutres carniceiros,
cairam sobre elle. Então
sequiosos, esfaimados,
no seu delirio infernal,
gritavam os condemnados:
—«Eia, villão, a punhal!»—

D. Jayme, que os não ouvia,
nem quasi os golpes sentia,
só lhes dizia:
—«Obrigado!
Tinheis a obra incompleta,
vêde que bello mercado:
compraveis o que vos dão!!
Ficais sem p'rigo no mundo,
e matais-me esta saudade.
Por piedade! por piedade!
cravae mais fundo, mais fundo,
que me chegue ao coração!»—

. . . .

. . . .

Poucos momentos passados
na mudez, na escuridão,
rompe nos ares gelados
d'um vasto incendio o clarão.

Tu, que provaste commigo
calix de tanta amargura,
anda ver, leitor amigo,
o quadro da desventura.

Á porta da antiga ermida,
repara naquelle velho,
das chammas tão maltratado,
cavando uma sepultura.
Olha o desvelo, o cuidado,
que um anjo de formosura
põe no curar cada f'rida
d'um homem ensanguentado,
que assim lhe diz:

—«Pobre Anninhas!
minha irmã, que choras tanto!
ai! só eu não tenho pranto
que me suavise o tormento!
Dize a meu pae, por piedade,
que me atire áquellas chammas,
que este morrer é mui lento,

e as chammas breve devoram
os restos de um coração!...
Anninhas... já me não amas!»—

Olha como todos choram!
Olha um cadaver no chão!

Agora, meu companheiro,
descobre-te e reza a Deus,
que vão plantar no canteiro
a flor destinada aos ceos;
reza e chora, se tens prantos,
que lá cobre a sepultura
amor, mocidade, encantos,
riso, pranto, e desventura.

Olha o que faz a desgraça!
Quem tanto chorou no mundo,
só teve os prantos de um anjo,
de um velho, e de um moribundo;

um ermo, por cemiterio!
por marmore, o tremedal!
e as labaredas do incendio,
por cirios de funeral.

CANTO IV

DOZE ANNOS DE AGONIA

Muito custa a agonia de uma noite
velada em contorsões de ancias mortaes,
no rescaldo de febre que devora
    como um leito de chammas!
Quando se ouve a tormenta lá por fóra
    batendo como açoite
nas ventanas das torres, e entre as ramas
dos ralhadores rotos matagaes!
Quando os pios dos passaros notívagos
lembram coros de bruxas infernaes!

Muito custa a agonia de uma noite
    longa, pesada, eterna,

tendo por só vigia uma luzerna
de semi-morta luz que bruxoleia,
e a fantasia a produzir só monstros!
e o sangue a referver de veia em veia!

O silencio da estancia abre-se em vozes
cavas, longinquas, de saimento funebre,
e de estridentes, scepticas risadas.
A solidão povôa-se de sombras,
que se cruzam subtis sobre as alfombras,
o traje negro, a fronte e as mãos mirradas.

E o relogio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Meio erguido no leito o agonisante
        olha, escuta, espantado,
        o cortejo funereo.
Estende a mão, acha vasio o espaço!
Falla como a congresso conhecido,
responde-lhe o murmurio d'um zunido
como de rio turgido distante;
sons da febre, vigilias, e cançaço.
Suor frio lhe escorre do cabello;
rega-lhe o peito dorido, arquejante
        como fios de gelo.

Esconde-se á visão fascinadora;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta á febre que o devora;
olhos da alma penada não tem palpebras
    quando o somno lhes foge.

Transfigura-se o quadro. As trevas densas
    esmaltam-se de luzes
desiguaes, fatuas, moveis, cambiantes;
são dez, e uma, e cento, e mais, e innumeras,
aqui, álem, mais perto, mais distantes,
congregam-se, dispersam-se, enfileiram-se
fogueiras, raios, cirios, soes, estrellas;
e o pensamento mau que ali domina,
passa, recresce, avulta e se illumina
implacavel, tenaz, no meio d'ellas.
Agora, anjo fugaz de brancas azas
com rosto de mulher que ama e que chora,
ante elle ajoelhando a Deus implora
    perdão para o algôz.
Depois toma nos braços delicados
a cruz que elle arrojou dos hombros fóra,
e desparece. Noutro fundo agora,
o monstro da vingança a rir feroz,
o remorso do crime ensanguentado,
a miseria andrajosa do peccado,
e a saudade chorosa sobre a urna
    de um amor que morreu!

Todas as fórmas traja e tudo imita ;
implacavel lhe brada voz em grita
o pensamento negro que o perdeu.

E o relogio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Passada a noite longa da agonia,
o sol com toda a luz d'um claro abril
vem achar os signaes d'esse tormento
nas mil rugas de um rosto macilento,
e pratear as cãs de uma cabeça
inda hontem juvenil.

E que serão doze annos de agonia?!
doze annos de uma febre sem repoiso!
doze annos de uma noite erma de estrellas!
doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!
sem um iris no ceo da tempestade!
sem um riso de esp'rança na saudade!
sem uma rosa só entre os abrolhos!
sem um pranto nos olhos resequidos!
sem um farol na praia dos escolhos!
sem uma nota de harpa entre os zunidos!

sem uma briza amena entre os ardores!
sem uma gota d'agua entre os fraguedos!
sem uma voz amiga entre os horrores!
sem uma ave do ceo nos olivedos!
Ai! que serão doze annos de agonia?!
Doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!

Inda ao longe a luz do incendio
de tão sinistros clarões
do bosque as nevoas espanca,
quando ao pé da hermida branca
onde vigia o piedoso
Senhor da boa passagem,
os dois irmãos Aragões
cavalgam sobre os arções,
e caminho de Castella,
picam de redea abatida.
No ceo não fulge uma estrella,
e do vento uma bafagem
apagou a luz que véla
no lampadario da ermida.

Já sobre a crista do *Vizo*
mudam a frente aos cavallos,
e param. Por intervallos
se enrolavam no horisonte

espiraes de fumo e lume
que mais e mais se amortece;
emfim, rebenta, apparece,
qual das fauces de um volcão,
do edificio que desaba,
medonho, extremo clarão,
salpicado de centelhas;
orvalha-o cinza nevada,
de fumo lhe ondeia o manto,
doira-se a nevoa gelada,
as trevas fogem de espanto.
e na cimeira do *Vizo*
os labios dos cavalleiros
nas convulsões de um sorriso,
apontando ao longe o incendio
taes sons murmurando estão:

—«Ámanhã, ruinas só;
entre as pedras derrocadas
não ha sangue, nem ossadas:
ha cinzas, e cinza é pó.»—

Voltam as redeas com sanha,
e vão caminho de Hespanha.

Seis mezes são já volvidos;
e lá na aldeia das flores

são tudo penas e dores,
murmurações e gemidos.
Morreu D. Jayme? É misterio;
ou talvez mirrado esteja
nalgum profano vallado;
que não dobrou a finado
na torre da sua egreja,
nem jaz no seu cemiterio!
Mas a justiça de Hespanha
resfriou d'aquelle ardor,
d'aquella furia tamanha
de achar o conspirador!
Os bons visinhos d'aldeia
fallam de crimes horrendos,
e na fonte, e no serão,
fallam baixo as raparigas,
pondo os cantaros no chão,
carpindo as suas estrigas.
E as velhas dos arredores
rezam com mais devoção
á luz da sua candeia!
O bom velho D. Martinho
tem crepe no seu brazão;
e a formosa moreninha
nunca se vê d'olho enxuto;
traz sempre vestes de lucto,
e o cabello em desalinho.
Mas permanece o misterio,
que, se D. Jayme é finado,

ficou por algum vallado,
não jaz no seu cemiterio.

Já lá vai quasi um anno... e que folguedos,
que vida, que ventura, que harmonia,
d'essa aldeana, alegre rapazia
no largo festival dos arvoredos!
Hoje, tudo acabou.
Sentado junto á porta, D. Martinho
corteja sem olhar,
os paisanos que vão pelo caminho,
e semelha tão só a suspirar
um guarda melancolico dos tumulos,
e tumulo parece o seu solar.

Os meninos d'aldeia tão formosos,
vem de manso mostrar por entre a rama
seus rostos anciosos,
e volvem, quaes vieram, silenciosos,
um dia e outro dia;
já do largo fugiu sua alegria;
nenhuma voz amiga ali os chama;
e com elles das balsas contristadas
fugia o rouxinol das alvoradas.

Um dia, numerosa cavalgada
apeia-se ao portão,

limpa-se da poeira, sobe a escada,
entra pelo salão.
—«O senhor D. Martinho d'Aguilar?»—
—«Eu sou—lhe diz o ancião;
levanta-se e corteja.—
«A quem me cabe a honra de fallar?»—
—«Justiça de Castella.»—
—«Bem-vinda seja ella;
e a justiça de mim o que deseja?
Assentae-vos, senhores; nós, os velhos,
temos o triste jus da nossa edade;
dão-nos a lei os tremulos joelhos.
Sentae-vos e dizei.»—

Acercara-se o alcaide, e em voz pausada
disse:
—«Em nome d'El-Rei!
como pae de D. Jayme d'Aguilar,
que é reu d'alta traição,
tendes vossa fortuna confiscada.
Podeil-a resgatar,
se, vassallo fiel e obediente,
o entregardes á justa punição.»—

Como chamma de um raio, de repente
se apruma o velho trémulo, cançado;
faisca-lhe nos olhos fogo irado,
no rosto se lhe accende a indignação.
—«Mentis—lhe bradou convulso;—

mentis, senhor D. villão;
ou não tendes coração,
ou não lhe pedis conselho;
El-Rei de Castella é nobre,
não manda insultar um velho!
póde mandal-o ser pobre,
matál-o á mingoa de pão!
mas mandar que um pae lhe entregue
seu proprio filho?!... isso não.
Em nome d'El-Rei?... mentiste,
senhor alcaide villão!»—
—«Mais conta em vós, D. Martinho,
que estais na casa d'El-Rei!»—
—«Na vossa, lobos famintos,
bandidos sem fé, nem lei;
farte-se a Hespanha inclemente,
do povo no sangue quente,
na carne da morta grei!
Portugal é lauta boda
onde come a Hespanha toda;
lobos famintos, comei!
Nesse guarda-roupa, álem,
pende uma farda rasgada
de muito golpe cruzada;
essa, sim, mandae-a ao Rei;
valor para vós não tem;
rirá d'ella a côrte nescia,
como da insignia d'um louco;
porém se a encarar um pouco,

o Duque d'Alba, conhece-a.
Tive uma espada tambem...
ai! mas essa, ha quasi um anno,
dei-a a meu filho Germano,
que, ajoelhado a meus pés,
pela derradeira vez
a mão paterna beijou;
nem já sei onde elle pára,
que a Hespanha, de tudo avara,
de Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
porque lançar mais amarras,
se perdeu dentes e garras,
os filhos, o tecto, e o pão?
Eu já saio; antes porém,
minha filha, o meu abrigo,
deixae que a leve commigo...
se a não confiscais tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Dais licença aos meus criados?
são meus amigos provados;
entrae, rapazes, entrae...
Que é isso? prantos aqui?!...
de pranto as faces banhadas...
não envergonheis assim
as minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
por tão pouco os ais e o lucto!
Mostrae sempre o rosto enxuto

e a fronte liza; valor!
Filhos, estou pobre! apenas
tenho aqui alguns cruzados
que nem supprem meus desejos,
nem pagam vossos cuidados.»—
—«Nada nos deveis, senhor;»—
bradam em côro os coitados.—
—«Não vos quero envergonhar,
nem já isto é meu agora;
mas á fé que ha-de raiar
depois da noite, uma aurora
de tremenda punição.
Logar á magra cubiça,
que se vestiu de justiça,
e traz a vara na mão!
tome esta bolça a avareza,
pois quem leva as vitualhas
limpe tambem as migalhas
de cima da nossa mesa.»—
E arremeçou-lh'a ao chão.

Desceu solemne as escadas,
hirto, sereno, altaneiro;
sob as arvores copadas
sentou-se o velho guerreiro.
Escondeu nas mãos a fronte
e tempo largo scismou...
na sua casa defronte,
ferreo portão se trancou.

Tudo era silencio; emfim
aos criados lacrimosos
volve o rosto macilento:
—«Meus filhos: tão velho e pobre
nada posso, e nada intento;
vossa affeição é mui nobre...
mas de que me serve a mim?...
de opprimir-me o coração!
Se eu podesse trabalhar,
matára o dia à lidar,
robusto, alegre, feliz;
se eu podesse caminhar,
bem longe do meu paiz
iria peregrinar...
Faltam-me as pernas e os braços!
Como é cruel esta edade
dos gelos e dos cançaços!...
Esperar a caridade...
a avareza... os desenganos
á beira d'algum caminho...
Eu não posso nos meus annos
ter por tecto, o firmamento!
ter por leito, a terra fria!
por gasalho e companhia
o sol, as neves e o vento.
Fazei-me o extremo serviço:
ide pedir a um visinho
para o pobre D. Martinho
a esmola de um aposento.

. . . .
. . . .
. . . .

Ai! filha! dá-me os teus braços,
quero beijar os teus olhos...
vamos no mar dos escolhos
bem prestes a naufragar;
cairam da arca nas aguas
nossos fortes companheiros;
nós somos os derradeiros;
pomba, quem te ha-de salvar?!
Não posso mais do que amar-te.
Pedi a esmola primeira
para a minha companheira,
que eu... morria em qualquer parte.»—

—«Pae: não vos lembrais de um dia
que lestes um testamento
no pobre, escuro aposento
de um velho que se morria?
Não sois pobre, descançae!
que, pois não foi confiscado,
tendes ainda o legado
que vos deixára meu pae.»—

—«Cala-te, filha, pela Virgem pura!
oh! nunca digas a ninguem que és minha!
olha que se a justiça adivinha

rouba-me o teu amor, tua ternura!
e que ha-de ser de mim tão só no mundo?
quem me ha-de consolar no meu martirio?
se te arrancam d'aqui, meu casto lirio,
que me fica no mundo? a sepultura!
Anninhas, cala-te, a ninguem o digas;
ai de mim se a justiça te escutou!
Que aura amenisará minhas fadigas,
se até meu coração já se mirrou...
        ai! se eu podesse chorar!...
        olha estas veias das fontes!
        não m'as sentes latejar?
Neste recinto falta a luz e o ar!...
Filha, segura o sol, que se esmorece...
molha-me o coração, que se escandece!...
Filha, segura o sol, que pare ahi,
olha que ao derradeiro seu clarão
        foge a minha razão,
        e louco morro aqui.

A febre... a febre... o incendio que devora...
une o teu rosto ao meu, Anninhas, chora...
assim... assim... em fio, anjo formoso!
deixa cair teu pranto abençoado
        neste rosto enrugado,
        neste peito calmoso!
Lava-me em pranto a dor do meu tormento!
Ai, filha, que me foge o pensamento;
a vista se me tolda em noite escura...

lá vem... não vês?... lá vem a passo lento
a morte... ou a loucura.»—

Veiu o desmaio sopitar-lhe a angustia,
almo conforto que durou tão pouco;
nos braços debeis da chorosa Anninhas
caíra um martir, acordára um louco.

Filha chorosa, duas vezes orfã,
fonte perenne de eternal frescura,
sê mãe, conforto, providencia, filha,
ao velho martir que não tem ventura!

Estende as azas, meiga rôla, estende,
sobre essa fronte que a desgraça enruga!
Anjo da guarda, suas ancias calma,
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga!

Meiga avezinha da fechada selva,
canta-lhe os carmes que a saudade inspira!
Orpheu viuvo, condoendo o inferno,
David humilde, compulsando a lira!

Abranda as magoas do Saúl, prostrado
da seda ás palhas, do fastigio ao nada!
estanque a fonte que nos olhos tinha,
a alma sem viço lhe pendeu mirrada!

Ha gente escrava de uma estrella infausta,
fixa, immutavel, que a domina e véla!
como sentar-se? se lhe conta os passos!
como fugir-lhe se a vigia a estrella!

Estende as azas, meiga rôla, estende,
sobre essa fronte que a desgraça enruga!
caíu escravo de uma estrella infausta;
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga!

O sol era posto. As trevas da noite
surgiam dos antros, dos troncos, do chão.
Da aldeia das flores, ao largo dos freixos,
chegava um mendigo de saco e bordão.

—«Seja Deus aqui, senhores.»—
—«Boas noites, Mem Rodrigo.»—
—«Quem é?—perguntava o louco
á meiga filha que tinha
tão abraçada comsigo;—
é castelhano? ou traidor?»—
—«É Mem Rodrigo, senhor,
o desgraçado mendigo.»—
—«Ah! bem me lembro: na guerra
foste ferido a meu lado;

muito valente soldado
morreu nessa ponte, amigo!
Vens ainda agora de lá?
Viste El-Rei? falla de manso;
foi perdido o meu trabalho;
debalde ás hostes avanço,
e ralho,
e canço,
que o reino vendido está.
Vens cançado,
roto, descalço, moído,
cheio de fome;
ai! pobre mutilado!
senta-te á mesa, e come!
hoje é dia de boda:
ali come a justiça
da minha mesa em roda;
vae comer, Mem Rodrigo;
dize que te mandei, meu pobre amigo...
tens medo? vem commigo.»—
E marchou.

—«Segurae-o, Mem Rodrigo!
não vêdes como está louco?
Pae, demorae-vos um pouco,
pelo amor de Deus, meu pae!»—

O velho parou.

Tinha caído o mendigo
ante seus pés ajoelhado,
e taes vozes magoadas
lhe diz em pranto banhado:

—«Quando agora entrei na aldeia,
chorava cada visinho
pelo nobre D. Martinho
que não tem casa, nem pão;
todas as choças se abriam;
todos, todos o queriam;
e eu tive uma santa idéa;
inspirou-m'a o coração.
—Meus bemfeitores!—clamei—
o velho Matheus um dia,
quando eu na rua dormia,
deu-me a casa em que vivia,
e foi-se a viver no ceo;
deixae que á filha, coitada!
pague a divida sagrada
entregando á desgraçada
a casa que o pae me deu;
d'entre vós seja o mais pobre
quem recolha o velho nobre;
e esse mais pobre... sou eu.
Será grato a D. Martinho
achar gasalhado e abrigo
na casa do seu amigo,
morrer onde elle morreu.—

Mal que o meu justo pedido
pela aldeia se derrama,
os visinhos e os criados
levaram lençoes lavados
para fazer-vos a cama.
Faz chorar e rir a um tempo
ver as ancias e as fadigas
dos velhos, das raparigas,
de todo esse povo afflicto.
Vinde, vinde! filha minha!
vereis a vossa casinha
linda, de fazer inveja;
florída, como um palmito;
vistosa, como uma egreja.
Senhores, vinde commigo,
vêde-me aqui de joelhos;
ai! anjo d'estes dois velhos,
mais esta esmola ao mendigo!»—
. . . .

Já lá vão burgo a dentro; a noite escura
cobre dos olhos morbidos o pranto.
Noite, bem hajas tu, que aos sem ventura
envolveste nas dobras do teu manto.

Á porta do aposento chora a aldeia;
o martirio não tem outro conforto
mais que choro profundo;

lá dentro vigiava uma candeia,
como farol que denuncía um porto
aos naufragos do mundo.

Que triste vida na choça,
que funda melancolia,
que rostos tão macerados,
que suspiros abafados
cada noite e cada dia!

noites de eterna vigilia,
dias curtos para a lida,
recordações da opulencia,
amarguras da indigencia...
que vida, Jesus! que vida!

Dorme o velho em cama... esplendida
para uma casa tão nua;
Anninhas, numa cadeira;
Mem Rodrigo, numa esteira,
faz tranca á porta da rua.

Sobre a mesa carcomida,
um Santo Christo singelo;
aos pés, a Virgem das Dores,
que a pobre adorna de flores
com fervoroso desvelo.

Junto da mesa, a costura;
uma roseira á janella;
loireiro na cantareira;
e na varrida lareira,
tres achas e uma panella!

Saco e bordão de mendigo,
suspiros a toda a hora;
e este cheiro de limpeza,
que é o aceio da pobreza
quando a virtude lá mora.

Tanto que a aurora se erguia,
ajoelhava a costureira,
bemdizia o Padre-nosso,
fazia o mingoado almoço,
regava a sua roseira.

Almoçados os dois velhos,
um, sobraçando a sacola,
saúda os seus companheiros,
e lá vai, dias inteiros,
para os tres pedindo esmola.

D. Martinho, vai sentar-se
bem chegado á costureira,
como roble fulminado,
em terra, secco, prostrado,
á sombra d'uma roseira.

E ora attento ao seu trabalho
a filha abraça risonho,
ora lhe falla de gloria
co'a perturbada memoria
de quem desperta de um sonho.

Depois as sombras confusas
do seu pesado martirio,
toldam a luz cambiante
d'essa razão vacillante,
e cresce, e cresce o delirio!

Sacode os membros moídos,
rouqueja-lhe a voz quebrada,
e só lhe acalma o tormento
o cantar saudoso e lento
da filha tão consternada.

Era uma trova que herdára
na sua materna herança;
era uma trova que amava,
porque sua mãe a cantava,
e era um hymno de esperança:

—«Bem hajas, ó luz do sol,
dos orfãos gasalho e manto;
immenso, eterno farol,
d'este mar largo de pranto.

Bem hajas, agua da fonte,
que não desprezas ninguem!
Bem haja a urze do monte,
que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas,
paraiso dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
musica dos lavradores!

Bem haja o reino dos ceos,
que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
que tem Sacramento e Cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
que alegra o lidar campestre;
e o regalo do pastor
a negra amora silvestre.

Bem haja a briza ligeira,
que faz visita ao casal,
a beijar a costureira,
e a refrescar-lhe o dedal.

Bem haja o repoiso á sésta
do lavrador, e da enxada,
e a madre-silva modesta,
que espreita á beira da estrada.

Triste de quem der um ai,
sem achar eco em ninguem!
Felizes os que tem pae,
mimosos os que tem mãe!»—

Tal o canto singelo que soltava
a pobre sem ventura,
quando a razão do velho se nublava
de manhã, alto dia, ou noite escura.
E o louco extasiado,
para a filha pendido,
ouvia cada vez mais commovido
e cantava...
Não era canto, não; era um gemido
que soava nas cordas mais saudosas
d'alaude partido,
escondido nas trevas d'um recanto,
que respondia em vibrações chorosas
ao poderoso encanto!...

Que triste vida na choça!
que eterna melancolia!
que rostos tão macerados!
que suspiros abafados
cada noite e cada dia!

Lá vão as calmas do estio,
brizas do outono lá vão;
vem do inverno o vento frio
varrer as folhas do chão.
Na choça, maior tristeza,
mais orações junto á mesa,
mais prantos, maior pobreza,
mais horrenda solidão.

D. Jayme será finado?
se é vivo, porque não vem
ver seu pae tão desgraçado,
e a triste irmã que ali tem?
Ninguem descobre o mysterio;
não se ouviu dobre funereo,
não jaz no seu cemiterio...
não falla d'elle ninguem!

É noite de Janeiro. O vento gelido
uiva nos tectos que a geada espelha;
responde o resonar fundo e pausado
do lasso lavrador em noite velha.

Té mesmo no dormir! a orchestra em tudo!
O vento, a chuva e o resonar, são hymno
do sono salutar.

Da primavera as aves namoradas
tem cantos para as noites perfumadas;
mas seu estro divino
foi prenda preciosa
da lua, das estrellas e das flores,
que, em vez de adormecer a fantasia,
vem povoal-a mais que em pleno dia
de sonhos de ambição, glorias e amores.

Tudo na aldeia dorme; só na choça,
visinha do *Carvalho da avoenga,*
crepita uma candeia;
lá dentro ha vozes, que a parede rota
não sabe resguardar.
Que vulto é esse rebuçado e attento
á porta a escutar?
É negro o manto que lhe ondeia o vento,
e a comprida gorra, e as anchas bragas;
e, emquanto o gelo pelo chão se encrusta,
colhida a manga pela mão robusta
lhe enxuga a fronte que lhe sua em bagas.

. . . .

—«Deixae o vosso trabalho,
que adoeceis de cançada;
as miudezas da agulha
fatigam mais do que a enxada.

Já tendes a mão gelada,
e as faces roxas de frio;
eu não trarei ámanhã
o meu bornal tão vasio.
Quasi apagada a candeia!...
podeis cegar, linda Anninhas;
é tão fina a vossa teia!...
são tão delgadas as linhas!...
Vossos olhos melindrosos
cança-os tarefa tão dura,
que eu bem os vejo chorosos,
a molhar-vos a costura.»—

—«És ingrato, Mem Rodrigo!
a fallares-me em fadiga!
eu sempre tão tua amiga,
tu sempre a ralhar commigo!
Quando estava tão contente
por te dar uma camisa
da minha teia tão liza,
ralhas tu, impertinente!
Andas ahi quasi nu...
Mas deixa estar que um dia...
Bem; agora choras tu,
que é para eu ter alegria...»—

—«Tenho frio! quem falla de alegria
neste dia de lucto!
vendeu-se um reino ingrato!

Sómente nos algares, na braveza,
da heroica ilha Terceira,
se desfralda a bandeira
do D. Priôr do Crato!
Que valor! que firmeza!
nesses montes de lavas, que parecem
ruinas colossaes da natureza!
Eia de pé!
o copo a trasbordar!
No banquete das puras amizades,
brindo cheio de fé,
de amor e de esperança,
nobre arca da alliança,
das nossas liberdades!
Filha: para que sopras ao rescaldo?
não vês as linguas de fogo
consumindo a casa inteira?
olha... do sangue a rasteira,
olha os despojos sangrentos
das garras do tigre hispano!
Ai, meu filho, que tormentos!
Faz hoje... faz hoje um anno!
Pobres filhos, quero vel-os!
quem lhes disse que morri?
Dera as barbas e os cabellos
a quem m'os trouxesse aqui.»—

Ouviu-se um ai afflictivo,
um tenue balbuciar

de brancos labios trementes,
e num riso convulsivo
contínuo ranger de dentes.

Começa brando e triste o meigo canto
da pobre costureira:

—«Bem hajas, ó luz do sol,
dos orfãos gasalho e manto...»—

E em fio os cristaes do pranto
a esmaltar-lhe os seus carinhos;
era sobre horto de espinhos
a orvalhar balsamo santo;
era uma briza fagueira,
era o luzir de uma estrella,
era o ramo da oliveira
nos vagalhões da procella.
Era o remate saudoso
de uma paixão de matar,
era o porto bonançoso
nos confins do irado mar...

Quando a sincope findava,
findava a copla tambem:

—«Triste de quem der um ai,
sem achar eco em ninguem!
Felizes os que tem pae,
mimosos os que tem mãe!»—

Rijo tufão se desata;
abre-se a porta co'o vento;
cai uma bolsa de prata
nas lageas do pavimento.
E o vulto, que tudo ouviu
no limiar tão attento,
o rosto mais encobriu,
e partiu.

Quem fosse á *Quinta do bosque*
nessa noite á meia noite,
lá o achára ajoelhado
sobre o sepulcro ignorado
da triste, misera Estella,
sem temer do vento o açoite
que lhe arrasta o manto ondado
como ao genio da porcella.
E taes vozes lhe escutára
sair do peito dorido,
mãos postas, rosto pendido:

—«Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo
sobre infinito mar?
Pomba, tantas esp'ranças que me déste,
queima-as o desespero; e o lume, e o fumo,
fazem-me suffocar!

Anjo meu guardador, porque fugiste,
deixando o desgraçado companheiro
em tanta solidão?
Fiquei perdido e só, cançado e triste;
ninguem sabe acolher pobre estrangeiro
sem lar, sem affeição!

Menina dos meus olhos, que é do fogo
que te cercou das chammas tão brilhantes
a fronte divinal?
Foi de instantes a luz, sumiu-se logo;
mudaram-se-me os quadros cambiantes,
em noite sem fanal!

Ando sem norte aqui, anjo formoso,
a cumprir o rigor do meu fadario
sem treguas e sem fim.
Fez-me um convite o coração luctuoso;
chamava-me hoje um triste anniversario...
e de bem longe vim...

Faz hoje um anno que as flores
alvas, da cor do jasmim,
d'esse teu seio de amores,
se cobriram de carmim;

que ás tuas faces mimosas
combanidas do martirio,
cobriram frescura e rosas
as roxas tintas do lirio!...

Faz hoje um anno; contei-o
nos estos da minha dor,
que te escavaram teu seio
para arrancar tanto amor!

Em quanto me alente a vida
a febre do meu fadario,
serei junto d'esta ermida
ás horas do anniversario.

Embora o mundo me impeça,
tenha eu mares a vencer,
nada fará que me esqueça
do teu sepulcro, mulher.

Meu pae, acabo de vel-o
nas contorsões da demencia,
sentado sobre o escabello
da mais escura indigencia.

*

Meu irmão, em solo estranho;
eu, sem saber onde vá!
Não ha martirio tamanho
em todo o mundo!... Não ha.

Mas vês tu? eu vivo, Estella!
e vivo aqui sem vingança...
São influxos d'uma estrella
prodiga em raios de esp'rança.

A nossa filha, engeitada
por teus irmãos, não morreu!
bem sabes, alma adorada,
que a não achaste no ceo!

Por ti, busquei a guarida
de teus irmãos tão ferozes;
por ella, deixei a vida
aos teus covardes algôzes.

Pobre filha! neste mundo!
sem ter o abrigo d'um pae!...
ao pé d'abismo profundo
em que ella resvala e cai!..

Vou de poisada em poisada,
estudando a rosto e rosto,
desde o sol posto á alvorada,
desde a alvorada ao sol posto!

Já sonhei que d'entre abrolhos
a tomei nos braços meus;
tinha os labios, tinha os olhos,
Estella, que foram teus!

De fome e frio chorava
a minha pobre menina!...
Vou ver se um eco da *Cava*
o berço d'ella me ensina.

Tu, que és martir, minha Estella,
tu, que estás ao pé de Deus,
pede, pede-lhe uma estrella,
que me illumine dos ceos.

Deixo-te, sombra querida,
que me impelle o meu fadario.
D'hoje a um anno, ao pé da ermida,
ás horas do anniversario.»—

Lá vai D. Jayme!... é elle! tão sósinho
assim por noite escura!
sem tropeçar nas pedras do caminho,
sem se perder na sombra da espessura!...

Vêde-o junto do lago, ao pé do olmeiro,
na esboroada *Cava*...

Limpa o suor da fronte... e olha... e escuta...
e na alma se lhe trava horrenda lucta...
repete-lhe os suspiros cada oiteiro...
com suas mãos febris a terra escava!...
e qual fiel mastim, busca e fareja
uma pista adorada,
que deseja encontrar, e em vão deseja!

—«Foi aqui...—Junto do olmeiro,—
disse o pagem... Não mentia!
voltou apenas foi dia,
e achou o sitio deserto!...
Quem sabe se um pegureiro
passando acaso aqui perto
ouviu gemer minha filha,
e a foi aquecer, chorosa,
sob as dobras da mantilha
de sua mãe carinhosa?...
Ai! mas se os lobos do monte
nestes oiteiros sumidos
lhe ouviram d'ali defronte,
os seus infantis vagidos?!...
Minha filha!... minha filha!...
não ouves a minha voz?
não conheces os gemidos
da minha angustia feroz?!
Se morreste, onde os destroços
do teu cadaver exangue?...

Não acho, filha, os teus ossos,
nem sinto o cheiro do sangue!

Murmurou frases confusas,
incertas, balbuciadas;
fuzilava olhar medonho
d'entre as pestanas cerradas.
Olhou *Vizeu* que dormia
immersa em sono profundo:

—«Ai! quanto eu te devo, ó mundo!...
da minha desgraça o berço,
ali está!...
engeitado da ventura,
tua ingloria sepultura
onde será?...
Que te deu a negra sorte
ao cabo de tantas leguas?...
Vae, Jayme! guerra sem treguas
até á morte.»—

O filho predilecto da desgraça,
firme o punhal, marchou.
Como por entre um povo um tigre passa,
assim elle passou.

O raio que da nuvem se dispara,
mais prompto não feriu.
Se um braço mais audaz se levantára,
esse braço, caíu.

Como o tufão que passa no arvoredo
e o prostra sobre o chão,
tal, castelhana turba cai ao medo
da sombra d'essa mão.

Vai caminho d'Hespanha o foragido
sem esp'rança, nem fé.
E a justiça na pista d'um bandido,
que não sabe quem é.

Á mão que o vai colhêr, sombra impalpavel
se esvai, se reproduz,
sempre fatal, e sempre inalgemavel
como o ar, como a luz.

E vai, e corre, e lucta, e não se cança
aquelle coração;
mas se escuta o vagir d'uma creança,
cai-lhe o punhal da mão!...

Qual se esvoaça a pomba junto ao ninho
de implumes filhos seus,
é todo amor, meiguices e carinho,
sóbe do inferno aos ceos!

O cometa que os seios do infinito
mostram, nuncio do mal,
pouco a pouco se esconde ao povo afflicto,
na orbita fatal;

assim se ostenta e passa o foragido
por entre sustos e ais;
depois conta-se a historia d'um bandido;
e emfim, não lembra mais.

Um anno lá passa inteiro,
e apoz um anno, outro vem;
e em cada mez de Janeiro
os mesmos sustos tambem;
que o vulto que entra na aldeia,
corre ao bosque á meia noite,
quer o inunde a lua cheia
da noite mais amorosa,
quer o vendaval o açoite.
Sombra que passa na terra
num giro sempre fatal,
não acha alcantís na serra,
nem precipicios no val'.
Depois, na *Cava* os lamentos
nos ecos chorando em vão
larga somma de tormentos
d'uma infinita afflicção.

Depois, a desesperança
levanta o braço do forte;
depois, o rir da vingança;
depois, o punhal e a morte.

Vão terminar doze annos de agonia;
do anniversario o dia vai findar.
O sol surgiu sem nuvens esse dia,
e D. Martinho ergueu-se a soluçar;
de repente assumiu tanta alegria,
que era d'acreditar
que teria sonhado co'a ventura,
ou com a sepultura.

De cantaro á cabeça, sobe Anninhas
a ingreme ladeira
da *Fonte da figueira.*
Chega ao meio da encosta, e num penedo,
que veste hera viçosa entrelaçada,
se encosta de cançada;
põe sobre a rocha o cantaro;
compõe a solta, descuidada trança,
deita a face na mão, e assim descança.
Faz-lhe docel a hera,
faz-lhe almofada o musgo;
era um altar da virgem da candura,
aquella rocha dura.

Anninhas, porque olhas tanto
as silvas d'esse caminho?
silvas que não tem o encanto
nem de flores, nem de amoras;
cadeia de tanto espinho,
Anninhas, porque a namoras?

Porque suspiras ao vel-as?
porque as vês com tal meiguice?
recordam-te horas singelas
de risos, cantos e flores,
d'essa feliz meninice,
nuncia de ethereos amores?

Soluças? é pois verdade!
Choras?!... E é tamanho o enleio
de tão profunda saudade?!
Deixa esse montão de abrolhos;
olha que rasgas teu seio,
olha que feres teus olhos!...

Eu sei, Anninhas, a historia
d'esse olhar, d'essa tristeza;
guardas, virgem, na memoria
uma esperança promettida,
protestos mil de firmeza,
e um beijo de despedida.

Foi aqui, neste caminho,
longe de ouvido mundano;
mas que diga cada espinho
que protestos esp'rançosos
te jurava o teu Germano
por entre beijos saudosos.

Até deixar o silvado,
não vias o teu encanto
a cada passo voltado
a espreitar-te entre os abrolhos?...
Ai, não! não vias! que o pranto
tinha nublado teus olhos.

Por isso todos os dias
vens encostar o teu rosto
do rochedo ás heras frias...
triste imagem da orfandade!
ás saudades do sol posto
casando a tua saudade!

E ha tantos annos, coitada,
contados dia por dia,
te vens assentar, cançada,
nas pedras d'essa ladeira,
enlevada na magia
d'uma idéa feiticeira!

E ha tantos annos, ai pobre!
que em vão procuras a palma
do teu martirio tão nobre!
sempre desmentida a esp'rança!
sempre a nuvem dentro d'alma!
sempre o tufão sem bonança!

Anninhas, vê que te espera
teu pobre pae D. Martinho;
deixa a rocha, o musgo, a hera;
é quasi noite fechada...
Mas álem... nesse caminho...
teniu e luz uma espada!...

Não vês?!... insignias de guerra!...
Quem será que a taes deshoras
procura esta pobre terra?...
Eil-o percorre o silvedo...
lá chega... porque descóras,
Anninhas? de que tens medo?

De novos p'rigos? louquinha!
pois ha maior desgraçada
do que tu és, moreninha?
Quem póde augmentar as dores
álem das quaes não ha nada?
não tremas e não descóres.

Que longo bigode loiro,
que talhe esbelto, esforçado,
em que ondas espessas d'oiro
se enquadra um rosto queimado!
Traje paisano de Hespanha;
largo chapeo desabado;
roto manto descomposto;
de esporas e desmontado;
e uma cicatriz no rosto,
que é o orgulho de um soldado
quando volta da campanha.

—«Boas noites, minha filha,—
diz elle em voz rouca e dura;—
dais-me agua da vossa bilha,
que trago tanta seccura
de atravessar muitas serras,
de immensas leguas que andei;
dais-me agua?»—
—«Senhor, bebei.
Vindes pois de longes terras?»—
—«De muito longe... Obrigado;
mas vou encher-vos o cantaro,
que vos fica tão mingoado.»—
—«Senhor, não vos enfadeis,
nem vós sabieis a fonte.»—
—«Oh que sei! ali defronte,

no fundo d'esta ladeira,
fica a *Fonte da figueira*...
mas... que é isso? estremeceis?»—
—«Senhor, dizei por piedade,
vindes da guerra?»—
—«É verdade.»—
—«E neste povo mesquinho
tendes um pae?»—
—«D. Martinho.»—
—«Bem hajas, Virgem das Dores,
que acceitaste as preces minhas!
meu Germano! meu irmão!»—
—«E tu, morena, és a Anninhas,
que eu trago no coração?
Minha pomba, meus amores...»—
. . . .

Essa vida, esse morrer,
esse chorar, esse rir,
que penna o sabe escrever?
que peito o sabe sentir?

Á meia noite no bosque
era D. Jayme ajoelhado
sobre o sepulcro d'Estella.

Doze annos ha que o seu fado
o manda áquelle sacrario,
ás horas do anniversario,
chorar saudades por ella.
Por entre os robles da selva
surge uma luz... que será?
Some as passadas a relva!...
A luz, caminha sem vozes...
Ai! se fossem os algôzes!...
Firma o punhal!

—«Quem vem lá?»—
—«Jayme!»—bradou-lhe uma voz,
que o triste bem reconhece!...
Suspira, e contorce as mãos!
—«Jayme! Jayme! somos nós,
o teu pae, os teus irmãos.»—
Nisto as frias mãos do louco
tinham D. Jayme prendido.
—«Filho, tens frio? coitado!
tens fome? não tenho pão!
a que andas aqui perdido?
Ah! já sei; vens ao jazigo
que eu abri por minha mão;
vem cá! vem cá, Mem Rodrigo;
olha o sepulcro de Estella;
ajoelha tambem commigo;
era tão meiga e tão bella!...

Rezemos por alma d'ella,
rezemos com devoção.»—

D. Jayme, estatico, immovel,
presa a voz, hirtos os braços,
recebia os mil abraços
de seus irmãos lagrimosos.
Depois, exclamou tremendo:
—«A que viestes aqui?»—
—«Por ordem d'aquelle velho,
que é nosso pae, meu irmão.»—
—«Anninhas, e quem vos disse
que me acharieis a mim?»—
—«Quando na aldeia passavas,
eu bem via a tua mão
na esmola que nos deixavas.»—
—«Ai de mim... Tu, meu Germano...
ha vinte dias na Hespanha
estavas, se não me engano!
Foi terminada a campanha?»—
—«Não.»—
—«Mandou-te acaso...»—
—«Ninguem.»—
—«Como és aqui?»—
—«Por traição.

A Madrid ha quatro dias
chegava da Catalunha...
nem já sei a que lá vim;

veiu trazer-me um soldado
este papel bem lacrado,
sobscripto para mim,
e este papel, diz assim:

—Meu Germano, emfim a sorte
foi adversa a teu irmão;
foi preso, vão dar-lhe a morte
no cadafalso infamante;
presa com elle estou eu.
Sê nobre, tem coração!
vem á *Torre de Vizeu*
ver a dor que nos consome;
não pares, Germano, vem,
que nosso pae morre á fome
sem abrigo de ninguem.
Germano, por teu affecto
acode a quem tanto te ama;
é tua irmã que te chama
do seu calaboiço infecto.—

. . . .

. . . .

Fui lançar-me aos pés d'El-Rei;
pedi-lhe o vosso perdão;
respondeu:—Não!...—
De vos dar o extremo adeus
pedi-lhe ao menos licença.
—Negada!...—

Tremeu-me o punho na espada!...
—Ousais em nossa presença!...—
—Oh! revogae a sentença!
deixae que inda veja os meus!...—
—Prendei-o!
A espada já nua em meio
brilhou toda á luz do dia!
—Vou punir tanta ousadia.—
—Veremos, senhor! Cuidado!
que ninguem arrisque a mão!
bem vêdes que estou armado,
e não se prende um soldado,
como se prende um villão!

Doze annos de lealdade,
doze annos esp'rando em vão!...
Bem pago vou na verdade,
Rei de Hespanha e de Aragão!

Meu sangue leal vertido
em guerra de irmãos!... Oh dor!
matar um povo opprimido
ao capricho d'um senhor!
Foge-me o lume da vista
nesta dor que me consome...
Rei! dos rebeldes na lista
manda lançar o meu nome!
vê como está convertido
este escravo portuguez!

*

Por um valente, um bandido;
por um soldado, um traidor!...

Agora, amigos, aos lados!
porta franca; vou saír;
guardae os peitos e as mãos;
vou ver meu pae, meus irmãos;
e uma vez que o disse, hei-de ir!—

Foi a briga encarniçada;
não caí, mas tropecei;
abri co'a ponta da espada
o meu caminho, e passei.
Eis-me perdido, bem vês!...

D. Jayme todo tremia;
em toda a sua agonia
foi esta a primeira vez.

Ninguem viu caír Anninhas
esmorecida no chão.

. . . .

. . . .

Álem na campa os dois velhos
rezavam com devoção.

Era quasi manhã, quando na aldeia
entram, sem ter achado outro conforto
mais que chôro profundo.
Na choça inda velava uma candeia,
como farol que denuncía um porto
aos naufragos do mundo.

CANTO V

LATET ANGUIS

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dor, que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do occidente envolta em sedas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins, e de alamedas,
rica de joias, oiro, e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

Arvore a cuja sombra augusta e santa,
ao gelo foge, e ao sol a flor nascida;
onde o cinzel co'a lira afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.

Onde o presente se protrae de rastos
e o germen do futuro altivo medra
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florecida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
em quanto lês com pasmo a alheia historia
sem te lembrares... ai! de que és suicida!

Dizem que te seduz traidora estrella
egoista, fatal, vergonha infinda!
a lançar-te nos braços de Castella,
que tanto quiz matar-te e o espera ainda!

Seducção de ouropeis! soberba insana!
Patria, não posso crer por honra nossa!
Quem prefere a libré palaciana
á pobre independencia de uma choça?

Quem póde crer na Hespanha?! ó patria, acorda;
não desdenhes o grito do alaude,
que estalará por ti corda por corda,
que é portuguez fiel, embora rude!

Já te chamou amiga, e foi mentira
a simples candidez com que te olhava;
a mascara caíu num'hora de ira!
falsa! chamou-te irmã, e quiz-te escrava!

Seus protestos de amor são algazarras
de motejos crueis, de zombaria!
Quando nos volve a mão mostra-nos garras,
e nos saúda ao som d'artilheria!

Vae á ponte d'Alcant'ra; a tua gloria
ennodoada foi nesse recinto;
evoca a sombra vã, folheia a historia
do Duque d'Alba, e saberás se minto.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

Arcos de Val-de-Vêz, contae a ousada
tigrina sanha da feroz Castella:
quantas hostes de heroes ceifou a espada,
quanto sangue leal correu por ella.

Falla tambem *Valverde, Aljubarrota,*
Ala dos namorados tão brilhante;
falla, mestre d'Aviz; conta a derrota
que pairava certeira em teu montante.

E dizem que é Lisboa a filha impura
que invoca essa madrasta detestavel!
Sobre o roto borel veste a armadura,
parte essa lousa e surge, ó Condestavel!

Acorda a patria e vê que é pesadelo
o sonho da ignominia que ella sonha;
sopra-lhe n'alma o quasi extincto zelo;
salva o teu Portugal d'esta vergonha.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

De Lisboa os monumentos
quem vos podéra pintar!

as egrejas, os conventos,
o Tejo, as torres, o mar
bordado de naus aos centos
de mil diversas bandeiras!
Essas praças galhofeiras,
esses largos, esses caes,
o vozear da cidade,
e a solemne magestade
dos velhos paços reaes.

Mas eram tristes os paços
viuvos de nossos reis;
eram alcoices devassos,
escravos de estranhas leis.
Tecto e salões murmuravam
e tremiam na passagem
d'uma ignobil criadagem,
e lamentosos choravam
os ecos desafinados,
porque foram modulados
nas notas d'outra linguagem.

Ali mandavam, por vergonha nossa,
a Duqueza de Mantua, vão fantasma
d'um poder que era d'outro, e que não tinha
mais que o frivolo nome de rainha;
Miguel de Vasconcellos, o valido
do Conde Duque; portuguez vendido
ao poder de Castella;

e para completar a nossa praga,
faz-se lobo o pastor, e nos devasta
o Arcebispo de Braga.
Já todos podeis ver se era nefasta
de Portugal a estrella.

Ahi tendes os tres algozes;
sempre o cutello na mão
ao mando das roucas vozes
d'aquelles tempos ferozes,
d'aquella feroz nação.
Viessem ferros da Hespanha,
que, para que o povo os tema,
teria por força ou manha,
cada pulso a sua algema,
cada collo o seu grilhão.
Da fome o longo esqueleto
sobre trémula cadeira
junto á gelada lareira
ia-se á noite assentar;
pois a cada mando novo,
essa trindade execravel,
abismava o pão do povo
na garganta insaciavel.

E lá nos paços reaes
viuvos de seus monarchas,
fazem serão as tres Parcas

em seus decretos fataes:
e lá forjam nossos damnos,
a velha pintando as faces,
ou passando as puídas contas
em louvor dos cherubins;
Miguel, azedando affrontas,
e o padre a descontar annos,
e a errar os seus latins!

Ó pobre Portugal! quem não soubera
de vilipendios taes! faz dó, bem vês,
ver as rosas da tua primavera
a servirem de esteira a estranhos pés!...

Vamos, poeta, mais tarde
virão lamentos e dor;
limpa da fronte o suor
d'essa agonia, e caminha.
Tomaste a cruz com fé pura;
vê: a rua da amargura
como inda é longa! caminha!

De outubro era manhã ventosa e fria;
pelos rotos, delgados nevoeiros,
o sol, rico de luz, ao mundo ria,
e prateava os raros aguaceiros.

No atrio do palacio entrava um grupo
de doze cavalleiros;
fallavam do passado, de grandezas
de seus avós guerreiros
honrados pela patria e pela fé,
veteranos das glorias portuguezas...
Só falla do que foi, quem já não é.

—«Era em Abril, meus senhores,
que nossos paes no *Seinal*
junto de *Alcacer Seguer,*
ouviam as santas preces
d'uma missa festival,
lançada a pedra primeira
d'uma altiva fortaleza,
em que ondulasse altaneira
a bandeira portugueza.»—

—«A oito de Abril, Noronha;
meu avô lá era então;
inda foi bello esse tempo
dos bravos de *Mazagão.*
Mas essa cruz que elles viram
como um iris de bonança,
tinha legendas de morte
em vez de motes de esp'rança.
Resguardada no sacrario
das pedras d'esse *Seinal,*

só nos mostrava o calvario
das glorias de Portugal.»—

—«Tão moço, D. Ruy de Abranches,
tão quebrado o coração!
é vérme o homem, e morre,
mas não morre uma nação.
Ha sob as cinzas, centelhas;
debaixo do monte immenso
onde o gelo é mais intenso,
lá é que dorme o vulcão!

—«Cuidado, Pinto Ribeiro!
mais baixo, se vos apraz:
vêde essa porta: detraz
ha-de haver por força olheiro...
Abriu-se mais... quem me désse
as orelhas do espião...

—«Que bello tempo foi esse
dos bravos de *Mazagão!*—
lhe tornou Pinto Ribeiro
com rosto mais prazenteiro,
com mais elevada voz.—
Mas no tempo em que vivemos
teremos-lhe inveja nós?

de quê? do Xarife Hamet,
rei de Marrocos guerreiro,
a quem Luiz de Loureiro
susteve as iras de pé?...
Da *Maimona* monstruosa,
cujas balas infernaes,
eram vanguarda dos mouros
em seus combates fataes?
isso que val, se no fim
de tão suados trabalhos,
as mulheres de *Çafim*
vestindo fardas reaes
foram servir de espantalhos?!

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!

Perguntae aos pobres filhos
do bravo doutor Gentil,
que ora pensava os doentes,
ora erguia a voz no fôro,
ora ao som d'um grito mouro
brandia a espada subtil.

Se quereis, ide aos herdeiros
d'esse Francisco Marreiros,
o destemido Adaíl.

Inda mais: ide tambem,
ide ás cinzas perguntal-o
de Bartholomeu Cavallo,
o brioso Almocadem!
Almocadem e Adaíl
tinham a fortuna immensa
de quatro mil réis de tença!...
Já vêdes como era vil!

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!

Que fez Luiz de Loureiro,
que lhe rendeu seu valor
em ser o bravo primeiro
na tomada de *Azamor?*

Que fez Francisco Gonçalves
em trazer a *Mazagão*
atados, quatro *Cassizes*
profetas da perdição
de Portugal!... infelizes
que viram de dia a dia
realisada a profecia!

Que valeu ao capitão
ver seu filho mais querido

esquartejado, partido
pelo alfange de infieis,
e romper como um leão
pela falange cerrada
da deshonrosa emboscada,
dar á morte o coração?...
De nada!
Viu a victoria perdida;
quiz pranto, negou-lh'o a dor;
quiz morrer, teimou-lhe a vida;
e por excesso de horror,
viu a cabeça adorada
do seu filho, pendurada
sobre os muros de *Azamor*.

Pobre Lazaro Martins!
salvaste o teu capitão,
mas a honra e a liberdade,
custou-lhe a tua isenção!
Cada golpe que o buscava
achava a tua armadura!...
É tua historia um poema
em que á honra e lealdade
foi rival a desventura.
Que te valeu, como Lazaro,
resurgir da sepultura
na terra da escravidão?
ficares honrado, obscuro,
enfermo, pobre, e peão!

Francisco e João Ribeiro,
lá mostraram seus ardores
de africanos lidadores;
de rotos elmos de cobre
fui eu, senhores, o herdeiro;
sou... João Pinto Ribeiro,
honrado, plebeu, e pobre.

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão,*
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!»—

E dos nobres o troço que escutava
e os dois sentidos do orador sabia,
co'os gestos applaudia;
d'ouvido sempre ancioso e d'olho álerta,
ao doutor indicava
inda a traidora porta mal aberta.
Tornou Pinto Ribeiro:

—«Hoje, a Hespanha bemfazeja
que nos dá honras e paz,
dá-nos a mão protectora,
desfaz as leis que lhe apraz,
e tomou, mau grado á inveja,
o seu logar de senhora.
Deu-nos por Vice-Rainha

a virtuosa Duqueza,
que dá tudo... casa e mesa
de Braga ao santo Primaz,
que Deus conserve bem annos
para exemplo a quem não crê
na sua virtude e fé.
Temos aqui por ministro
a Miguel de Vasconcellos,
de cujo zelo tem zelos
Portugal, mas sem razão;
se hoje luz a sua estrella,
tudo elle deve a Castella,
e nada á sua nação.

Se o nosso sangue inda é quente,
e quer perigos da guerra,
senhor Alvares da Cunha
lá temos a *Catalunha,*
onde o mancebo valente
se cá deixa a patria terra,
brazões maiores lá ganha
indo morrer pela Hespanha.

Se os descontentes murmuram
por verem desamparados
esses fortes arruinados
das conquistas d'álem-mar,
por verem perdidos todos
os brazões da nossa gloria

com sangue escriptos na historia,
deixal-os lá murmurar.
Primeiro as questões da Hespanha,
que é nossa senhora e mãe,
e que nos tem sido em tudo
crédora de tanto bem.
Muito embora os estrangeiros
repartam á lei da sorte
nossos despojos guerreiros,
como á tunica de Christo
se fez em Jerusalem.

Que loiros terá ganhado,
senhor Jorge d'Aguilar,
vosso sobrinho Germano...
que novas d'elle nos dais?
como elle ía confiado
na espada de D. Martinho,
com seus tão loiros cabellos,
com suas faces de donzella!
Vêdes que honrado caminho
lhe deu a nobre Castella?
d'elle que sabeis?»—
—«Eu nada.»—
—«Nem eu.»—
—«Nem vós?»—
—«Tambem não.»—
—«Nem eu sei d'elle tambem!»—
—«Não sabe d'elle ninguem!?»—

—«Sei eu,—disse um cavalleiro
que ninguem virà até'li;—
tem sido meu camarada
desde o primeiro d'Abril;
é na avançada o primeiro,
nas salas o mais gentil.»—
—«Quem sois vós?»—
—«Um aventureiro
que arranja oiro nos dados,
mulheres nas estocadas,
amigos entre os soldados
nas posições arriscadas,
e o seu renome de gloria
nos lances d'uma victoria.»—
—«Pareceis portuguez...»—
—«Sou algarvio.»—
—«E podeis-nos dizer o vosso nome?»—
—«Sou Alvaro Correa d'Aragão.»—
—«D'Aragão?»—
—«Foi por meu livre alvedrio
que este nome tomei num certo dia;
é um nome de pura fantasia,
porque no tempo em que não fui soldado
chamavam-me Ruy Vaz, o Engeitado.»—
—«Que novas nos dais da Hespanha?»—
—«Oh! que soberbas mulheres!
valem milhões as malditas!
morenas, olhos de lume,
seios de fogo, amor fundo...

Ai! é um gosto ver o geito
com que bailam as *Chiquitas*
o fandango mais perfeito
qne Deus deixou neste mundo!
Se virdes vosso sobrinho,
isto vos ha-de contar;
dá prazer entrar no fogo
com Germano d'Aguilar!
Como elle acaba um recontro!
como um raio! certo e prompto
sem desviar a cabeça...
só por voltar mais depressa
as *Chicas* a requestar.
Os homens são mais bisonhos;
tanto melhor para nós!
comnosco ficam as filhas,
emquanto elles fumam sós.
Tudo é prazer! nem o jogo
lá falta naquelle ceo!
Jogam bem os castelhanos,
mas nunca tão bem como eu.
E quanta riqueza a nossa,
que inexgotavel caudal!
Na campanha, ha... rios d'oiro
do cunho de Portugal;
na Hespanha, é tudo alegria:
riso e vinho, e oiro e festa;
em toda a parte a folia!...
Isto é tiste, isto não presta.»—

—«Mais respeito, aventureiro!—
Ver-se-hiam ferros brilhar,
se do salão não se abrissem
as portas de par em par.
O ar parou nas gargantas;
ficou tudo confrangido,
como se as portas do inferno
ali tivessem rangido.
Sómente o desconhecido,
firme o passo, erguida a fronte,
ao homem da libré d'oiro
diz com riso impertinente:

—«Cometa, se a tua cauda
fulgente é de bom agoiro;
se, como gato por lebre,
por oiro me não dás cobre;
e se és amigo da Hespanha;
ao muito alto, muito nobre
D. Miguel de Vasconcellos,
vai entregar esta senha.
Sou mandado de Castella;
trago despachos d'El-Rei.»—
—«Dae-m'os, eu lh'os levarei.»—
—«Que bem bordada carcella
tens na farda! no bordado
andaram mãos hespanholas;
és um rapaz aceiado,

e has-de ter bom coração;
dize ao Ministro que as notas
só lh'as dou em propria mão;
vai: dou-te umas castanholas
de puro ebano... Então!»—

O pagem, a ver navios,
voltou a espalda calado,
entrou; e apoz, o soldado,
pura raça de algarvios.

—«Agora, meus cavalleiros,—
diz elle, voltando atraz,—
os vossos brios guerreiros
não morram numa ante-sala;
trocae a tristeza em riso,
trocae o silencio em gala,
e conhecereis um dia
este pobre aventureiro;
hoje não, senhores meus.
Quanto a vós, Pinto Ribeiro...
tenho demandas na côrte,
e vós sois doutor. Adeus!»—
E entrou no salão.

Fechou as portas sobre o grupo attonito,
que se olha absorto, e se interroga em vão:

que alto segredo lhe encaminha os passos?
lhe dita as vozes, que misterios são?

No interior do paço á mesma hora,
em aposento estreito e bem cerrado,
o Primaz e o Valido conversavam,
co'a mesa entre ambos, de questões do Estado.

Na manga o padre os oculos esfrega,
e aviva o lume do fogão visinho;
sombrio e attento o pertinaz Valido,
vai lendo em meia voz um pergaminho.

Papeis amontoados sobre a mesa,
outros rasgados tapetando o chão;
os de maior perigo ou mais segredo,
vão-se ao discreto lume do fogão.

Terminou a leitura. Ambos calados,
olharam-se um momento.

—«E agora, Padre, que dizeis a isto?!»—
disse o Valido emfim.

—«Seja pela cruz de Christo!
Deus nos perdôe! É pois certo
que este Duque de Bragança
quebra esp'rança por esp'rança
quantas havemos sonhado!...
Se de Deus será castigo
por algum grande peccado!...
Por que nos teima este Duque
em não deixar Portugal?...
Quereis ter a paciencia
de nos reler o final?»—

—«Diz o Duque de Olivares:
—Ninguem póde já hoje duvidar
que o Senhor de Bragança ahi conspira,
que reina cavillosa intelligencia
entre elle e a parte ignobil da nobreza;
que a de sangue e valia a nós pertence.
Vejo o nosso bom Rei ardendo em ira
contra esse Portugal
por ver como esse Duque assim despresa
seu convite real.
Ha-de acabar um dia, e prompto, e já,
a audacia portugueza!
Fará a força o que não fez a manha
para o trazer á Hespanha;
nota minha esperae, que em poucos dias
alguem vos levará.»—

—«Altos juizos dos Ceos!—
diz, pondo as mãos, o Arcebispo;
só vós sois os verdadeiros!
Jurariamos *in sacris*
que já não havia lobos
neste povo de cordeiros!...
Esperar no Rei, e em Deus!»—
—«E no Diabo!... Perdão!
meu reverendo Primaz!...
Estes costumes antigos...»—
—«Não façais caso! entre amigos...
Em horas de mau condão,
tambem nós
fallamos em Satanaz,
tendo a Deus no coração...
como vós!»—

—«Eu nada sei, Padre! nada!
e não descanço, bem vedes;
e tenho a mira apontada,
e bem dispostas as redes!
Ver o Duque de tão longe
o que eu não vejo em Lisboa!...
Não ver a meus pés o abismo,
eis a dor que me magôa!

Inda assim, Padre, não creio
em tão fina hypocrisia;

mas se esta relé d'ignobeis
zomba da minha porfia,
essa nobreza bastarda
fuja á luz que a denuncía!
e o tal Duque de Bragança
não durma noite nem dia!»—

Erguera-o a raiva em pé!
de cabellos erriçados,
de punhos hirtos, cerrados,
que temeroso não é!

—«Como é nobre o vosso zelo!
Deus se amerceie do Duque!
Se é traidor, *morra por ello*
como se fôra um villão!
haja baraço e cutello,
e o infamante pregão!»—

Pôz na mesa o *Soli-Deo,*
pôz a mão no coração,
e rezou, que mal se ouvia,
as orações da agonia
com fé pura de christão!

A porta abriu-se; entrou pelo aposento
um vulto obeso, baixo, calvo e feio.

Era Antonio Correa, o confidente,
primeiro secretario do Valido,
duro como seu amo e mais violento.

—«Que ouviste? inda murmura a *santa* gente?»—
—«Tudo é paz e concordia! alguns motejos
aos famintos heroes de *Mazagão*,
louvores á Duqueza virtuosa,
ao D. Primaz de Braga, e ao Valido;
de Castella ao poder firme adhesão.
Julguei este dizer não fementido.»—
—«Não!—trovejou Vasconcellos.—
Esse amor que elles fingiram,
da raiva encobre o veneno!
tiveram medo, e mentiram.
Sob o involucro sereno
d'essas hypocritas vozes,
germinam traições ferozes.
A que entraram no palacio?»—
—«A fugir d'um aguaceiro
que os apanhou no terreiro.»—
—«Ide chamar já um pagem
a um d'esses corredores,
e que vá já, e que enchote,
a pontapé, a chicote,
esses cães, esses traidores!»—

Se não fôra o algarvio
de loquaz impertinencia,
como seria o remate
de tão pesada insolencia?!

Pouco depois é entregue a Vasconcellos
a senha que lhe manda o aventureiro.
Quebra com violencia os regios sellos,
lê, e chega ao braseiro
a nota. Vai-se por encanto a lettra.
Lentamente povôa nova escripta
o papel traiçoeiro;
leu de novo a missiva, e um rir satanico
aos labios lhe assomou.

—«Trazei-m'o!—Agora vós, Reverendissimo,
deixae-me só.»—
Só ficou.

Quando á porta do aposento
o aventureiro chegou,
viu Miguel de Vasconcellos
como estatua adormecida,
sobre a mesa os cotovelos,
nas mãos a fronte escondida;
cerrada a porta, marchou.

Chegou-se á mesa; calado,
o vulto petreficado
não dava signaes de vida.
—«Saude ao grande Ministro,
tão nobre como Altamira,
tão sagaz como a Sibila...»—
Entre os dedos do Ministro,
chammejava uma pupilla!...
Ficou immovel, calado.

Na cadeira do Arcebispo,
sem respeito e sem cuidado,
foi sentar-se o mensageiro;
pôz a espada nos joelhos,
e pôz os pés ao braseiro;
e recostando a cabeça
descuidosa sobre a mão,
disse, recordando o mote
do nosso velho rifão:

—«*Tal em casa de seu sogro*
costuma estar o villão.»—
—«Sem ceremonia, pois não?»—
Rouqueja o Valido emfim.
—«Sem ceremonia; é verdade;
é tão bom isto ao fogão...
e faz um frio lá fóra
pelas ruas da cidade!...»—

—«Frio ou calor, muito embora!
sabei que não se entra assim
no gabinete privado
d'um Ministro, que é sagrado
como a pessoa d'El-Rei.»—
—«Não vos enfadeis commigo;
quando aquella porta entrei,
achei-vos tambem sentado
sem ceremonia; e deitado...
quasi a dormir sobre a mesa.
Quaes ceremonias?! Um amigo
se é soldado e vem moído,
quer sobre tudo a franqueza.
Sabe tão bem o fogão...
Vós sabeis gosar a vida!
como estais bem precavido
contra o rigor da estação!...»—

Nunca tamanha audacia entrára em sonhos
do temido Ministro, que ali via
um homem sem temor, sem cortezia,
sentado sem licença ao seu fogão,
e volvendo-lhe uns olhos tão risonhos!
Quem affrontava assim o seu destino?...
Ou era um louco, sem razão, sem tino,
ou era um destemido coração!...

Mirou-o attento; meditou-lhe os traços
do rosto nobre, da rugosa fronte...

Que bellas ruinas de edificio ingente!...
Que fundas rugas de profunda dor!...
Que estrella infausta lhe encaminha os passos?...
Que dor confrange estas feições sublimes?...
Serão remorsos de medonhos crimes?
Serão as penas d'interdicto amor?...

Que fez calar d'esse Ministro as iras,
ante o mesquinho, que não tem deffeza!?
é temor? é piedade?... ou é surpreza
que as mãos lhe tolhe, que lhe embarga a voz?...
É que a desgraça, com seu cunho eterno,
deixa no rosto dos que em vida esmaga,
sello tão nobre na profunda chaga
que faz d'espanto recuar o algôz!

Ergueu-se o desconhecido;
e regeitando a ironia,
caminhou para o Valido:

—«Perdoae minha ousadia;
vêde como eu me esquecia
de vos dar estes papeis,
e as amigas saudações
dos dois irmãos Aragões,
vossos amigos fieis.
Em quanto ledes, senhor,
heis de fazer-me um favor:

é dever de bom christão
—*Dar poisada ao peregrino*;—
deixae-me estender no chão
estes membros fatigados,
uma vez que estão chegados
ao termo do seu destino.
Se podesseis cálcular
os annos que eu tenho andado
perdido por esse mundo,
a andar sempre, sem parar,
deixar-me-hieis repoisar
nas taboas d'este sobrado.»—

—«Acordaveis magoado;
aqui, nestas almofadas,
podeis dormir descançado...»—

—«Senhor Ministro, obrigado!—
disse, apertando-lhe a mão.—
Vou repoisar, sem dormir,
por dois minutos sómente.
Se o meu coração dissesse
a dita que agora sente
pelo bem que me fazeis,
de vós serieis contente!
Tomae, guardae-me esta espada;
guardae-me o punhal tambem.
Que Deus vos pague na gloria
o premio de tanto bem.»—

Disse; e sobre as almofadas
caiu com sofreguidão;
e em vozes entrecortadas
do sono pelos bocejos
continuou:
—«É pois certo...
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o ceo.
Eu fui... como o povo hebreu:
depois do longo deserto...
a terra da promissão!...
O sepulcro é tão quieto...
é tão suave... a prisão!...»—
E adormeceu!...

. . . .

Que penna, ou que pincel ha 'hi que possa
pintar o pasmo do Valido agora?!
Que anjo, propicio do poeta aos cantos,
me empresta o genio, me concede encantos,
me ensina as tintas com que ao mundo absorto,
desenhe o esboço d'este vulto immovel,
attento, confundido, boquiaberto,
a dúvida no olhar... o ouvido, incerto!...
represo o respirar... os pés, pregados!...
na attitude, o respeito!...
Hirtas as mãos, os braços levantados,
immoveis, na postura horisontal,

em que, sem o saber, tinham tomado
a espada e o punhal;
com a mesma automatica firmeza,
d'um cabide de bronze, em sala d'armas,
num castello feudal!

. . . .

Que fundo sono amortece
as faces do aventureiro!...
Que resfol'gar compassado
lhe alteia o peito guerreiro!
Nos olhos, que roxos lirios!...
Que fadiga em cada braço!...
Que prostração nos seus membros,
moídos pelo cançaço!...

Que vos mostre a fantasia
o que não diz o meu canto:
vêde a imagem do repoiso
ao pé da estatua do espanto!

Durou minutos d'esse grupo a inercia.
Quando o Ministro comprehendeu emfim
que o sono era real,
pé ante pé, foi pôr numa cadeira
a espada e o punhal.
Foi buscar um pellote longo e quente
d'arminhos guarnecido,

e manso e manso, com desvelo extremo,
cobriu o adormecido.
Com mil cuidados entreabriu a porta
sem o menor rumor;
chamou baixinho, e segredou momentos;
quando entrava de novo a passos lentos,
nada se ouvia já no corredor.
Sentou-se, e leu do aventureiro as notas;
depois a senha transformada ao lume;
olhou de novo aquelle vulto immovel,
e murmurou num tom que mal se ouvia:

—«Quem sabe se elle o presume?!...
—Guardae-me a espada e o punhal,—
me disse elle... é covardia!...
Álem d'algóz... desleal!...
Veremos.»—
Volveu de novo
para o gigante caído,
e de novo a passos mortos
saíu com ar decidido.

.

Voltou ao cabo d'um'hora,
cautelloso, a olhar, a ouvir,
e com sorriso nos labios,
pouco affeitos a sorrir.

Trazia um cesto no braço,
e um guardanapo a alvejar;
atravez d'elle filtravam-se
aromas d'um bom jantar.
Põe pergaminhos e notas
em papeleiras vazias;
sobre toalha de flandres
distribue as iguarias,
e assenta-se a esperar;
ora pensando absorto;
ora encarando o vulto
quebrado, semi-morto;
ora mirando a senha
com gesto de espantar;
ora o punhal e a espada
contemplava e sorria!...
e ali a fantasia
prendia-se a scismar!...
. . . .

Passado longo tempo,
mecheu-se o aventureiro;
mostrou nos labios morbidos
um riso prazenteiro.
Retéza os braços languidos:
boceja a haustos lentos;
descerra manso e manso
os olhos sonolentos,
e diz meio desperto:

—«É pois certo!
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o ceo!...
Dormi... como um patriarcha!...
Sonhava... que sonhei eu!»—
—«Algum sonho d'alegria.»—
—«Senhor Ministro, bom dia.—
Disse elle desperto emfim.—
Dae-me outra vez essa mão!
deixae-m'a apertar, assim,
ao pé do meu coração!
Venha agora o cadafalso;
venha o baraço e o pregão:
e vós haveis de contar,
se eu sei a morte affrontar,
se ao verdugo eu sei sorrir.
Prompto estou, podeis mandar.»—
—«Depois de dormir, jantar;
depois de jantar... partir.»—
—«Mas a senha que eu trazia
era um decreto de morte!»
—«Como! sabieis.. »—
—«Sabia.»—
—«E que horrenda fantasia
vos arrastou para nós?»—
—«Vingar-me da minha sorte,
dando a cabeça ao algôz!»—
—«E o algôz dá-vos a vida,
quando a campa lhe pedis!»—

. . . .

—«Outra esperança perdida!
Vêde o que é ser infeliz!»—
—«Pois é tanto o desconforto
que vos tomou, cavalleiro?!»—
—«Oh! chamae-me aventureiro,
que o cavalleiro... jaz morto!»—
—«Amigo, vamos jantar;
vereis que o meu velho vinho
desfaz a nuvem sombria
que ennegrece o vosso dia.»—
—«Jantar... sim; era essa imagem,
que em meu sonho me sorria.
Quem vol-o disse?»—
—«Ninguem;
mas quem numa vida errante
não repoisa um só instante,
póde não comer tambem.
Vós tendes fome!»—
—«É verdade!
Ainda me lembra: um dia,
entrei eu numa cidade,
e comi muito! comia
com louca voracidade...
via mulheres chorando...
e eu cantava, e eu bebia...
era um delirio... uma orgia...
mas não sei onde, nem quando!...
Sou quasi um louco! O martirio

não me dá veneno em vão!
Nas contorsões do delirio,
e no estuar da amargura,
eu pergunto ao coração,
se d'envolta co'a ventura
quer destruir-me a razão!...

Eia! jantemos! a vida
que eu julgava morta emfim,
como sina má cumprida,
renasça de novo em mim!
Nesta horrenda noite escura,
perdi-me do itinerario
que me dera o meu fadario!
Sempre a rua da amargura
sem descançar num calvario!...
. . . .
Deus o quer! e pois cumprida
não é minha sina emfim,
jantemos! renasça a vida!...
Ai d'elles!... ou ai de mim!»—

CANTO VI

DUAS VINGANÇAS

Vingança! monstro informe, que se nutre
com supplicios crueis que inflige e vê;
tem cabeça de tigre, azas d'abutre,
e garras de panthéra em cada pé.

A cauda, é de serpente; e tal se arrasta
reptil nojoso pela serra e val;
assim, vôa, fareja, uiva, devasta,
assim, raiva nas rôscas da espiral.

Nos olhos encovados, ferve o sangue;
na boca, se lhe aninha a malvadez;
na garra contraída, a morte exangue
arqueja de faminta, e espia a rêz.

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
quiz afogar a dor que a tanto obriga,
e ao social banquete festejado
foi pedir de beber!...

O jantar social, é uma orgia;
cada logar, um leito de impureza;
cada riso, um baldão!
onde faz de bacchante, uma Duqueza;
onde faz de comparsa, a mediania;
e um Rei faz de estrião!

Preside á mesa o sórdido egoismo,
cortejando as paixões dos seus convivas
na torpe bacchanal,
onde trasborda em gotas corrosivas
o veneno lethal do mundanismo,
das taças de cristal.

O monstro sanguinario da vingança,
disfarçadas as garras e a cabeça,
tem logar d'honra ali.
Qual do inferno de Dante á porta espessa:
—*Ó vós que entrais, deixae cá fóra a esp'rança,*—
ou não entreis; fugi!

Gota a gota nas taças transparentes,
cai a baba pestifera, nojosa,
d'esse monstro fatal!
Lá, se infiltra o veneno em cada rosa;
lá, se exhaure dos lumes rescendentes;
do vinho; do cristal!

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
para afogar a dor que a tanto obriga,
no social banquete festejado
entrou, e quiz beber!...

Do relogio da vida, estala a corda;
pára a existencia bonançosa e rica
do infeliz que bebeu!
O caído ponteiro nos indica
que uma vida chegou do abismo á borda;
que um'alma se perdeu!

Outro relogio então, o do delirio,
saltitante, veloz, descompassado,
na incerta rotação,
marca os baques do homem despenhado;
as tenebrosas fases do martirio;
os estos da paixão!

A vertigem, alenta-lhe a peçonha;
do crime o sorvedoiro abre a garganta,
o possesso caiu
no vortice infernal que o não espanta;
desce, e se abisma na espiral medonha,
e nunca mais surgiu!

De quéda em quéda, ao mundo dos horrores,
pobre estrangeiro que ninguem conhece
poude chegar emfim!...
Vigia as trevas luz que se amortece!...
O chão se alastra de pizadas flores!...
São restos d'um festim!...

Membros dispersos das humanas rêzes!
Mulheres nuas!... Homens estirados,
na mão firme o punhal,
dormem sono febril de condemnados,
rouquento o resfol'gar!... Eram as fezes
do festim social!

. . . .
. . . .

Ai do homem que em dia malfadado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
para afogar a dor que a tanto obriga,
de sobre a mesa um copo envenenado
tomou e ousou beber!. .

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoleu,
não sentirá mais, amores
no coração que morreu!
Ai que não mais terá flores,
neste mundo agora seu!

nunca mais auras suaves
a fronte lhe hão-de beijar!
nem a harmonia das aves,
nem a das ondas do mar,
as suas dores mais graves
hão-de poder abrandar!

O veneno da vingança
no coração lhe mordeu!

Perdeu-se! ai! perdida a esp'rança!...
Mal haja quem no perdeu!
Cego nauta sem bonança,
fugindo ao porto do ceo!

Sempre com ventos errados,
e de baldões em baldões!
em vez de cantos sagrados,
a harmonia dos tufões!
os uivos dos condemnados!
o retinir dos grilhões!

Vingativo! ai do maldito
que mais que sangue não vê!
corrido, como o prescito
que acha um patibulo em pé!
sem patria, como um proscripto!
sem fol'go! sem Deus! sem fé!

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoleu,
não sentirá mais, amores
no coração que morreu!
Ai que não mais terá flores,
neste mundo agora seu!

Vai findar o jantar dos dois convivas,
no palacio real;
ruga-lhe' as faces, cada vez mais vivas,
um sorriso fatal.
Sentados frente a frente, a raiva acceza
em seus olhos se vê.
Nos gestos convulsivos de fereza,
ora batem co'os punhos sobre a mesa,
ora se erguem de pé.
Vamos ouvir-lhe as vozes comprimidas,
de momento a momento interrompidas
por um rouco gemido.

. . . .
. . . .

—«E o mundo todo julgava
que vós tinheis succumbido.»—

—«Já vêdes que não morri.
Eu fui como a salamandra;
por entre as chammas surgi
crivado de punhaladas!...
Para amor, tinha morrido;
para a vingança, vivi.

Desde esse dia maldito,
não tive patria na terra;
quiz perder-me no infinito.

Declarei, sósinho, a guerra
a toda a Hespanha orgulhosa;
e guerra, fiz-lh'a horrorosa!
hontem, bandido na serra;
hoje, semeador na herdade;
ámanhã, frade, mendigo,
nas ruas d'uma cidade.
Mas sempre a luctar commigo
a dor da minha saudade.

Entrei por Castella dentro;
de porta em porta, escutei
aquelles povos ferozes;
a morte, a seguir-me os passos;
eu, farejando os algôzes
da mulher que tanto amei;
e na idéa que eu seguia,
ora furtando-me ao dia,
ora matando, passei.

Era em Maio, mez d'amores;
apanhou-me a noite escura
junto a *Cacilhas de flores.*
Mugia prenhe a tormenta
das nuvens acastelladas;
e das trevas na espessura
vinham tepidas lufadas,
prender-me a cada momento
o meu andar vacillante,

pelas dobras enfunadas
do meu habito de frade,
de uma ordem mendicante.

Era granizo a torrentes.
Perdi a estrada no escuro;
um pé, vacilla inseguro;
outro, resvala-me e caio!
e assim perdido e sósinho
pedi a Deus, mais um raio
que me mostrasse o caminho!
E o raio desceu... que vi?...
Vi um bandido a meu lado
de bacamarte apontado:

—Nem mais um passo d'ahi!
Bolsa, ou vida!—
Ri do engano!
—Minha bolsa, é a sacola
que só traz a parca esmola
d'um mendigo franciscano!—

Do trovão aos estampidos,
misturou-se a gargalhada,
mais álem repercutida;
porque eram dois os bandidos
que pediam bolsa ou vida.

—Boa presa, camarada!—

disse uma voz mais distante.
—Boa presa, meu amigo!
julguei um rato, um gigante!
pedi a bolsa a um mendigo!...
Hoje o ceo fez de montanha:
depois de furia tamanha...
pare um frade mendicante!!—
—Irmãos! piedade commigo!—
disse eu, ameigando a voz;
e de prazer e de esp'rança
me saltava o coração!...

—Anda comnosco, frade; bom achado
foi este para nós;
tens a honra de ver nossa poisada,
onde jámais entrou pé negregado
de cura ou sachristão.
Vais achar minha mãe amortalhada,
que morreu esta tarde amargurada
sem hostia, nem unção...
Vim á pesca d'um *Tuno* endinheirado
que pagasse da pobre os funeraes...
Engraçada irrisão!
quando sonhei na rede um bom pescado,
tirei um carangueijo, e nada mais...
Mas Deus é sempre justo, e acode aos filhos
que respeitam sua mãe!
A coitada chorou muito na vida!
por si... por mim tambem!...

Ai, frade! que me diz o coração
que o seu algôz fui eu!...
Se de martir, ó mãe! te dei a palma,
aqui te levo o ceo!...
Frade! vê bem!... respondes por sua alma!
Vais entoar-lhe um santo = *De profundis*. =
Vou calar-me; prepara um *Canto-chão*,
d'esse que mais gosta o Deus eterno;
bem entoado! bem cheio! bem capaz
d'arrepiar a grenha a Satanaz,
e fazel-o encovar no extremo inferno.
Não te distraias, frade, estuda e vamos.—
. . . .

Mugia longe a tormenta,
e dos matagaes florídos
a lua doirava os ramos;
e antes d'um'hora andada,
transpunha a lobrega entrada
da caverna dos bandidos.

Que morena feiticeira,
d'olhos castanhos, fagueiros,
cantava junto á fogueira
um solau de cavalleiros!

—Soberbo canto, Gazella!—

—Bem-vindo sejas, Montera!
Gil Braz... e o frade tambem!—
—Ao que importa: minha mãe?—
—Como a tormenta é formosa
por noite de primavera!—
—Minha mãe!—
—Jaz sepultada.—
—Que dizes?... onde, e por quem?—
—Por mim, que sou cuidadosa;
fui-lhe coveiro, e irmandade;
jaz descançada entre rochas,
junto ao cipreste da herdade.
Sobre esse algar de seis palmos,
curvavam-se as oliveiras:
os raios, eram as tochas;
as nuvens, as carpideiras;
e o torvão, cantava os psalmos
nos coros da tempestade!
Cabia á mãe de um bandido,
pompa de tal magestade!—
—És animosa, Gazella!—
—Sou tua amante, Montera!—
—Chegámos tarde, bom frade.—
—Inda bem—disse entre-dentes.
Tinha o meu habito aberto,
e mostrava a descoberto
um cinto d'armas luzentes.
—Traição—bradava Gil Braz,
recuando um passo atraz.—

Porque trazias, *Tunante,*
esse *rosario* escondido?—
—Amigos! juizo e paz!
não sou traidor, sou bandido!—

. . . .
. . . .
. . . .

Seis dias mais, e nas praças
d'essa Madrid ruidosa,
uma bella cavalgada
entrava, leda e vistosa.
Dois fidalgos e uma bella
sobre um negro palafrem;
(Gil Braz, Montera, e Gazella!)
levavam pagem tambem,
com seu justilho azul-ceo,
que é cor de illustres avós.»—
—«E esse pagem, ereis vós?»—
—«E esse pagem, era eu!
Eu, que trazia a meu soldo
esses tres genios do mal!
Gil Braz, era:=D. Leopoldo
d'Espinoza e Cadaval;=
Montera,=D. Ruy de Luna
d'Orviedo e de Medina;=

Gazella, = D. Angellina
de Valladares e Ossuna. =
Já vêdes que tinham nomes
dos melhores de Castella!
Viam chover nobres primos!...
Gil Braz!... Montera!... e Gazella!...
Gil Braz, irmão d'Angellina;
D'Orviedo, esposo d'ella.
Tinham cavallos e pagens,
trens de caça os mais custosos,
sedas, oiro e carroagens,
de atormentar invejosos.
Trinta mastins para a serra,
sangue inglez em cada galgo!...
Com taes dons, em toda a terra,
qualquer bandido é fidalgo.
. . . .
. . . .

Meu nobre pae! as joias que me deras
entre prantos d'amor, saudade e esp'rança,
serviram de comprar uma vingança,
unico lenitivo ás minhas f'ridas!
Comprara-a pelo amor que me tiveras!
por meus irmãos! pela perpetua palma!
pela vista dos olhos! por est'alma!
pelo sangue innocente de mil vidas!

E viviam ali! esses famintos
de tudo o que foi meu! Segui-lhe' os passos
dia por dia. Á porta dos devassos,
divagava, nocturna sentinella.
Pareceu-me inda ver-lhe' os dedos tinctos
do sangue d'ella, e meu!... Era delirio.
Mas para haver mais dor no seu martirio,
eram ambos casados, minha Estella!...

Cezares, lhes chamavam lá na côrte,
de *Cezar d'Aragão*, seu pae; honrado
por Filippe terceiro, mas odiado
pela nobreza que cercava El-Rei.
Cezares d'Aragão!... grito de morte
que soava contínuo a meus ouvidos!
que eu via dar o braço aos meus bandidos,
orgulhosos dos *primos* que eu lhes dei!...

Abraçae, meus soberbos, essa escoria,
que é vossa imagem... menos torpe e feia!
Eia, fidalgos, de nobreza e meia!
limpae-lhe' as botas, que limpais a mão!
O vosso pagem guardará memoria
que procurar-me foi, da *Cava* aos muros;
venho pagar-vos capital e juros.
Mostrar-vos-hei se sou lembrado ou não.

Temieis assassinos?! É mentira;
que sois primos de Gil e de Montera;
da mesma indole, e da mesma esfera;
intimos sempre, cordeaes e unidos
que ninguem apartar-vos conseguíra,
na rua, em casa, no sarau, na praça,
no templo, no jardim, no val', na caça...
O medo era mentira! sois bandidos!...
. . . .

As linhas do meu rosto eram profundas
pelos cem dias d'entre morte e vida;
rugosa a fronte, a vista amortecida,
a barba, intonsa, descurada, esqualida!
Os meus vinte annos de visões jocundas
eram sepultos sob a lousa fria
de câs precoces, que o prazer não cria;
a face magra, retalhada e pallida.

Quem, neste espectro, conhecer podéra
o nobre Jayme d'Aguilar d'outr'ora?!
quem? nestas faces em que o sol descóra!
quem? nestes olhos sem vigor?! ninguem!
Mas eu era o Vesuvio sem cratéra;
sob as morbidas fórmas da bonança
subiam labaredas de vingança
a quererem saltar do seio álem.

Quantas vezes nesses dias
queimados a fogo lento,
minhas mortas alegrias
me vinheis ao pensamento!

Em Madrid achei Germano,
de serviço á côrte e ao Rei;
não no víra havia um anno;
um dia acaso o encontrei.

Que bella farda bordada!
que lindo chapeo listrado!
que meigo riso de fada
d'entre o seu buço doirado!

Alva golilha vistosa!
recamados borzeguins!...
Não tinha flor mais mimosa
a Iberia, nos seus jardins!

Nas ruas fundas, sombrias,
dos bairros menos ruidosos,
atravez das gelosias,
viam-no olhos cubiçosos!

Humilde, sem ser escravo;
brioso, em lides e amor;
adivinhava-se um bravo
nos mimos do trovador;

o irmão de cada soldado!
a inveja de cada bella!
no passeio, cortejado!
esp'rado em cada janella!...

Pobre rosa desterrada
do teu canteiro natal!
das bellas tão afagada!
vista dos homens tão mal!

Ai, proscripto! a toda a parte
onde tu vás, meu Germano,
ha-de sempre acompanhar-te
d'esta Hespanha o odio insano;

porque és portuguez... ai, pobre!
nome infesto ao teu senhor!
porque és o filho d'um nobre!...
porque és o irmão d'um traidor!

Viu-me, e passou por junto a mim. Tal era
a espessa nuvem que em meu rosto havia,
que nem meu proprio irmão me conhecêra,
sabendo que eu vivia!...

. . . .

Era chegada a hora. Alegre ceia
faustuosa, rica de cristaes e flores,
de vinhos e iguarias,
no palacio dos *nobres meus senhores*
D. Ruy d'Orviedo, Cadaval, e Ossuna,
rematava-se em chistes e alegrias.
Eram convivas: os fidalgos Cezares,
D. Diogo e D. João;
e as candidas esposas,
filhas d'Andaluzia; ambas formosas:
Camilla de Toledo e Sandoval,
e Rosa de Leão.
Entre os dois d'Aragão era assentada
Angellina d'Ossuna.
Ao pé de Cadaval e d'Orviedo,
Rosita de Leão,
Camilla de Toledo.

Que protestos galantes! que mimosos
motes de lindos nadas... e quem sabe?
e quem póde affirmar que *nadas* eram,
palavras que entre risos lá disseram
labios tão fervorosos,
ébrios de vinho, e d'olhos tão formosos?
Quem sabe se eram nadas? os dois Cezares,
não eram homens de excitar bocejos,
com vãs palavras, triviaes gracejos,
nos labios de Gazella;

que, enfeitiçada, attenta, ao que diziam
ledos, curvados sobre os hombros d'ella,
dos olhos chammejava, e os labios riam!...

Quem jura que eram nadas? Os meus *nobres*
eram bandidos!...
quem sabe se estariam esquecidos
do seu papel fidalgo junto ás bellas?!
Eram *nadas*, talvez que segredavam,
ledos, curvados sobre os hombros d'ellas,
mas o riso murchava-lhes nos labios!...
mas baixavam seus olhos, e córavam.
Eu, é que andava silencioso, attento,
como bom servo, rodeando a mesa;
na fronte, a placidez, e a raiva acceza
no intimo do peito.

Crescia o prazer, e o vinho
desparecia das taças;
os olhos ternos, o risonho aspeito,
a meiguice, o carinho,
fazem cortejo á formosura, ás graças.
Cruzam-se as vozes, mais e mais vibrantes,
trocam-se brindes á amizade e amores,
firmam-se juras de lembrança eterna,
buscam-se agoiros desfolhando flores.

Erguera-se Angellina:
—Eia! os copos empunhados!

senhores, todos de pé!
agora o ficar sentados,
de cavalleiros não é.
Bebemos por vós, formosas,
de Toledo, e de Leão,
que sois as mais lindas rosas
de Sevilha e de Aragão;
e guardais beijos amantes
entre os labios de coral,
aos maridos mais galantes
de Castella e Portugal.—

—Por Camilla de Toledo
candida estrella do ceo!—
dizia D. Ruy d'Orviedo
de copo em punho, e bebeu.

—Por vós, Rosa purpurina,
eterna inveja do val'!—
—Por vós, D. Ruy de Medina!—
—Por Leopoldo Cadaval!—
—Por Angellina d'Ossuna!—
—Pelo seu brioso irmão!—
—Pelo fidalgo de Luna!—
—Pelos nobres d'Aragão!—

Era um coro de vozes, confundidas
no tumulto; perdidas, enlaçadas,

com risos de prazer e gratidão;
e as bellas, já de faces incendidas,
e os seios arquejantes de affrontadas,
eram com seus visinhos assentadas,
só D. Leopoldo, não.

—Quero pedir-vos, senhores,
um brinde só para mim:
todos vós achastes flores
a quem dar ternos amores;
só eu, não tenho o jardim!
Perennes fontes de beijos
se vos dão para beber;
só eu, ardendo em desejos,
hei-de á sêde aqui morrer?...
É para a *desconhecida,*
cheia de mimo e frescor,
perenne fonte de vida,
singela rosa d'amor,
que eu peço um brinde. Por ella!
um brinde cheio de fé!
á minha escondida estrella!
eia, senhores! de pé!—
—Por ella!—todos bradaram,
beberam e se assentaram.

—Bem é, senhor d'Espinosa,
que nos salões de Castella,

vades achar uma esposa
rica, nobre, pura e bella.
Se a vossa estrella se encobre,
ide buscal-a, que é bem;
rico sois, valente e nobre,
não vol-a nega ninguem.—

—Quem sabe, senhores? no campo da vida
se ha lirios e rosas, ha serpes tambem.—

—Que medo podeis ter do vosso dia,
que se abre com tão próspera manhã?—

—Senhores d'Aragão!
ouvi dizer que tinheis uma irmã,
como a Virgem do ceo, pura e formosa;
mostrae-me a fada, e dae-m'a por esposa.—

Aos membros dos dois malditos,
aos labios dos condemnados,
veiu o tremor dos precitos,
a lividez dos finados!

—Oh! que prazer, senhor de Cadaval,
teriamos de a ver a vós unida!

Andorinha estrangeira nesta vida,
voou de junto a nós, por nosso mal.
Pediu a patria a Deus, e entrou no ceo.—
—Morreu?—
—Morreu!—
—E ha muito que é finada?—
—Ha quasi um anno.—
—E onde é sepultada?...
Quero esfolhar-lhe sobre a campa flores!...
Que edade tinha já?—
—Dezanove annos.—
—Quadra do amor!... Deixou de certo amores!...—
—Era louco por ella um tal... D. Jaime
d'Aguilar.—
—Conheci-o!... e tu, d'Orviedo!...
não te lembras? na aldeia de *Parada*,
mesmo á entrada,
num terreiro coberto de arvoredo,
que, ali parando á sombra a cavalgada,
nos tirou quasi á força do caminho
um velho, D. Martinho?!
Não te lembras, d'Orviedo?...—
—Lembro já!
era um nobre de raça e de conselho;
typo que se chamou =*Portugal velho*,=
que já quasi não ha.
Tinha dois filhos... bem me lembro agora,
que o mais velho, D. Jayme d'Aguilar,
me quiz desafiar,

por lhe eu tirar das mãos um perdigueiro.
Era um lindo rapaz, e rico, e nobre,
ousado, e sobranceiro.
Não casaram?—
—Por Deus! era impossivel
descer Estella,
da mais alta nobreza de Castella,
'té um leito d'alvura duvidosa...
pobre talvez!...
d'um fidalgo d'aldeia, e portuguez!—
—E sabeis d'elle?—
—Sei, jaz sepultado.—
—Morreu tambem? que luctuosa historia!—
—Insultou-me, matei-o!—
—Vós, D. João?
foi a punhal, ou em duello honrado?—
—bem sabeis que sou nobre, Cadaval!
sabem cingir espada os d'Aragão,
não matam a punhal.—
—E a vossa pobre irmã, morreu de pena?!...—
—Como? se o não amava?!...
Ao saber que morreu, sorriu serena,
e beijou-me ainda a mão com que eu sabia
as affrontas vingar.
De mais, era traidor ao Rei, á Hespanha,
D. Jayme d'Aguilar;
não cabia de certo á nobre Estella
um traidor desposar!—
—Não foi pois de pesar que ella morreu!

a linda Estella na manhã da vida!...
Esqueceu-vos dizer onde ella jaz.—
—Jaz na *Sé de Vizeu*.—
—Impossivel... perdão! mas nova estranha,
é essa que me dais!
Jaz na *Sé de Vizeu*... Inda em Janeiro
ali estivemos, d'Orviedo e eu;
e vosso pae bem lhano e prazenteiro,
nos disse que partíreis para a Hespanha
em companhia d'ella!
Como dizer que lá morrêra Estella,
e ha quasi um anno?... Perdoae! mas creio,
que a dor estrema vos produz enleio.—

—Sois cruel, Cadaval! para que é dores
de tanta magoa, recordar agora!?
não reverdecem mais, pizadas flores;
não volta a vida, como volta a aurora.

Finou-se a pomba venturosa e bella,
entre os carinhos do fraterno amor!...
É toda a historia que ficou d'Estella.
Não lembra a campa já; só lembra a dor.—

—Haveis de permittir-me,—lhes disse eu,
e olharam todos para o servo audaz—
que vos diga, (que o sei) onde ella jaz;

vindo em auxilio da infiel memoria
d'estes nobres senhores,
que fingem penas, escondendo horrores,
d'essa medonha, ensanguentada historia.—

Ergueram-se hirtos, espantados, tremulos,
chammejantes, fataes, atterradores!
cabello em pé! as faces contraídas
de raiva e medo! as dextras escondidas
no seio, onde acordaram seus punhaes,
que dormiam, bem junto ao coração,
doce sono de irmão, ao pé do irmão!

—É de mais!...—
Era um rugir acerbo de vingança,
mandado aos labios pelo peito em brasa.
—Um insulto d'um servo!... e em vossa casa!...
Expulsae-o!—

. . . .

Nem um dedo se ergueu, nem voz se ouviu!...
Camilla e Rosa, recuaram pavidas,
como se ás plantas lhes caísse um raio!
Aos d'Aragão, a lividez dos mortos
de novo aos labios tremulos subíra!
—Expulsae o villão! ou vós, senhores,
sois infieis, covardes e traidores!!—
E os rubros olhos faiscavam ira!...

. . . .

O mesmo silencio!...
Eu nos labios trementes tinha o riso
que teve Satanaz á porta do Eden,
roubando nossos paes ao paraiso.
Caíram fulminados nas cadeiras,
aos olhos antepondo a fria mão,
e rugiram:—Traição!—
Cheguei-me ás damas que o suor cobria:
—Senhoras! ouvi bem a minha historia!
Resignae-vos, fidalgos d'Aragão!
Por noite de Janeiro escura e fria,
numa quinta emboscada,
por seus proprios irmãos apunhalada,
a meiga Estella d'Aragão morria,
só por que a amára um nobre em Portugal!...
Os d'Aragão sabem cingir a espada,
mas matam a punhal
uma pobre mulher!...
Quando caiu nas taboas do sobrado
para não mais se erguer,
ouviu-se á porta do aposento um brado
de raiva e dor! tremendo! horripilante!
do orphão, triste, malfadado amante,
D. Jayme d'Aguilar!!
Vinha tarde, senhoras!... Vós chorais?!...
que farieis, se ouvisseis tantos ais
que dava o desgraçado,
abraçando num extasi d'amor

esse cadaver frio!... ensanguentado!...
Não ha dor que simelhe aquella dor!
Para c'roar a obra, esses algôzes,
que são vossos maridos,
cairam sobre o inerme que chorava,
esfaimados! ferozes!
e trinta vezes seus punhaes buidos
foram em suas carnes embebidos!
Banquetear de tigres!... A poisada,
era um rio de sangue perennal!
Os d'Aragão sabem cingir a espada,
mas matam a punhal
um homem desarmado,
que escorregou no sangue, e que abraçado
tem o cadaver da mulher que amou;
que nem olhal-os póde, e que não sente,
mais do que um corpo frio e sangue quente,
ao pé do coração que lhe parou!...

. . . .

Pouco depois o incendio alumiava
a purpurina esteira, em que jaziam
dois martires d'amor, que Deus velava,
em quanto os bons irmãos d'ali fugiam,
pensando que nas ruinas do edificio
que o fogo devorava,
nem vestigios sequer de tal supplicio
a vista mais certeira encontraria,
entre a cinza volatil que ficava
como trofeo de tanta galhardia!

—Jesus!—gritam as perdidas
em triste abraço enlaçadas;—
porque foram fratricidas
bater ás nossas poisadas,
co'as mãos de sangue tingidas,
com fallas tão namoradas?!

Cegas de nós! desditosas!
em mãos d'algôzes mortaes!
trocámos galas vistosas,
por crepe, tristeza e ais!...
Nós!... queridas e mimosas
nos seios de nossos pais!...—

Eil-os erguidos como espectros lividos!
punhal em punho que tremendo avança!
seccos os labios, e nos olhos vividos
faiscando o lume de feroz vingança.

—Tu mentiste, villão! por Deus o juro!
pela tua alma que o Demonio espera!...—
—Amigos! vós agora! desarmae-os!—
E nisto, mais velozes que dois raios,
os colheram ás mãos, Gil e Montera.
—Que é isto?! Vós! amigos e parentes!...
eis a verdade emfim! somos traídos!...—

Luctaram no estertor rangendo os dentes,
os peitos comprimidos,
os membros a estalar!
—Assassinos, quem sois?—
—Somos bandidos!...—
—E tu quem és?—
—D. Jayme d'Aguilar!—

Camilla e Rosa, caíram
desmaiadas sobre o chão;
e os algôzes manietados
rugiam raivas em vão.

—Ides morrer lentamente,
fidalgos senhores meus!
sem ouvir um—ai—clemente
nem do inferno, nem dos ceos!
Medi bem na vossa mente,
a extensão d'esta vingança,
que me referve e que avança
em lava ardente no peito!
Oh! vós amais loucamente
vossas esposas queridas!?
pois heis de as ver polluidas
dos meus bandidos no leito!
Heis de as ver no sacrificio
attenuadas, perdidas,

para mim erguendo, em vão,
gritos d'alma e braços nus!
nada as salva do supplicio!
nem Satanaz! nem Jesus!...
Que digam vossos punhaes
se ao entrar num coração,
respeitam prantos ou ais!
se eu posso ter compaixão!...—

—Perdão para as innocentes!—
bradavam os dois algôzes;
pranto e soluços vehementes
truncavam-lhe' as roucas vozes.—
Em nome de vosso pae!
em nome de vosso irmão!
perdão, D. Jayme! perdão!...
Em nome de quanto amais
com sentimento profundo!...
Em nome de vossa filha
que vive ainda no mundo!...—
. . . .

Ouvistes bem a derradeira nota
da harmonia da angustia? que ressumbra
do estalar das cordas d'harpa ignota,
que se desfaz no intimo do seio?!...
Ouvistes bem aquella voz fagueira?...
aquelle nome, pronunciado a custo,

por entre as convulsões do intimo susto,
como esforço final d'extremo anceio,
lampejo de esperança derradeira?!...

. . . .

Que havia de eu fazer?... se o som tão meigo
me achára um coração que eu cria morto!?
e, vara de Moysés, na rocha do ermo,
de prantos innundou meu seio enfermo
que me estancára a dor e o desconforto!?...

Que ha-de fazer um pae, quando lhe juram
restituir-lhe a filha idolatrada!?...
ave implume! sem mãe! desamparada!
sem ninho, que a resguarde ao vento frio!
sem aza, onde se acoite ao sol do estio?!

Que ha-de fazer um pae, sem uma estrella
que lhe guie nas trevas da incerteza
o passo vacillante ao berço d'ella,
a quem jura entregar-lh'a viva e bella!...
Ai!...
Que ha-de fazer um pae!?...

. . . .

Perdoa, como eu perdoei,
dando a vingança por ella;
e a filha da minha Estella
desde esse instante busquei.

Corri doze annos em vão
pelo frio e pela calma,
trazendo o delirio na alma,
e a febre no coração.

Não ha provações mais duras,
nem mais crueis agonias!...
Por crimes, contei meus dias,
e as horas, por amarguras!

cantando coplas d'amores;
trocando nome e vestidos;
já, bandido entre os bandidos;
já pastor entre os pastores.

Vaguei doze annos procurando o mytho
que me alentava a esp'rança,
sem ver um astro nuncio de bonança,
na cerração do temporal desfeito
que me allagava o peito.
Sempre a traição a vigiar-me os passos;
enredando ciladas,
em que eu via escondida a arteira mão
dos perfidos fidalgos d'Aragão;
mas nunca mais os vi,
nesses doze annos que a morrer vivi!...

De longe em longe,
quando a esperança e fé tinha perdidas,

por mãos misteriosas me chegavam
informações mentidas,
que por mais longes terras me levavam.

Tinha meu pae, pobre e louco!
Em cada mez de Janeiro,
do meu escasso dinheiro
lhe ía levar um quinhão.
Era o fructo que eu colhia,
quando nas praças pedia
esmola, por compaixão!
Era o oiro das migalhas,
que ao sacudir das toalhas
os ricos deitam ao chão.
Era um alivio mingoado,
mas era o unico honrado
que eu lhe podia offertar;
dinheiro de crime... não!
Oiro roubado!... esse pobre,
fôra e era muito nobre;
nem m'o podia acceitar,
nem lh'o levava esta mão!

Termino emfim, Vasconcellos:
os meus dois anjos do mal,
deram-me o golpe mortal
perdendo meu pobre irmão!...
. . . .
Perdido!... Todos perdidos!...

Julgae da minha anciedade,
correndo de monte em monte,
e de cidade em cidade!
Farejando, como a féra
que a prêsa algures pressente!
de rôjo, como a serpente!
saltando, como a panthéra!...
Quanto eu daria por vel-os!
por lhe' arrancar as entranhas
trazêl-os pelas Hespanhas
de rastos pelos cabellos!...

Em vasta gruta cavada
num monte junto a *Sevilha,*
onde, por senha ajustada,
me deixava ignota mão
mensagens de meu irmão,
noticias de minha filha,
esta nota encontro emfim;
escutae bem; diz assim:

—D. Jayme d'Aguilar! quando isto lerdes,
seremos já bem longe de Castella.
Se vos queixais de nós por desgraçado,
não tendes que invejar á nossa estrella.
O que fomos, sabeis; agora vêde
o que resta de sortes tão ditosas:
fidalgos sem ter patria!
maridos sem esposas!

E foi vosso rancor quem nos perdeu!...
Sede contente, e vol-o pague o ceo.
Antes de terminar, sabei, D. Jayme,
que vossa filha vive em Portugal,
onde um homem só ha, que tudo sabe,
que vos póde mostrar algum fanal.
Ide a Lisboa, aos Paços da Duqueza;
Perguntae por Miguel de Vasconcellos;
mostrae-lhe a senha que achareis inclusa,
        que tem sello real;
dizei-vos mensageiro de Castella,
com despachos que levam a chancella
        da rubrica ducal.
Entrae afoito sem temer por vós;
achareis recepção franca e leal,
        que o juramos nós.—

. . . .

Cessou a febre um momento;
pensei... achei-me tão só!....
Ai! se nesse desalento
soubessem o meu tormento
as féras, teriam dó!...

Pela cabeça esvaída,
segura nas frias mãos,
vi passar da minha vida
os tristes fantasmas vãos,
como em noite mal dormida!...

Que larga esteira de flores
de tanta esp'rança caida!...
E que cortejo de dores,
em torno á campa esquecida
dos meus tão tristes amores!...

E que deserto infinito!
sem agua, sem flor, sem fructo,
sem brizas e sem verdores!...
Destina-o Deus ao precito,
que nunca vê outras cores
mais, que as do sangue e do lucto!...
. . . .

Vi a traição. Vim procurar a morte,
unico asilo de infortunio tanto!
e vêde bem se desafio a sorte
com labios sem tremor, e olhos sem pranto!

Segunda vez vos imploro
que não tenhais compaixão!
vereis como de meus crimes
faço inteira confissão.
Só dois favores desejo:
o primeiro, entrar contricto
nos penetraes do infinito.
Mandae-me um padre christão.
Depois, senhor, só invejo
um cadafalso gigante,

d'onde no ultimo instante
eu veja as naus do meu Tejo!
que vejam a minha morte,
que saibam a minha historia,
que ao mundo fique a memoria
d'esta tremenda lição.
Que por justiça tamanha,
salvem á honra d'Hespanha
no rebramar do canhão!
Que digam ao mundo inteiro,
que sobre o cepo infamante,
se mata naquelle instante
um reino!... que um homem, não!!
porque o pobre aventureiro,
descontado o seu delirio,
nos horrores do martirio
simbolisa esta nação!»—

Escutára Miguel de Vasconcellos,
attento sempre a narração inteira
de tão penada vida.
Quem sabe o que essa fronte anuviada,
occultava d'imagens tenebrosas,
ao remirar as pustulas cancrosas
que laceram sua alma fratricida?!

Via-se ali, algôz de braço armado,
em nome d'essa Hespanha tão soberba,
a degolar um povo desgraçado,
que nas ancias finaes d'angustia acerba,
poisa no cepo o collo descarnado,
ajunta as frias mãos, e em triste accento
que parece sordir da campa fria,
lhe diz ainda:—Irmão degenerado!
não posso mais sofrer o meu tormento!
acaba-me depressa esta agonia!...—

Ergueu-se em pé:
—«Tinheis razão, D. Jayme!
foi a traição que vos mandou á morte!
Lisboa, é cadafalso! o algôz, sou eu!
eu! filho d'esta terra nobre e forte!
renegado da patria onde nascêra!
maldito d'esta mãe que á luz me deu!...

Lede os mandados que essa Hespanha envia;
por essas mesas os vereis dispersos!...
Heis de tremer de horror!
Vereis que nada a fome lhe sacia;
confiscos, proscripções, prisão, patibulos,
espionagem, traições, tramas perversos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o riso em dor!...

E da immensa hecatomba d'este imperio,
que ha sessenta annos agonisa e morre,
dês que na Africa adusta um pae perdeu,
o Tejo, é-lhe mortalha!
o mar, é cemiterio!
Lisboa, é cadafalso! o algôz, sou eu!...
. . . .
. . . .

Em manhã de aziago dia,
surgi do leito de infante,
ao clamor horripilante
d'um festim de canibaes;
vi meu pae, morto! arrastado
nas ruas d'esta cidade!...
Ninguem viu minha orfandade!
ninguem respeitou meus ais!...

Corri para dar um beijo
no meu venerando espelho;
nesse cadaver d'um velho
coberto de sangue e pó!
Repelliu-me a turba ébria!
porque os meus ais e os meus prantos,
desafinavam dos cantos
d'aquelles peitos sem dó!

Meus braços eram tão debeis..
ir luctar, fôra loucura!
era cair sem ventura,
era morrer sem matar.
Pedi a Deus, já sem prantos,
a vida! embora mofina!
Tinha prescripta uma sina!
Tinha meu pae que vingar!

Vendi corpo e alma á Hespanha!
cumpriram-se os meus anhelos;
de Miguel de Vasconcellos
treme inteira uma nação!
Na cegueira do meu odio
denegri a nossa historia!
Os hymnos da minha gloria
são pragas de maldição!

Não decorei rosto ou nomes
d'esses crueis assassinos!...
no livro dos maus destinos
meu nome escripto já é!
Nas visões do meu delirio,
da minha dor enganado,
vi todo um povo culpado;
toda a nação julguei ré.

Fugir agora?!... Impossivel!
Arbusto amaldiçoado
de tanto sangue regado,
prende no inferno a raiz!
Vós que ledes na minha alma
o meu remorso profundo...
maldiga-me embora o mundo!
vós, não! que sois infeliz!

Agora, essa mão, D. Jayme!
Crê-se a est'hora na Hespanha
que, não por força, por manha,
ruge na jaula um leão!
Já vos preparam golilhas
e cavalletes, e cunhas,
duas nobres testemunhas!...
Dizei quem?!»—
—«Os d'Aragão!»—

—«Adivinhastes! Agora,
d'*Almeida* correi aos muros;
lá se acreditam seguros
contra um odio tão feroz!
Esperam mensagem minha
para saudar-vos na côrte.
Vós sois grato! e d'esta sorte,
honra por honra! ireis vós!»—

CANTO VII

A GUARDA

Leitor: se queres commigo
ver neste nefasto dia,
talvêz a extrema agonia
de D. Jayme d'Aguilar,
deixa o teu lar, se és amigo;
foge dos braços da esposa;
illude a mãe temerosa,
que hemos de á noite marchar.

Emquanto desde o sol-posto,
em magros leitos escassos,
dando vida aos membros lassos
resona a turba aldeã,
o vício descobre o rosto,
e em lupanar infamante
se estorce luxuriante,
até rasgada manhã!

Na aldeia mais preguiçosa,
as scenas mais desregradas,
de crimes não são manchadas;
doidas, são; mas não são más!
Lá, não! por mais virtuosa,
as noites d'uma cidade
encobrem muita maldade!
muitos misterios! Verás!

Junto do baile vistoso,
onde estremadas lindezas
arrastam as almas presas
no seu aereo dançar,
contraste ao riso amoroso,
(á dor inhumano insulto!)
jaz cadaver insepulto,
e os orfãos a suspirar!

Aqui se esconde uma sombra;
ali se furtam amores;
áquem se pranteiam dores;
um grupo segreda álem.
Por sobre o arminho da alfombra,
da virgem se entra na estancia!...
É tarde e longa a distancia;
se queres, amigo, vem.

No cimo de monte inhospito,
junto da nevada *Estrella,*
se ergue uma cidade. É nella
que vamos, leitor, entrar.
É *fria,* ventosa e humida,
feia, denegrida e *forte,*
que o reino, contra a má sorte,
era obrigada a *guardar.*

Por isso é GUARDA o seu nome;
pois sempre voltada á Hespanha,
de pé, na sua montanha,
a espia no seu lidar.
É hoje, rotos os muros,
veterano sem guarita,
já sem farda e sem marmita,
mas firme sempre a *guardar!*

Nos annos da nossa historia,
era mais triste e mais pobre;
mas sempre leal e nobre,
não quiz a face voltar.
O mais valente guerreiro
póde morrer na peleja;
mas veja a morte ou não veja,
ha-de o seu posto *guardar*.

Durante a quadra invernosa,
gelos dos tectos pendentes,
simelham lustres luzentes,
que o sol desfaz a brincar;
tal se vê cristalisado
crespo bigode guerreiro,
apoz noite de Janeiro,
toda velada a *guardar*.

Leitor: eu entro sósinho;
serve-me aqui de atalaia;
espera-me á *Cruz da faia*,
que tudo te hei-de contar.
Eu, que não temo as *cochilas*
dos *Chicos* de Andaluzia,
sou comtigo em vindo o dia,
e a *Guarda* me ha-de *guardar*.

Toda a Hespanha em romaria
visitava Portugal.
Nessa noite, a Andaluzia
na Guarda fez arraial;
Granada estava no Algarve,
e Biscaia em Traz-os-montes,
vendo as selvas encantadas,
pela astucia conquistadas,
e os vergeis, e o sol, e as fontes!
Pois quem não vai visitar
seus jardins á beira-mar?!

Corria a noite, acordada
de ruidosa confusão;
o velho, a moça, o pimpão,
a redondinha creada,
tudo fazia arraial,
naquella noite de festa,
naquella noite fatal!
Ia e vinha, linda e lesta,
a voadora andaluza,
repicando a castanhola,
ora amorosa, ora esquiva,
ao som da meiga viola,
e do lascivo pandeiro.

Em pontas de pés, ligeiro,
dançava airosa *gavota*

leve sevilhano arteiro,
que toda a terra alvorota,
com seus borzeguins bordados
de floreado matiz.
Com cinturão d'anta e seda
coberto d'aureos franjados,
por que morre a filha leda,
mas que o pae e a mãe maldiz!
Com jaqueta sevilhana
ramalhada de velludo,
lenço de seda indiana;
por desleixo, ou por estudo,
caído atraz o chapeo,
typo altivo, sobranceiro,
ideal das morenitas...
tal o amavam as *Chiquitas,*
tal o achei dançando, eu.

em torno d'elle, giravam
portuguezas fascinadas,
querendo ser encontradas
por seus olhos negrejantes!
E elle, vendo que o amavam,
um rir de conquistador
espargia em derredor!
e a seus seios palpitantes,
mandava beijos d'amor!
e a dança mais se accendia,

crescendo mais o arraial
naquella noite fatal!

Os paes, já mandam que as filhas
entrem nas suas moradas;
e os filhos de Portugal,
davam convulsas risadas,
vendo aquelle ar zombeteiro,
com que um ladrão estrangeiro
roubava as suas amadas!
Sobre esses seios tão bellos,
chegando a pôr mão profana!...
E aos ciumes do *serrano,*
respondia o castelhano
co'a longa *cuchila* aberta
migando o amigo cigarro!
traçando-a depois nos dentes,
e atirando aos insolentes
o mais insolente olhar!
ferindo lume ao pé d'ellas,
e com chibante descaro
assoprando fumo ás bellas!...
volvendo logo a dançar,
como quem póde, e não quer!...
E o rancho dos portuguezes,
ficou pallido a tremer!...
Não que de medo estremeça!
mas arrepella a cabeça,

e tristemente a sacode...
como quem quer, e não póde!

Alguns vi, menos ciosos,
dançar ali, requebrados,
entretidos, amorosos,
delirantes, enleados
em longa trança hespanhola;
e a rosa d'Andaluzia
repicando a castanhola,
dar-lhe em troca os seus cuidados,
seu amor, sua poesia,
naquella noite fatal
de tão vistoso arraial,
de tão bizarra harmonia!
Vi os outros, murmurando
da imprudente sympathia!...
Não sei se tinham razão.
Conhece bem a magia
da lindeza, o coração!...
Quem fica frio ao condão
d'um longo olhar andaluz,
como o sol que o alumia
cheio de fogo e de luz!?...

Se eu ali não fôra espia...
nem eu sei o que faria!

E fui pensado commigo,
que entre Hespanha e Portugal
não havia um peito amigo
em todo aquelle arraial!
porque o fel d'um odio antigo,
amarga e queima! é fatal!

Quando o amigo traiçoeiro,
com ademan carinhoso,
passeia o nosso quintal,
se aquece ao nosso braseiro,
e alta noite, farto e quente,
se transforma de repente
em nocturno salteador,
o seu inerme hospedeiro
dá-lhe a rir o seu dinheiro,
suas baixellas de prata...
mas logo que póde, mata!

. . . .

. . . .

Entre Hespanha e Portugal
fica este marco fatal!

Junto ao velho pellourinho,
cruzavam-se os embuçados,

attentos, preoccupados...
e eu, seguia o meu caminho
protegido pelo escuro;
roçando num pardo muro
meu capote lusitano;
ouvi um leve susurro...
fiquei suspenso! parei!...
Era um concerto inhumano
de dois Syllas sanguinarios,
um Catilina e dois Marios;
que cinco vultos contei.

Quem era o desventurado,
que lhes dava tal cuidado,
que assim diziam:
—«Se o vi,
hoje as *Limpas de S. Paio*
atravessar como um raio,
bem vestido e bem montado,
caminho de *Celorico!*»—
—«D. João, que te enganaste!
hontem inda, o criminoso
passava em tortas muletas
pelas ruas de *Trancoso,*
tolhido e roto, a pedir!»—
—«Não ha tres dias, na Hespanha
se encontrou o aventureiro!—
exclamava em voz roufenha
o decano dos Gollias.—

Não póde ser em tres dias
heroe de tanta façanha.»—
—«Como sois prudente e arteiro,
Senhor D. Luiz! pois bem;
vou contar-vos uma historia
em que todos podeis crer,
mas que eu não posso entender!
Hoje á tarde... ao lusco-fusco...
(Inda tem pejo a memoria
de a receber por verdade!...)
fui sentar-me de atalaia
nas guardas do *Miradouro*.
Cortejou-me um viajante
a pé. Tornei a encontrál-o
quando vinha á *Cruz da faia*,
mas, bem vestido, e a cavallo!...
Comprimentou-me e partiu
a toda a brida!... Pasmei!
Inda o vi, mas não me viu,
já perto do *chafariz*,
abraçando as aguadeiras
co'as mais torcidas maneiras,
do mais esquerdo aldeão!...
ia diante de mim,
perdeu-se na escuridão!
Eu vinha, pois aturdido,
e na mais louca anciedade
quando ás portas da cidade
a mesma voz e outros trajos

se me apresentam diante!
Todo coberto d'andrajos,
mostra a vazia sacola,
estende a mão, pede esmola!
Tremi, benzi-me e rezei!
pois vi-o em menos d'um'hora:
cavalleiro, —caminhante,—
galanteador, —mendicante!!—
E duvidei muita vez,
e a mim mesmo perguntei:
Seriam quatro?!... talvez!...
Seria o mesmo?... não sei!»—
—«Os seus signaes?»—
—«Porte, airoso;
barba, longa; testa, larga;
tisnado o rosto rugoso;
grisalhos cabello e barba;
figura de meia edade.»—
—«É elle!—gritaram todos;—
e dorme nesta cidade!?»—
—«Talvez por fatalidade
nos oiça agora fallar!»—

Eu, que ouvira todos, tudo,
fui traje e rosto apalpar;
fiquei de pé, quedo e mudo,
mas fallava o coração
em convulsivo arquejar!

De mais, entrava commigo
de volta, a superstição!...
Ao poeta o ceo amigo,
nada lhe quiz occultar
nas horas em que medita!...
Por um singular condão,
transforma-se, e tudo imita!...
é ente cosmopolita,
que não tem patria, nem lar!...
Não tem épocas na vida;
todo o tempo é seu presente;
que em seu eterno scismar,
não sei porque alta magia,
casa a historia á profecia!
que tudo vê, tudo sente!!
Sejam prova d'este encanto,
estes versos, este canto.
Quem troca o presente seculo
pelo de mil e seiscentos,
e numa noite d'outono
troca o domestico sono
por um presago arraial,
só por ver odios ciumentos
entre Hespanha e Portugal,
e diz que viu, como eu vi,
e que amou, como eu amei,
num tempo em que não vivi,
uns labios que não beijei,
não póde levar a mal

que o mesmo condão fatal,
o faça no mesmo dia:
cavalleiro, — caminhante, —
galanteador, — mendicante! —
E fosse ou não valentia,
os embuçados deixei,
fui-me escoando, e marchei.

Que negros os muros da Sé, carcomidos!
Que torres tão juntas do adito ao pé!
Imagem do afflicto, co'os braços erguidos,
tentando amparar-se... num raio de fé!

A porta do templo, que dizem mesquinha,
é boca de virgem, que ás festas do altar
convida a virtude, dizendo-lhe: — És minha!
Deus quer-te. — E á soberba: não pódes entrar!... —

Ó Sé! Deus te salve na tua montanha!
perfeito retrato do meu Portugal!
Teus muros, de negro! de galas a Hespanha!
lá dentro, silencio! cá fóra, arraial!
. . . .

Nas costas do templo busquei avenida,
que alfim me levasse, ao campo, á soidão;
achei-a tremenda! de horrores vestida!...
Sumi-me nas trevas, medi-lhe a extensão.

É rua medonha! tão negra! tão fria!
correndo ao direito co'as naves da Sé,
que assim a deshoras, por noite sombria,
jámais ouviu ecos de timido pé!

No fim, negra torre lhe guarda a passagem,
com duas entradas, com quatro cunhaes.
Outr'ora, atalaia guardando a menagem!
Agora... só musgo, morcegos, pardaes!

Aqui se projecta mortiça luzerna!...
Que estrepito é esse! que a casa tremeu?!...
Fiquei-me suspenso!... Cheguei-me á taberna!
Lá dentro!... Lá dentro!... Jesus!... que vi eu?!...

CANTO VIII

O ÉBRIO

Dentro no antro escuro, na habitação do vicio,
a noite, inda mais negra que as nuvens da tormenta,
cobre as mortiças vascas da luz amarellenta,
que ondeia crepitando, suspensa ao velador!
Vejo empunhando as taças, em torno á mesa esqualida
tres vultos, que se movem da luz aos movimentos;
cantam nefandas trovas, e os lubricos accentos,
as trevas e o silencio, lhe escutam derredor!

Era a suprema orgia em sua imagem sordida!
a furna arremedando o templo das bacchantes!
falsos galões por oiro, e vidros por brilhantes!
palco sem perspectiva, e bastidores nus!
Eram as fezes vís da saturnal esplendida!
de tapetes de arminho e leitos de brocados!
de candelabros, d'oiro e prata floreados,
em prismas de cristal repercutindo a luz!

Que sonhos, que a mente sonhára tão placidos,
que risos, tão cheios d'amor e ternura,
que fundos anhelos de extensa ventura,
que seiva, tão rica, de nobres paixões,
se tisnam, se crestam, no fumo da crápula!
se arrastam, se immumdam, do vicio no lodo!
se prendem, se algemam, da orgia no engodo,
ao poste infamante dos torpes balcões!...

E que amores encontra no prostibulo
o peito juvenil, d'amor sedento!
que a passo incerto, duvidoso e lento
lhe entrar a vez primeira o limiar!...
Nos mares do equador, sedento naufrago,
um gôlo de agua doce ás ondas péde!
e longos tragos sorve, e morre... á sêde!
á força de beber agua do mar!

E que rosas postiças! e que ancias,
de carinhos que escondem bocejos!
Que preguiça d'abraços!... que beijos,
que arrefecem da face o calor!...
E no rosto, que manchas tao lividas!
e que oppressos que os peitos não gemem!
e que roxos que os labios não tremem
a dizer torpes frazes d'amor!

A vida é o mar: luzes fosforicas
á tôna d'agua; mil bandeiras
ao norte e ao sul; d'auras ligeiras,
do mar á flor, bando subtil.
Debaixo, occultos, monstros horridos;
odios mortaes, sangrentas guerras;
abaixo mais, rochas e serras;
e em todo o fundo, o lodo vil!...

Ai! que profundos misterios
envolvem a negra vida,
da triste mulher perdida,
que ali se gasta a morrer!
Á historia dos suicidios,
quantas lendas singulares,
se furtam nos lupanares
onde é punhal... o prazer!...

Quem sabe que martirios
o rosto mais sereno
no lubrico veneno
vai afogar ali!...
Quem sabe que miseria,
que extremo d'agonia,
no fumo d'uma orgia
se esconde... até de si!...

Quem julga os indomitos
motejos da sorte,
sem ver mais que o norte
dos sonhos que tem,
é julgador perfido
nas penas que escreve;
não póde, não deve,
sorrir de ninguem!

Ao nauta placido,
póde um momento
de mar e vento
trazer a dor;
fazêl-o naufrago!
e num desmaio,
a luz do raio
mudar-lhe a cor.

Almas impias!
Risos tredos!
dos segredos
d'ancias taes,
fugi! ide-vos!
estas scenas
querem penas,
pranto e ais!

Os reprobos
do inferno,
no eterno
'stertor,
nas furias
diuturnas,
das furnas
da dor,

martires
taes,
são.
Miseros
mais,
não,

—«Mais vinho! que e sangue virgem!
Mais vinho! que o pago eu!
se o vinho nos abre o inferno,
primeiro nos mostra o ceo!
É temporal na bonança!
calmaria no escarceo!

volcão a escaldar o gelo!
gelo a refrescar o ardor!
é vida que desce á campa!
é prazer que esmaga a dor!
dá sol, á noite da vida,
e febre aos beijos d'amor!

Eu quero a eterna vertigem!
não quero ter outro ceo!
nem ha fogo mais brilhante,
nem ha melhor Prometheu!...
Mais vinho! que é sangue virgem!
Mais vinho! que o pago eu!...

Canta, Isabel! vê se acalmas
a minha angustia!... Leonor!
tens o teu peito gelado?!
requeima-o! dá-lhe calor!
Beijae-me, bustos de Aspasias!
Bebei, adelas do amor!...

Que amor!... De sofregos beijos,
oh! que faminta avidez!...
Se Deus no ceo me dissera
que a não veria outra vez,
trocára o ceo de bom grado
pela perpetua embriaguez!!...

Ai!... O amor que me arrancaram
levou sangue na raiz!...
Leonor!... porque descóras?!...
Isabel!... porque não ris?!
Alevantae-vos, cadaveres!
Bebei alento, almas vís!

Eu não vos peço delirios;
bem sei que os não podeis dar!
A mulher, esmaga-a o vicio,
mas fica a artista a reinar!
Artistas! fingi d'amantes!
É vosso officio... enganar!

Quem os labios pudibundos
beijou, de casta mulher,
sem se vingar dos algôzes
que lh'a fizeram morrer,
só na orgia, só no crime,
póde beijar... e viver!...

Nós já não somos do mundo;
nosso peito, é frio e vão!
e não tem preço na terra,
um peito sem coração!...
Que val a extincta cratéra,
berço e tumba d'um volcão?!...

Nós somos tres epitafios
que ninguem sabe entender.
Somos tres fórmas de gelo
que se não póde aquecer!
que o fogo tudo aviventa!
menos o gelo! mulher!

Eia! o fogo que bebemos
Não repassa o gelo em vão!
e neste momento extremo
nos manda a gasta razão,
que o fogo de nossos beijos
complete a dissolução!»—

E os cantares libertinos
d'esses monstros femininos,
e esses timbres argentinos
temp'rados na bacchanal,
e as risadas que se ouviam,

e os copos que se partiam,
e os beijos que retiniam...
era um concerto infernal!

. . . .

Era um tripudio vil! Não tinham brios,
nem instinctos, nem sangue, nem razão.
Do vicio os libertinos desvarios,
mataram-lhes no peito o coração!

Vêde o retrato do ébrio: Era formoso!
inda a estatura esbelta! inda viril!
seu rosto requeimado, era rugoso;
mas altivo, mas nobre, o seu perfil!

A testa, longa, larga, e descaida!
d'alto pensar, altivo mausoleu!
Crespo, o cabello! a vista amortecida!...
Vêde se o conheceis tão bem como eu!...

—Foge á sanha feroz dos embuçados!
todas suas pesquizas são por ti!
És n'est'hora fatal os seus cuidados!
Tens a cabeça a preço, e estás aqui?!

Mal sabes que ao sair d'este prostibulo,
talvez te arraste o algôz, peáda rêz!
pelos degraus sangrentos do patibulo,
que espera mais um nobre portuguez!

Lava da face esses vendidos beijos!
oh! corre! foge! sem atraz volver!
Vai a vida na fuga!...—Ai! vãos desejos!
eil-o assentado á mesa! eil-o a beber!!

—«Mais vinho! que a noite é bella!
E agora, minha Guiomar,
quero-te ver ao pé de mim sentar.
Vejo-te o pranto a borbulhar nos olhos!...
Porque choras, mulher?! Não vês a vida...
toda emprestada, sim! mas sem abrolhos,
que passamos! ó flor emmurchecida?!

Choras talvez, porque os sonhos
sonhados na meninice,
que te agoiravam, risonhos,
tudo amor, tudo meiguice,
por fim, Guiomar, eram sonhos,
que a tua estrella desdisse?!...

Ai! linda Guiomar!

Não és só tu a illudida
na seducção do sonhar;
ha tanta rosa envolvida
na immunda vasa do mar!...
Ha tanta virgem traida!...
Ha tanta vida a penar!...

Não chores, Guiomar!

Tu presenceias a orgia
sem lhe provar a doçura?!...
D'esta fonte d'alegria
sai o elixir da ventura!
Ama e bebe, estatua fria;
vende ao mundo a formosura...

Tu córas, Guiomar?

Assomos de santidade
nas trevas d'um lupanar!...
Ninguem crê na castidade
que tanto queres guardar!
Oh! como ríra a cidade,
se visse o teu soluçar!!

Escuta, Guiomar!

Has-de ter ricos vestidos,
e topazios, e diamantes;
verás teus mimos vendidos
por preços exorbitantes!...
Que val o rei dos maridos
ao pé d'um reino d'amantes?!...

Louquinha Guiomar!

Amor é isto!... Esses pejos,
fazem-te as faces murchar!...
Proclama um leilão de beijos!
que eu vou... vai tudo lançar!...
Quem compra a matar desejos,
primeiro deve provar...

Não fujas, Guiomar!

Olha que tenho captiva
a trança dos teus cabellos!
Se luctas á força viva,
serão baldados anhelos!...»—
E ella, amedrontada, esquiva,
volveu-lhe uns olhos tão bellos!...

a linda Guiomar!

como a rêz que ao carniceiro
diz:—porque me vais matar?!—
que o seu olhar feiticeiro
falla mais que outro fallar!
E ella, olhando o aventureiro,
não poude mais que chorar!...

a pomba Guiomar!...

. . . .
. . . .

Quem era a donzella candida
que andava a mesa a servir?
que ficou presa do ébrio,
tentando ao crime fugir?
que, volvendo olhos tão tristes,
disse tanto em seu olhar?
que em vez de pudícas iras
se defendia... a chorar?!
Era um retrato da Virgem
pendente num lupanar.
Quem, junto a tanta negrura,
não tem visto a Virgem pura?!

Lá preside, triste e muda,
do crime ao torpe leilão,
como estrella que scintilla
do vicio na cerração!
Anjo bom da peccadora,
pedindo-lhe o coração;
sempre volvendo-lhe os olhos,
sempre estendendo-lhe a mão!

Ao ver o quadro da Virgem
no antro da corrupção,
não exclameis:—impiedade!—
curvae-vos á devoção!

Direis, bem sei, que o devasso,
ébrio da lascivia e vinho,

ao vel-A no seu caminho,
d'Ella escarnece! e eu já vi!
que ao dizer-lhe:—Virgem pura!—
com ironia d'alcunha,
A chama por testemunha
dos seus folguedos, e ri!

Mas não sabeis entender
um coração de mulher!
Ante esse quadro a perdida,
mata a fome e ganha a vida...
e reza de arrependida,
porque é peccado o viver!
Tal era a linda Guiomar,
a virgem do lupanar.

Ao sentir-se presa, a triste,
e ao dar um grito de dor,
ouviu risadas e palmas
de Isabel e de Leonor;
mas quando viram seus prantos
caindo tantos e tantos
sobre as rosas do pudor,
volveu-lhes o viço ás almas,
bradaram cheias d'amor:

—«Deixae a triste, deixae!
bem basta á pobre menina
não conhecer mãe, nem pae!»—

Foi livre a trança! Nas feições o ébrio
as linhas todas carregou! franziu!...
—«Não tinha paes aquella pomba candida!...»—
E a fronte livida entre as mãos sumiu!...

. . . .

—Viver na terra, engeitada,
tendo por patria um deserto!...
Folha erguida na rajada
de vento abrasado! incerto!...
Não conhecer mãe, nem pae!...
Ai!...
Ser o seu berço d'infancia,
d'affectos campa mortuaria!...
Ver morrer viço e fragancia
como a rosa solitaria!...
Não conhecer mãe, nem pae!...
Ai!...
Quanta vez a horas mortas,
rêz votada ao sacrificio,
vai bater do alcoice ás portas
a filha do amor... do vicio!
como á casa de seu pae!...
Ai!...
Branca roseira plantada
num tão exposto canteiro,
onde te cresta a geada
d'um tão escuro Janeiro

sem calor de mãe, nem pae!...
Ai!...
O rio, é filho da serra!...
do musgo, é pae o granito!...
as plantas, nascem da terra!...
as estrellas, do infinito!...
Só tu não tens mãe, nem pae!...
Ai!...
Que tristeza! que supplicio
é perguntar num deserto:
—O meu tecto natalicio
onde estará?... longe, ou perto?!...—
sem responder mãe, nem pae!...

Ai! que é nefanda villeza
ir á choça da orfandade
negociar com a pobreza
a compra da castidade!...
Basta não ter mãe, nem pae!...

Ai! ao ricasso orgulhoso,
que ao ver a pobre, caída,
não levantar caridoso
a virgem desprotegida...
ai!...
Deus lhe não dê mãe, nem pae!...—

Emquanto o ébrio na afogueada mente,
=ais=concebia, que resumem vidas,
vendo acordado o coração dormente,
lagrimas longas derramou sentidas.

É que ao precito a quem o ceo é mudo,
bastardo filho de madrasta sorte,
sómente a inercia póde ser-lhe escudo!
o gelo, é vida! o coração, é morte!

Por isso o ébrio chorava
pranto que lhe embarga a voz,
pois redivivo encontrava
o seu mais tremendo algôz!

Volviam com elle á vida
saudades que ali guardava;
e cada uma lhe lembrava
por quanto lhe foi vendida!

Eram seus crimes em calma,
e tudo um'hora acordou!
Restava-lhe o sono d'alma,
e nem a inercia ficou!

nem ella! a mortalha fria
de seus remorsos ferozes,
que de novo como algôzes
giram ante elle á porfia!...

Filhos! ao homem perdido
todo o crime perdoae!
de nobre, fez-se bandido;
mas antes disso foi pae!...

D'onde lhe veiu esse medo
da trança liza e doirada
de Guiomar a engeitada?!...
Que elle o diga, se é segredo.

Quando os olhos ergueu... Pasmae do quadro
que nos seus olhos vi!
A lucta que em seu peito se empenhava,
reflectia-se ali!

Um mar de prantos trasbordando em lagrimas,
a vista lhe toldou!
e um fogo estranho que lhe cresta as palpebras,
no pranto se inflammou!...

. . . .
. . . .

O fogo d'este incendio
não póde eterno ser!
o crime e a penitencia,
como hão-de assim viver?!...

Quando um celeste espirito
acorda um coração,
ha-de o infernal imperio
amortalhal-o?... Não!

Purgue-se uma existencia!
quebre-se a mão fatal!
chora, bondoso espirito!
abrasa, anjo do mal!

Deus de suprema gloria!
por tua santa cruz!
na extrema lucta anima-o!
Qual vencerá?... Jesus!...
. . . .

E agora que é febre o corpo,
que é delirio essa razão,
deixae que estue e trasborde
esse eivado coração!
e no seu fallar discorde,
no seu chorar, no seu rir,
vereis o fogo, no pranto
crescer, luctar, succumbir!

—«Guiomar! nas vinhas do inferno
dá-se este vinho de fogo
que tu me déste a beber!...

Dissolve-se em chammas! Distilla-se em pranto!...
E tremo... e pranteio!... Maldito quebranto!...
O fogo a queimar-me!... O pranto a correr!...
Pois nunca chorei, mulher!
e esta fraqueza fatal
que eu te não posso esconder,
vem d'algum filtro infernal
que tu me déste a beber!
Por quanto comprou Castella
teus escrupulos, Guiomar?!
Por quanto acceitaste d'ella
o encargo de envenenar
um portuguez, teu irmão!...
teu pae talvez! engeitada!
que entrou na tua poisada
a comprar vinho...»—

—«Oh! mais, não!—
Bradava em prantos Guiomar.—
Falla por mim, coração!
que eu não sei senão chorar!
Triste de mim!... Eu!... matar!...
Mal de vós que padeceis
alguma pena cruel!
Ai! se a engeitada podéra
trocar vosso pranto em riso,
e a vossa amargura em mel,
aos anjos do paraiso
quantas graças não rendêra!...»—

E calou-se, e chorou.
Breve foi o silencio, que em soluços
sómente se quebrou;
e pausado, e solemne, apoz instantes,
o ébrio assim fallou:

—«Padeço muito! É tremendo
o peso da minha cruz;
e bem quizera morrendo
ver noutra vida, outra luz,
se a mente me não dissesse,
que apoz affrontosa morte
me cabe o inferno por sorte;
pois que o mundo me não deu
para luz da minha vida
nem uma esp'rança querida,
nem a descrença do atheu!...

Nesta vida pois, que accendo
com fogo que não dá luz,
o peso da minha cruz,
sem um calvario, é tremendo!
Onde ha mais infausta sorte,
aspiração mais mentida,
que o ter que fugir da vida
sem querer topar co'a morte?!...
. . . .
Que te disse eu?... Insultei-te,
pobresinha?!...

A culpa dos meus insultos
foi da desgraça, e não minha!

Foi de quem teve por timbre
o nome de=portuguez!=
e vê calcar honra e nome,
dos seus tyranos aos pés!

Foi de quem deu seus amores
a uma virgem de Castella;
e viu sumir-se entre horrores
o brilho da sua estrella.

Foi de quem tinha esperança
nos brios de seu irmão,
e o viu fugir deshonrado!...
elle! o trovador soldado!
victima! a nobre creança,
d'uma covarde traição!...

Foi de quem ama um pae nobre,
nobre de sangue e nação,
e o vê morrer louco e pobre,
corrido, como um villão!
Sem que possa ir afagál-o
no seu derradeiro ai!...
sem lhe poder ser bom filho,
como elle fôra bom pae!...

. . . .

Correi, meus prantos de fogo!
Estala, meu coração!
Já agora nesta existencia
não ha treguas nem perdão!...»—

. . . .

Chorava a suffocar! As barbas longas
embebiam-lhe o pranto em borbotões;
e de luzentes perlas semeadas,
mais alvejavam já; mais cãs se viam!
Dissereis que dez annos de existencia,
em não mais que um minuto lhe fugiram.
Cavaram-se-lhes as faces; longas rugas,
mais se alongaram já; os olhos fundos,
mais fugiram, cercando-se de negro,
lucto que o muro veste, apoz o incendio.

. . . .

Ergueu bem alto a cabeça,
e tudo em roda mirou;
e um sorriso de despreso
dos seccos labios soltou.

As tres mulheres olharam-no
pasmadas de tal sorrir!...
Tomou pela mão Guiomar,
fez-lhe signal de sair.

Depois, carrancudo e pallido,
volveu torvo olhar d'horror
para os rostos macerados
de Isabel e de Leonor!

Apoz breves instantes, disse o ébrio:
—«Olhae bem para mim!»—
Ellas olharam espantadas... timidas...
e fallaram assim:

—«Que me dizeis, conheceis-me?»
—«Nós?... certamente, senhor!»—
—«Porque abres tanto os teus olhos?
sei que são bellos, Leonor!
Tu, donairosa Isabel,
por que os abaixas? cruel!
fita-os sem vergonha em mim!...
Vamos! estais assustadas
de me ouvir; não é assim?»—
—«Certo, senhor; bem mudado
vos encontramos, ao cabo
d'um só anno mais na edade!»—
—«Mudado em tudo! é verdade.
Por vós mesmas vai ser verificado,
esse, que ides chamar meu novo estado.

Lembrais-vos do meu nome?»—
—«Se lembramos!
sois Alvaro Correa d'Aragão.»—

—«Enganais-vos; sou Pedro, o tecelão.»—
—«Porém ereis...»—
—«Que importa hoje o que eu era?
Hoje que val, o que ámanhã serei?
Não fulge eterna a luz da primavera,
por que eu nem sempre flores encontrei.
Foi esse nome, sim, meu adoptivo;
muito por illustrál-o trabalhei;
mas elle, o desleal! atraiçoou-me!...
por notavel de mais o dispensei.

D'onde venho! sabeis?»—
—«Vindes da Hespanha...»—
—«Inda um erro fatal! venho do Minho.»—
—«Quando entrastes aqui...»—
—«Vinha da Hespanha,
mas já mudei de plano e de caminho.

Que faço eu nestas terras?»—
—«Viajais.»—
—«Sim; Alvaro Correa d'Aragão
viajava, e com rendas colossaes,
é verdade; mas Pedro, o tecelão,
anda a vender tecidos; nada mais.

Vejo que vos confunde a minha historia;
achareis nesta bolsa a explicação.
É um presente d'oiro, raparigas,
que, venerando relações antigas,

vos envia Correa d'Aragão,
por seu creado Pedro, o tecelão.

Ouvi-me agora bem! Eu sou... alcaide,
e como tal vos dou voz de prisão:
—Senhoritas, dizei-me: a noite finda
com quem passastes vós todo o serão?»—
—«'Nhor alcaide, com Pedro, o tecelão.»—
—«De que parte traz elle o seu caminho?»—
—«D'além do rio Douro... ah! sim: do Minho.»—
—«Onde vai?... (Visitar Castello Branco).»—
—«Diz elle que vai ver Castello Branco.»—
—«Sim?!..Logo, anda em viagem..de recreio?..»—
—«Vejo que, como nós, vos enganais;
elle anda a procurar o melhor meio
de vender seus tecidos; nada mais.»—

—«Bem! muito bem! minhas flores!
sabeis a vossa lição;
ide-vos pois, e lembrai-vos
de como eu pago um segredo!
sem deslembrar em má hora,
como eu vingo uma traição!
Seja eu frade, ou foragído,
ou mendicante, ou ladrão,
sei arrancar qualquer lingua!
sei decepar qualquer mão!
Tem bacamarte o bandido;
o frade, uns pós de condão;

traz um punhal o mendigo;
traz um cajado o aldeão.
Tem Pedro uns olhos de lince;
redes tece o tecelão;
tem ouvidos amestrados...
valente... prodiga mão,
que espalha ricos thesoiros
do grão senhor d'Aragão!
Ide-vos pois!...»—

E sairam
tenteando a escuridão.

Eu, que estava attento ali,
quando a porta se fechou,
estas palavras ouvi
que uma á outra segredou:

—«Tu entendeste os misterios
com que elle vem d'esta vez?»—
—«Eu nunca o vi possuido
de tão formal embriaguez!»—

—«Nem eu.»—
—«Que bizarra vida!...»—
—«Mas tem horrendo segredo!»—
—«Que bem que elle paga as noites!»—
—«Ai!... que pena! ir-se tão cedo!»—

CANTO IX

EMFIM!

Junto a mesa carunchosa,
assentados par a par,
conversavam d'esta sorte
D. Jayme e a linda Guiomar:

—«Senhor! que póde importar-vos
a minha mofina historia?
truncada folha d'um livro...
trecho d'avulsa memoria!?»—

—«Não temas, anjo! Sou homem!
não vás o ébrio evocar!
Prendeu-me a tua magia!
só tu me viste chorar!...

*

Estrella de mago influxo,
que vens fulgir ao perdido;
que vens avivar lembranças,
que nunca me quiz o olvido!

Se és anjo por Deus mandado
para meus passos guiar,
abre esses labios avaros!...
Oh! falla!... por Deus! Guiomar!»—

—«Senhor! na terra mesquinha,
entre muita vida amena,
ha sortes... que fazem pena!...
pois uma d'estas, foi minha!

Nunca maldisse meus paes
por vida me haverem dado!...
Achei tanto desgraçado!...
tanta mulher dando ais!...

Quem sabe se nesse bando
os achei desconhecidos?...
Quem sabe se arrependidos,
estavam por mim penando?!

Por nascer, não mereci
a meus paes tão feia sorte!...
Creio até que a avara morte
m'os roubou quando eu nasci!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Visitastes algum dia
em *Vizeu* a antiga *Cava?*
e um casebre que alvejava,
que ao pé do fosso jazia?...

Um padre que ali morou,
ao romper d'alva em Janeiro,
junto ao tronco d'um olmeiro,
gelada e roxa me achou!

Folhagem que o vento espalha,
meu terreo berço cobria;
e a camisa que eu vestia,
era enxoval... e mortalha!

roseira solta no pó!
desarreigada na leiva!
sem ter de meu outra seiva
mais, do que a do orvalho só,

volvi á vida. O bom velho,
espelho de desenganos,
deu-me por mais de dez annos,
amor, amparo e conselho.

Cresci, creei-me... vivi!
Fui ledora, e costureira,
e lavradora, e ceifeira;
bem nova tudo aprendi!

As minhas visões formosas,
meu rezar, minha leitura,
minha alvissima costura,
fadiga, cantos e rosas,

dia aziago me perdeu!
Meu pae doente, ao sol-posto
rogando o livido rosto,
por mim chorando, morreu!

E andorinha peregrina
no mundo, só! desgarrada!...
tinha de ser engeitada!...
Paciencia! Era uma sina!

Tão longe esta crença vai,
firmada no meu destino,
que se algum dia o mofino
me deparasse meu pae,

bradára a elle abraçada:
—Por Deus, pae! segue outro norte!
foge de mim, que dou morte!
tenho de ser engeitada!—

O que depois se passou,
enchia mais d'uma vida!
fui pobre... andei foragida,
cheguei aqui, e aqui estou.

Pois vossa bondade alcança
a ter dó do meu tormento,
vou ler-vos um testamento,
mostrar-vos a minha herança.

Tinha um legado de horror
sobreposto ao meu vestido!
e na camisa escondido,
outro legado de amor.

Do testamento cruel,
ouvi a lettra fiel:

—Filha de incesto amor! prole do crime!
terás por tecto, os braços d'este olmeiro!
amor que o ser te deu, já não te exime
d'este tremendo trance derradeiro!
sob este ceo de gelo que te opprime,
não vencerás a noite de Janeiro;
não tens que agradecer a caridade,
que sem baptismo vais á eternidade!

Morres! filha de nobres! sem nobreza,
por não seres pasquino vergonhoso!
morres! filha de ricos! na pobreza,
tendo por só amparo, um tronco annozo!
por berço, as rôxas hervas da deveza!
por cantos, o silvar do vento iroso!
e em vez do salutar leite materno,
gelido orvalho, lagrimas do inverno!»—

Não duvidava mais
D. Jayme d'Aguilar!
desfeito em pranto e ais
colhe a filha nos braços,
e diz-lhe a soluçar
entre beijos e abraços:

—«Filha! filha!... em fim és minha!
só minha! de mais ninguem!
deixa-me ver os teus olhos
as roxas orlas que tem!...
a tua boca!... o teu riso!!...
Adeus, caminhos d'abrolhos!
achei-te, meu paraiso!
Deus! Meu Deus! eu creio em ti!!...
Olha-me bem, filha minha;
repara que sou teu pae!

Deus ha-de-me perdoar,
por que os teus prantos não vi
quando entrei nesta poisada!
Perdoa-me tu, Guiomar!
Tens sido tão malfadada!...
Ai!............
E eu vim agravar teus males!...
Se tinha a mente abrasada,
e a dormir o coração!
Embriagado! pobre filha!...
Vê bem a fatalidade
d'este martirio sem nome!...
olha o que faz a miseria!...
a fome, Guiomar! a fome!...
ai, minha pobre razão!...
Perdoa, filha! perdoa
a teu pae! que a toda a parte,
noite e dia, a procurar-te
correu doze annos em vão!...
Esse escripto de demonios,
é de teus tios, Guiomar!
infames! que te insultavam!
covardes! sem te matar!...
dando-te lenta agonia
por uma noite tão fria!...
hei-de matal-os, Guiomar!
Ámanhã serei com elles
dentro das velhas muralhas
da nobre praça d'*Almeida!*

Matavam-te sem baptismo?...
hei-de enterral-os no fosso,
sem responsos, nem mortalhas!!

Nunca tu sonhes as penas
que eu tenho sofrido! Oh! não!...
Da espada de D. Martinho,
ficou-me um punhal na mão!
de nobre, fiz-me bandido;
paguei traição por traição!
Fiz o meu nome temido!
rasguei muito coração!
manchei muito craneo em lodo,
espesinhando-o no chão!
Era peleja sem treguas!
era guerra de leão!
Nunca vi magoas, nem prantos,
que me arrancassem perdão!...

Cancei por vingar-te, filha,
e á morte da minha Estella;
a ti... cheguei a encontrar-te,
mas nunca mais essa estrella!...

. . . .

Eu era rico! os sedentos,
roubaram-me o tecto e o pão!
Eu que fôra algôz d'algòzes,
d'esses ladrões fui ladrão!

. . . .

Esse escripto de demonios,
é de teus tios, Guiomar!
Hei-de arrancar-lhes as vidas...
Hei-de-os primeiro insultar!...»—

—«Pae! vosso punhal sangrento,
repulsae!
Por alma de minha mãe!
perdoae!

A victima infeliz d'improba sorte,
vêde o que ella escrevia á triste filha,
momentos antes de chegar a morte:

—Filha! não posso agasalhar-te em vida;
rosa pendida que te vais finar!
quem te arrancára d'essas mãos ferozes
dos meus algôzes, que te vão matar!

Á campa vamos! Ai! depois da morte,
quem sabe a sorte a que estas almas vão!...
Que anceio! filha! que toldado abismo!...
tu... sem baptismo!... e eu... sem confissão!...

Não! Deus é pae! sómente os maus condemna!
Foi por quem pena, que penou Jesus!
Sejam meus prantos do baptismo as aguas!...
Deus! pelas magoas que te deu a cruz!

Vae, filha! os anjos te recebam ledos!
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a séde,
por mim lhe pede, que tambem morri!

Vae! Dize aos anjos que te dem seus cantos,
por estes prantos que meus olhos tem!
e se em mim perdes maternal ternura,
a Virgem pura que te seja mãe!...

Ai! flor de neve com doirada coma!
que alvor! que aroma! se não perde aqui!
Ai! rosa minha de matiz vestida;
que amor! que vida! que eu sonhei por ti!

Teu pae, rojado por ingloria senda,
que vida horrenda viverá tambem!...
rico inda hontem, poderoso e nobre!
hoje tão pobre, que nem nome tem!

E eu fui a sombra que toldou de escuro
todo o futuro que o verá viver!...
Eu fui a estrella que em logar de um norte,
lhe aponta a morte que o fará morrer!

Aos meus perdôo, que me deram tratos;
raça de ingratos! com quem eu vivi!
Não choro os dias que sonhei serenos...
que em paga ao menos, morrerei por ti.

A ti, a ella, deixarei sómente,
num beijo ardente o derradeiro adeus!!
Correi, algôzes! já me não confranjo!
martir e anjo, tem direito aos ceos!»—

. . . .
. . . .

Que duas fontes de pranto
que borbulhavam nos olhos
de D. Jayme d'Aguilar!...

. . . .

Como em seu pae se enroscava,
toda carinho e suspiros,
pranto e soluços, Guiomar!

. . . .

—«Pae! não medites vinganças!
em nome da tua Estella!!»—

. . . .

—«Pois bem, filha! aos seus algôzes,
perdôo!... por ti!... por ella!...»—

A porta cahiu dos gonzos!...
guardam cem vultos o umbral!...

. . . .

Solemne um'hora soava,
na torre da cathedral.

Seis dias passaram. No setimo dia,
depois d'esse drama que eu vi no prostibulo,
nas ruas o povo discorre á porfia;
de negro na praça campeia o patibulo.

Marchava sereno, cercado, o valente!
de padres e cruzes, soldados e cirios.
A escoria diffunde-se, e ondeia contente!...
que as festas da escoria, são dores! martirios!

E no topo ajoelhou
do cadafalso infamante;
mirou de roda um instante,
mas nem sorriu, nem chorou.
Tinha ali perto Guiomar,
toda de lucto vestida,
como virgem dolorida
que o vinha do ceo guardar.

E a filha disse, a chorar:
(e o pae ouviu-a a rezar.)

—«Chorei a todas as portas,
nenhuma porta se abriu!...
Pedi!... bradava!... insultei-os!...
ninguem parou, nem me ouviu!

Que sorte, meu Deus! que sorte
que tu me tinhas guardada!...
Já vêdes, pae, que dou morte!
Tenho de ser engeitada!»—

—«Padre! um favor derradeiro;
ide entregar-me Guiomar
ao tugurio hospitaleiro
de Germano d'Aguilar.
Jurais-m'o?»—
—«Juro!»—
—«Obrigado!
Filha! já tens pae, bem vês;
em vez d'um tão desgraçado,
outro... não menos talvez!...
Leva este abraço ao mesquinho;
a Anninhas, dous beijos meus;
estes ais a D. Martinho!...
agora, Guiomar... adeus...»—
. . . .
. . . .

Horas depois, raiava a liberdade,
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de Dezembro. Emfim disperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceo e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias,
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da forca, por moimento,
e por brandões de enterro... as luminarias!

Que mais querem de nós? apoz tamanha
galhardia d'algôz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia?
não lem seu feitos?... Que nos quer a Hespanha?...

Quer insultar a lapide funerea
que pesa sobre vós, heroes de *Ourique!...*
Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, ecos da Iberia!

FIM.

NOTAS

AO

POEMA

NOTAS

Pag. 10 ver. 1 e 2.

Como festiva Fogaça,
n'um dia de romaria

Este poema nasceu na pequena aldeia de Parada de Gonta, freguezia de S. Miguel do Oiteiro, concelho de Tondella, districto de Vizeu. Vem isto para dizer que elle é provinciano chapado, beirão dos quatro costados, e aldeão sem mistura.

Apresentando-se agora no grande mundo litterario, faz diligencia por apparecer com todo o aceio que as suas posses lhe permittem e a sua educação lhe aconselha.

O que elle porém não pretende é esconder a sua origem.

Honra-se d'ella e por ella, e faz até certa gala em não deixar um momento sequer a minima duvida sobre a sua procedencia.

O seu maior desejo é contar sinceramente as coisas da sua terra, e á moda da sua terra.

Nasceu muito longe dos portos de mar; como havia de conhecer e amar outro mundo que não fosse o seu Portugal primeiro que tudo e quasi com exclusão de tudo!

É verdade que á primeira vista parece que nada d'isto vem para o caso dos dois versos que servem de texto a esta nota:

Como festiva Fogaça,
n'um dia de romaria;

pois vem.

Os que não conhecem a provincia da Beira e não téem assistido ás suas romarias, não sabem o que seja a minha *Fogaça.*

No dia da romaria, os frequentadores do arraial hão-de ver entrar no templo a chusma de romeiros que vai depor no altar as offrendas e promessas que por curas e milagres o santo mereceu aos piedosos e felicitados.

Pois no meio d'essa turba lá vão algumas das mais bellas raparigas d'aldeia, vestidas de branco, com um cinto de matizes, um lenço de seda ao pescoço, flores no peito e no cabello, meias de abertos e chinellas novas.

Heis de vel-as como entram no templo cercadas do respeito de todos os velhos, dos amores de todos os mancebos, da inveja das suas iguaes, e da ufania de suas mães que as acompanham!

E o garbo com que levam á cabeça o seu açafatinho cheio de trigo, ornado com arcos de flores e laços fluctuantes de fitas!

Nada mais gracioso do que o provido cestinho, alteando para o ceo a sua garganta de rosas, e requebrando as suas azas de matizes com as ondulações das auras! Verdadeira ave do paraiso, que se vos figurará presurosa de levar ao presepe de Jesus, ou á gruta do santo eremita, a offrenda immaculada do pão d'aquelle dia.

Aqui tendes a minha *Fogaça;* com mais propriedade lhe chamariamos *Fogaceira,* porque *Fogaça* é rigorosamente a offerta; como porém ao conjuncto da offrente e da offrenda se chama tambem *Fogaça,* não hesitei no emprego d'esta palavra.

Pag. 10 ver. 12 e 13.

No centro, grave e campeiro,
se ergue o palacio da aldeia,

Venho aqui pedir perdão da palavra—*campeiro*.

Não é (que eu saiba) usada, nem mesmo autorisada pelo alto sacerdocio da lingua portugueza; é adjectivo provinciano, e applica-se a tudo o que occupa um grande espaço de campo relativamente a outros objectos da mesma especie. Assim se diz: *casa campeira, arvore campeira, estrada campeira*, etc.

Sendo o meu poema tão provinciano, não me pareceu que devesse engeitar uma expressão, que, se não é muito da côrte, é comtudo muito de Portugal.

Pag. 13 ver. 11 e 12.

Contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro!

Sabem todos o que eram as *hostes do Priôr do Crato;* um troço de bons e leaes portuguezes, armados quasi exclusivamente da sua fé, *guardando* a vida e a fortuna de um homem que andava correndo *á ventura* de terra em terra e proclamando os que chamava seus direitos á corôa portugueza.

Creio pois que não haverá erro historico em fazer dizer a D. Martinho, um dos seus mais fieis partidarios, aquelles dois versos.

E foi contra este grupo de valentes, quasi inermes, que um dia á voz do Duque d'Alba se *despovoou Castella* para vir sobre a ponte d'Alcantara trucidar um punhado de valentes, que se deixou esmagar sob aquella mó immensa sem lhe arredar pé!

Grande politica! grande victoria! e sobre tudo, grande general!

Pag. 17 ver. 2 e 3.

De roxo rosmano,
de giestas em flor.

Na Beira, e especialmente no ponto da Beira onde a acção se passa, diz-se indistinctamente *rosmano* ou *rosmaninho.*

Pag. 27 ver. 11.

Rosto negro, suado e prazenteiro,

O meu amigo Teixeira de Vasconcellos aconselhou-me nas suas *Cartas profanas* a que na segunda edição supprimisse ou substituisse neste verso a palavra *suado.* Achava elle que uma compleição delicada podia resentir-se de tremor nervoso ao vêr inundado o rosto do meu trabalhador.

Tenham paciencia as debeis compleições. Em todos os rostos eu supprimiria o suor, menos no do homem que trabalha. Era protestar contra a sentença de Deus, que *condemnou ao suor os filhos do peccado:—Ex sudore vultus tui vesceris pane.*

As bagas do suor são as perolas da fadiga, são os brilhantes da pobreza. Deixemos esse thesoiro a quem não tem outro; deixemos na fronte do operario esse diadema que Deus concedeu á realeza do trabalho.

Pag. 27. ver. 15 a 18.

E novos e velhos ao ver D. Martinho
como se topassem um Rei, ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frontes tirando os chapeos!

Bons costumes são os das nossas aldeias que sabem ainda saudar o homem que é o seu anjo tutelar, o amigo, o compadre, o padrinho, a providencia de todos os seus visinhos, o *Portugal velho* emfim, que tentei desenhar em D. Martinho. Vão-se perdendo entre nós os originaes d'estes quadros; bom é que d'elles fique ao menos a memoria, que é sacrario das saudades.

Quanto seria justo para os seculos que foram, e util para as edades por vir, que poetas e pintores copiassem do natural, e recompozessem das lendas e tradições os costumes e caracteres que vão naufragando nas ondas d'este estrangeiramento que nos ameaça, que nos invade, que nos engole, que nos mata!

Nas *Flores d'aldeia* foi este o meu intuito; poucoxinhos são certamente os quadros que desenhei, mas préso-me de que todos são verdadeiros e conscienciosos. Creio até que sacrifiquei um pouco o poeta aos intuitos de historiador; não me arrependo. Não conheço nada mais poetico do que a natureza, nem mais attractivo, do que a verdade; no canto, como nas cores; na lira, como no pincel.

Pag. 48. ver. 23.

Não saias, minha irmã; senta-te ahi.

Porque não deixaria eu que a casta menina que andára tão bem avisada em se levantar, não saisse do salão, como tencionára? Porque havia de D. Jayme dizer-lhe

Não saias, minha irmã; senta-te ahi.

Não fôra melhor que Anninhas, a pudica virgem, não ouvisse a longa narração d'amores que D. Jayme ia confiar a seu irmão? d'amores que tinham chegado ao termo de todos os li-

mites? d'amores cujo epilogo era narrado na carta da infeliz Estella, em que vinha feita a confissão da deshonra? Não fôra melhor que tudo isto não offendesse os castissimos ouvidos da pobre Anninhas que tão prudentemente quizera sair do salão?

Talvez, mas se este passo era mais prudente, carecia de certo de naturalidade.

D. Jayme, quando vê que seu irmão está mais informado dos seus amores do que elle podia sonhar, determina contarlhe as suas desditas; e que haveria nellas que sua irmã não podesse ouvir? Depois, D. Jayme d'Aguilar tinha a sufficiente educação para não ir diante de uma menina mais longe nas suas confidencias do que a delicadeza lhe permitisse. O enthusiasmo ou a magoa vencem muitas vezes a intenção do homem, e arrebatam-no até onde elle não pensava ir. Se isto aconteceu a D. Jayme, acreditae, aconteceu tambem ao poeta. Quando se escreve um poema, o autor não está de fóra da sua obra a medil-a, a guial-a, e a julgal-a, que é a missão do critico; não; o poeta consubstancia-se em cada um dos personagens do seu poema; apaixona-se, ama, odeia, vinga-se com cada um d'elles; a fantasia dirige o estro a seu capricho, e o estro dirige a penna; o poeta tem delineado sómente o plano geral do seu trabalho; os pequenos traços, os pormenores, as minudencias da obra, surgem espontaneas debaixo da penna, e quasi surprehendem o poeta. São os prazeres do trabalho. D. Jayme, seguindo a narração dos seus amores e desditas, chegou a esquecer-se de que sua irmã o escutava; comtudo as suas confidencias pódem justificar-se até á leitura da carta da sua amante, que elle certamente não tencionava ler. Um incidente inesperado o veiu forçar a isso. D. Martinho entrára no salão, e vinha confiar a D. Jayme a sua espada, para que fosse com ella ennobrecer-se e esquecer. D. Jayme vê-se forçado a ler a carta d'Estella para fundamentar a sua recusa. Já vos disse que o poeta se consubstancia nos seus personagens; pois bem, o poeta esque-

cera-se de que Anninhas estava ali; mas quando olhou por todo o salão atravez dos olhos humidos de D. Martinho em procura d'uma consolação e d'um amparo para o saudoso velho, achou-a a costurar ao canto da sua janella, e foi então que lhe communicou toda a sua magoa no verso ultimo d'este canto:

Anninhas! ficamos sós!

Em nada d'isto eu pensei quando fiz a primeira edição; agora que um reparo amigavel me fez reflectir, achei o quadro naturalissimo, e, fiado no testemunho da minha intima consciencia, deixei o traço accidental tal qual o dera na primeira edição.

Pag. 55 ver. 13.

Na Cava de Viriato.

Se eu me propozesse escrever sobre este monumento, de que Vizeu tanto e com tanta razão se ufana, não seria nas estreitas margens d'uma nota, mas numa larguissima memoria que o faria.

As recordações d'aquella extensa fortaleza circumdada de grossissimas muralhas de terra, grande parte das quaes é já hoje hortas e searas; os largos fossos que a circunvalaram, razos d'agua como um cinto de aço luzente, e de que hoje só uma pequena parte se encontra com o nome de—*Lago da Cava*,—marasmatico, turvo e quedo como a derradeira lagrima d'um gigante que acaba de expirar; e emfim queixumes ao municipio por presencear inerte e de braços cruzados aquella devastação ominosa, que dia por dia se está fazendo na mais formosa perola da nossa Beira, que brilhou engastada na corôa rustica do *Pastor do Herminio:* tudo isto era para volumes.

Quem desejar ter uma larga noticia da *Cava* e d'outras an-

tiguidades de Vizeu, leia as memorias do meu patricio o sr. José de Oliveira Berardo, um dos mais eruditos antiquarios do nosso tempo, e achará leitura de valia.

O meu fim por agora é fazer notar aos meus leitores, que todos os logares em que se passam as scenas do meu poema, têem verdade historica e topographica:

A *Cava;* a *Quinta do Bosque*, com a sua casa velha e a sua ermidinha situada atraz do *Giestal;* a *Balsa*, pequena povoação na margem esquerda do Pavia, ficando entre a Cava e a Quinta do Bosque; a capellinha do *Senhor da boa passagem*, no alto da *Via Sacra* a léste da cidade; o alto do *Vizo* no seguimento de uma das estradas mais curtas de Vizeu para Hespanha; depois, a aldeia de *Parada; a casa de D. Martinho*, com o seu largo povoado de altissimos freixos, a sua *capella vistosa*, a sua cantaria de granito e as suas *janellas rasteiras;* a *Fonte da figueira*, hoje chamada *Fonte figueira;* a choça da nossa Anninhas, visinha do *Carvalho da avoenga*, a cuja sombra tantas vezes brinquei na minha meninice... (tiveram o estulto valor de o cortar! aquelle regalo dos rapazes! aquelle abrigo dos velhos! aquelle patriarcha do arvoredo! aquelle bisavô da aldeia!... Creiam; tenho saudades d'elle como as teria d'um bom amigo); emfim a *cidade da Guarda;* a *Cruz da Faia;* as *Limpas de S. Paio*, o *Miradouro*, a *Sé;* e a *Torre de Menagem*, hoje conhecida, creio eu, pelo nome de *Torre dos Ferreiros.*

Lisboa, não a tinha visto ainda quando concluí o meu poema, e foi por isso que nem ao menos pude fallar naquella famosa *casa de D. Antão d'Almada* onde se fez a conspiração de 1640, de que foi chefe o Doutor *João Pinto Ribeiro.*

Pag. 65 ver. 15 e 16.

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;

Assim o pensava tambem o *Abbade Vertot* quando escreveu a *Historia das revoluções em Portugal;* ibi—*Les portugais peu unis entre eux,* etc.

Pag. 80 ver. 7.

A porta rodára nos gonzos velleiros!

Velleiros, é outro adjectivo não autorisado pelos mestres da lingua, mas muito usado na provincia para designar os gonzos ou engonços sobre que roda a porta sem difficuldade, e sem ranger; parece-me ser necessario, e o ter origem provinciana não é motivo para se despresar.

Pag. 91 ver. 6 e 10.

Na patria de D. Duarte,
que circumdou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão do seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era Corregedor.

Nem todos sabem que a Vizeu coube a honra de dar o berço a El-Rei D. Duarte, e que ainda hoje na rua da Cadeia se mostra aos viajantes a casa em que elle viu a luz. Julguei a proposito dizel-o para clareza do texto, e por que é meu empenho não deixar de mencionar quanto possa dar lustre a uma terra que é quasi a minha patria.

Durante os sessenta annos da dominação castelhana, entre os corregedores de Vizeu, conta-se esse mau portuguez Diogo de Macedo e de Albuquerque, como se póde ver em inconcussos documentos que existem nos archivos municipaes.

Os muros de Vizeu chamaram-se sempre—*Muros de Viriato.*

Pag 145 ver. 25 e 26.

A Madrid ha quatro dias
chegava da Catalunha...

É quasi ocioso lembrar aqui que um dos planos concebidos pelo Conde Duque d'Olivares para enfraquecer Portugal era empregar nas guerras de Castella, especialmente na Catalunha, a flor dos nossos mancebos. Tirava-se o melhor sangue a este pobre paiz!... a atrofia era de esperar!... Bons desejos se enterram.

Pag. 158 ver. 8 e 10.

Era em Abril, meus senhores,
que nossos paes no SEINAL
junto de ALCACER SEGUER,

Facilmente se vê neste episodio que se passa numa manhã de Outubro, que estamos no anno de 1640, e que se prepara a revolução do 1.º de Dezembro. João Pinto Ribeiro sonda os animos e alimenta esperanças, tendo de tornar ambigua a sua linguagem para illudir a policia castelhana.

O que mais cumpre notar, é que tudo o que referi relativamente aos *bravos de Mazagão* e de Luiz de Loureiro, capitão general de *Mazagão* e de *Çafim* é rigorosamente historico, e que o são igualmente todos os nomes que no episodio figuram. Parecia-me bem que se fizessem conhecer, quanto possivel, estas nobilissimas miudezas da nossa historia, que tantas conta, e tão pouco se sabem.

Encontrei esta narração circunstanciada num livro que se guarda na *casa do Loureiro*, solar da familia d'este appellido. O livro é a narração miuda da vida de Luiz de Loureiro, commendador de S. Thomé de Penella, da ordem de Christo, do conselho do senhor rei D. João III, governador e capitão ge-

neral das praças de Santa Cruz, de Cabo de Aguer, Çafim, Mazagão, Arzilla e Tangere; Adail Mor d'este reino.

Foi escripto por Lourenço Anastacio Mexia Galvão, e impresso em Lisboa no anno de 1782. Quem o ler poderá notar a exacção com que versifiquei a historia.

Pag. 171 ver. 13 e 14.

Ninguem póde já hoje duvidar
que o Senhor de Bragança ahi conspira

Lede os annaes d'aquelles tempos, e principalmente o que escreveu J. P. Ribeiro, e vereis quanto cuidado punha o gabinete de Castella em attrair a Madrid o Duque de Bragança, e com que bom conselho elle foi procrastinando a sua ida. Bem sabia o Conde Duque que direitos pertenciam a D. João de Bragança; possuir o reino, era muito; assenhorear-se do Rei, cuidava elle que era tudo. Poucos mezes depois, Portugal era um reino, e D. João IV não se lembrou da pagar a Filippe IV a visita que lhe ficára a dever o Duque de Bragança. Foi uma descortezia que D. Filippe nunca perdoou, e no excesso da sua ira mandou que um fidalgo da sua côrte reptasse o *rebelde* D. João de Bragança para um duello singular ! ! !

Que boas cabeças nos governaram por 60 annos !

Ai Cervantes ! que gargalhadas que tu déste no outro mundo quando viste realisado o teu Quixote !...

Pag. 184 ver. 18 e 19.

Depois de dormir, jantar ;
depois de jantar... partir.

Aqui, sim; aqui preciso de me justificar por ter apresentado tão bom um caracter que todos sem contradição mencionam como tão mau.

Miguel de Vasconcellos, sorrindo com bondade a um criminoso que tem de disfarçar-se cada dia e cada hora para não cair nas mãos da justiça!

Miguel de Vasconcellos o assassino, o algoz, o Caim de seus irmãos, o ministro inflexivel, o inimigo implacavel, animando, protegendo um dos maiores inimigos de Castella!... E comtudo eu concebi assim o temido Miguel de Vasconcellos que foi, no fim de contas, um verdadeiro algôz d'esta nação.

Não creio que haja inverosimilhança.

Na historia dos perversos haveis de encontrar rasgos generosos que vos hão-de espantar; o homem, embora seja prêsa do Demonio, nunca deixa de ser filho de Deus. Podia citar mil exemplos do passado e do presente para provar-vos que até na mais tenebrosa alma penetra por momentos um raio de luz.

De mais, o modo porque D. Jayme se apresenta, podia por inesperado produzir uma surpreza salutar na alma sombria do Valido.

Depois, quem vos diz que Vasconcellos era implacavel por indole! Não podiam circunstancias accidentaes ter-lhe entregado o cutello d'algôz ao pé do cadafalso da sua patria?

Quando elle era menino, não no arrancou o povo de Lisboa dos braços de seu pae? não lh'o trucidaram a seus pés? não lhe arrastaram á sua vista esse venerando cadaver ensanguentado, pelo immundo lixo das praças e ruas?

Uma creança! uma creança é o terreno virgem, onde germina com espantosa rapidez, rebenta, cresce, e se desdobra em flores e fructos a semente do mal como a do bem.

A vingança semeada na infancia a enraizar-se e a vestir-se de gomos na adolescencia, a robustecer-se e a fructificar na virilidade, é, como todas as ruins paixões, um cancro d'alma que chega quasi sempre a ser reputado incuravel pela medicina moral.

Aquella semente foi regada com o sangue d'um pae!...

Que homem, d'entre os que se présam de melhores, póde calcular como ficaria se visse matarem-lhe seu pae?!

Mas quando estas razões se não julguem sufficientes para os que vêem só uma natureza perversa em Miguel de Vasconcellos, ha uma razão politica que me parece justificar plenamente o seu procedimento para com D. Jayme; os *Cezares* estavam já desacreditados na côrte, e numa carta de Diogo Soares a Miguel de Vasconcellos, que foi achada no cartorio do Deão de Braga e publicada por Pinto Ribeiro, lá se recommenda ao Valido que não se fie nos *Cezares* que estavam desconceituados, e eram *filhos d'aquelle pae que nós conhecemos.* São palavras formaes.

Em vista d'isto, ninguem deve estranhar que o *cruel* ministro protegesse D. Jayme contra os Cezares d'Aragão.

Pag. 226 ver. 22 a 25.

Confiscos, prescripções, prisão, patibulos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o riso em dor.

Eram estas as instrucções da côrte de Hespanha: e se o pejo me não paralisasse a mão, transcreveria uma carta do mesmo Diogo Soares, instrumento cego e vil do Conde Duque, em que aconselhava a Vasconcellos a torpeza das torpezas, e com a qual justificaria plenamente estes tres versos, especialmente o segundo:

As familias tornadas em prostibulos.

Isto era desde 1580 até 1640. Que seria hoje?

Lêde o que escreve todos os dias a imprensa d'aquelle paiz, e conhecer-lhe-heis o animo.

Álerta todos os portuguezes! Não é nobre despertar odios, mas é justo recordar a historia.

Sabeis para que escrevi este poema? para responder ás aspirações annexionistas da Hespanha, acordando o eco d'aquelle formidavel—NÃO!—que fez estremecer o proprio Napoleão I quando perguntou a um fidalgo portuguez se queriamos unirnos á Hespanha.

Pag. 241 ver. 20 e 21.

Já perto do chafariz,
abraçando as aguadeiras

Ha hoje ao pé da cidade da Guarda, e na estrada que vai da *Cruz da faia* para as *Portas d'El-Rei*, um formoso chafariz chamado *da Dorna;* mas não é a este que o texto se refere. Um pouco mais distante da Guarda, na collina fronteira á cidade, e perto da mesma estrada, encontram-se ainda hoje as ruinas d'um antigo chafariz que se chamava *das Forneiras* ou *das Padeiras*, não sei bem qual dos nomes. O primeiro d'estes chafarizes é modernissimo; e fica tão perto da cidade, que a transformação de D. Jayme entre esses dois pontos fôra pelo menos inverosimil. Foi pois ao pé do *Chafariz das Forneiras* que o espião de Castella viu a transformação de *D. Jayme.*